

MEMÓRIA ALENTEJANA

CEDA (Centro de Estudos Documentais do Alentejo – Memória Colectiva e Cidadania) | Director: Eduardo M. Raposo | Periodicidade Anual: 2026 ■ N.º 47 ■ 3€



Charneca de Caparica e Sobreda

na Diáspora

Uma terra com *história*
futuro



FREGUESIA
CHARNECA DE CAPARICA E SOBREDA

VILAS DINAMICAS

JF-CHARNECACAPARICA-SOBREDA.PT

01 Editorial

CEDA

- 03 Homenagem a Conceição Matos e a Domingos Abrantes
- 03 Lançamento da Revista "Memória Alentejana"
- 04 No lançamento de "Á Soleira da Porta"
- 04 11º Aniversário do Cante
- 05 Centenário de José da Fonte Santa
- 06 50 Anos do Poder Local Democrático

CADERNO TEMÁTICO

- 07 Charneca de Caparica e Sobreda
- 08 Entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda - Pedro Matias
- 12 Território, História, População e Patrimónios
- 16 Solar dos Zagallos
- 19 O Círio de Nossa Senhora do Cabo
- 20 O Cante na memória remota dos Charnequeiros
- 21 Mobilidade no Estuário do Tejo
- 23 Mata Nacional dos Medos e Arriba Fóssil da Costa da Caparica
- 24 O novo Auditório
- 24 Casa das Associações e Espaços para Entidades Sociais
- 26 Figuras - Alda Fidalgo
- 28 Figuras - António Rodrigues Anastácio
- 30 Figuras - Fernando Jorge Fernandes
- 32 Figuras - Isabel Henriques
- 34 Figuras - Miguel Duarte
- 36 Figuras - Víctor Reis

GRANDE ENTREVISTA

- 38 Entrevista com o Presidente da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo - José Manuel Santos

DIÁSPORA

- 46 Grupos Corais
- 48 O Futuro do Cante
- 50 Entrevista com Fernando Matos Silva
- 52 O meu 25 de Abril
- 54 Entrevista com José Pereira

CADERNO TEMÁTICO

- 56 António Chainho
- 64 António Borges Coelho

EFEMÉRIDES

- 71 Constituição da República Portuguesa
- 73 A Constituição de Abril
- 74 Federico García Lorca

CRÓNICAS

- 76 A Chegada do Vinho ao Alentejo
- 77 Desertificação
- 78 Alentejo na criação musical

80 BOLSA DE TURISMO DE LISBOA

ACONTECENDO

- 81 Livros e CDs

95 A FECHAR

Foto: Pedro Soares

**Eduardo M. Raposo**

Director
Presidente do CEDA
eduardomraposo0@gmail.com

O Alentejo... e a Constituição

“A revista é muito importante no panorama cultural e na defesa da identidade alentejana”

José Manuel Santos

Esta edição, a nº 47 da *Memória Alentejana*, é dedicada à Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS) no contexto da Diáspora, no Concelho de Almada, onde estão radicados mais de 50 mil naturais e descendentes de alentejanos, ligeiramente superior ao número de habitantes da cidade mais populosa do Alentejo, Évora.

Acontece que tem sido nesta Freguesia que, no Concelho de Almada, temos vindo, desde finais de 2017 quando, o Autarca e Amigo Pedro Matias – almadense descendente de um Alentejano – ele e a sua Equipa tomaram posse, citando outra Amiga grande, Ana Paula Amendoeira, rapidamente esta Autarquia se tornou “Um parceiro seguro e de confiança na qualidade e persistência do trabalho realizado ao longo dos anos (...)” (*Memória Alentejana*, n.º 44, 2022). O Pedro Matias, mas também a actual Vice-presidente, Alda Fidalgo, uma mulher de armas, a “Autarca modelo”, como é apelidada na Rúbrica “Figuras”, mas também o Amigo Fernando Jorge Fernandes, que surge na mesma rúbrica. A Ana Paula Amendoeira, já estávamos no fecho desta edição, nas vésperas de começar a ser impressa foi oradora no VI Encontro do CEDA, em Alcácer do Sal, (28 Março), onde foram ainda oradores os Amigos Rogério de Brito, presidente

da Assembleia Geral do CEDA, e Manuel Macaísta Malheiros, ambos homenageados, assim como João Honrado, sócio nº 1, homenageado postumamente. A sessão assinalou os 50 anos da Constituição da República Portuguesa, como é referido “A Fechar”.

A Ana Paula Amendoeira é uma referência para todos nós. O Alentejo, os(as) Alentejanos(as) devem-lhe muito por tudo o que fez em prol da nossa Identidade e Memória Patrimonial, nomeadamente durante os 10 anos em que foi Directora Regional da Cultura (2013–2023) e também nos 12 anos em que chefiou a Divisão de Acção Cultural do Município de Reguengos de Monsaraz (1996–2008) onde o CEDA realizou o XIII Encontro a que dedicou uma edição da Revista. Com a saída da Vice-presidência da CCDR Alentejo para a Cultura é um ciclo que chega ao fim. Obrigado, Ana Paula!

Neste ano de 2026 cumprem-se 50 anos, a 2 de Abril, sobre a aprovação e promulgação da constituição da República Portuguesa. O CEDA assinala o importante acontecimento com dois colóquios: o já referido, em Alcácer do Sal e outro dia 10 de Abril, em parceria com a JFCCS com os deputados à Constituinte José Manuel Maia e Alberto Antunes, onde também vai estar patente a Exposição “Almada: 50

Anos do Poder Local Democrático” (PLD) da Associação Amigos da Cidade de Almada. Esta edição assinala esta data estruturante da Democracia com dois artigos dos então deputados José Manuel Maia e Artur Cortez - em 2016 saiu uma edição dedicada aos 40 anos do PLD, em parceria com a CIMAC, numa justa homenagem ao PLD e uma separata realizada então na CCDD Alentejo. Assinalamos também os 90 anos do assassinato de Federico García Lorca, executado a 17 de Agosto de 1936 pelos insurrectos que instauraram a ditadura franquista durante 40 anos. Em Setembro prevê-se, em parceria com o Teatro Extremo, assinalar a datas com programa a divulgar.

Mas, logo a abrir, no âmbito do ciclo “A importância da Memória na defesa da Democracia”: os colóquios de homenagem a Conceição Matos e a Domingos Abrantes e o mais recente, de homenagem ao Mestre António Chainho, e ainda nota da Exposição e sessões realizadas no Museu do Neo Realismo, na passagem do centenário de José da Fonte Santa- autor da imagem logótipo de CEDA – assim como o lançamento da edição anterior da *Memória Alentejana*, em Viana do Alentejo e na Charneca de Caparica e do livro *À Soleira da Porta*, a celebração do 11º aniversário do Cante Património da Humanidade na Charneca e os 50 anos do PLD, em Almada.

No Caderno principal, Charneca de Caparica e Sobreda, a entrevista, muito interessante, a Pedro Matias, um Autarca ao serviço da população e, como refere: “Orgulho-me do nosso trabalho colectivo”, seguindo-se um artigo contextualizador desta Freguesia que engloba a Charneca de Caparica e também a Sobreda sobre: “Território, História, População e Patrimónios”, assim

o *ex-libris* deste território e até do concelho, no que ao património construído concerne, o Solar dos Zagallos.

Victor Reis, antigo autarca e historiador local apresenta-nos o Património Imaterial Charnequense; “Romaria dos Cirios” e “O Cante na Memória remota dos Charnequeiros”. Aliás, Victor Reis, homenageado na referida exposição está aqui em destaque, na Rúbrica “Figuras”, ele e os seus colegas autarcas António Anastácio, Miguel Duarte e Fernando Jorge Fernandes – o único no activo enquanto autarca mas noutras funções, todos eles, tais como Isabel Henriques e Alda Fidalgo, ligadas ao PLD.

A mobilidade, a Mata dos Medos e Arriba Fóssil, o novo Auditório, a Casa das Associações e o vasto trabalho social, cultural e desportivo realizado pelo Executivo da JFCCS ficam aqui em destaque.

Sobre a Diáspora, ainda os grupos corais sedeados em Almada: Os “Amigos do Alentejo, do Feijó”, os femininos “Recordar a Mocidade” e “Cantadeiras” e o Cante na Escola” mas também a reflexão sobre a necessidade de se debater o futuro do Cante, reflexão quer o CEDA tem vindo a patrocinar nos últimos anos, mas que urge realizar num fórum alargado aos responsáveis dos grupos corais, investigadores, entidades, uma realização que o CEDA, em parceria com os “Amigos do Alentejo”, a JFCCS e apoios de entidades como o Turismo do Alentejo e Ribatejo prevê realizar em 2026. Nas Figuras da Diáspora, o Cantador e Amigo José Pereira e um dos mais importantes realizadores deste país, Fernando Matos Silva, de Vila Viçosa, e um depoimento de Judite Matos Silva, um magnífico relato de como ambos viveram e participaram na “noite que se fez dia” no nosso país.

Ponto alto desta edição, excelente como outros “momentos” já referidos e a referir, a entrevista ao Presidente da Região de Turismo do Alentejo e Ribatejo, José Manuel Santos, que ao longo de oito intensas páginas nos fala, entre muitos outros, no processo – vencedor - em curso, da internacionalização do Turismo do Alentejo porque “O Alentejo tem todas as condições para ser um grande território na Europa”, para o que é necessário “ambição, arrojo, organização”.

Homenageamos ainda os nossos sócios fundadores e não só, Amigos sobretudo, António Chainho e António Borges Coelho num Caderno com excelentes textos/depoimentos respectivamente de João Callixto, Pedro Tadeu, Vítor Paulo e Nuno Sampaio, assim como de Helena Pato, Luís Farinha - a Biografia existente no Aljube - e Santiago Macias, a que agradecemos a disponibilidade e empenho. (O de Paulo Sucena, devido a razões de saúde, sairá na próxima edição)

E chegamos às Crónicas, também de se lhe tirar o chapéu: A chegada do vinho ao Alentejo: Fenícios e a mediterraneização do consumo; Território – Desertificação e Talha e Virtualha – Casas com Alma - desta feita “Alentejo, na criação musical”.

No “Acontecendo” em Destaque *O Abraço da Guitarra – António Chainho, António Borges Coelho* homenageado pelo ICIA, *Histórias da História da Charneca de Caparica*, de Victor Reis, *Flores de Cinza*, de Dora Gago e *O Martini das onze e meia*, de João Luís Nabo, e mais livros, e discos, muito bons e festivais, BTL, Encontros, etc totalizando 33 assuntos até “A Fechar”.

Um pequena Equipa, reduzida mas empenhada, entusiástica, leva até si um pouco do (nosso) Alentejo!

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A CONCEIÇÃO MATOS E A DOMINGOS ABRANTES

Este Colóquio de Homenagem a Conceição Matos e a Domingos Abrantes foi um momento único:

Único pela emoção quem que Conceição Matos com a sua voz doce que por vezes ficava embargada nos sensibilizou a todos com o seu depoimento que no final todos nós lhe bate-mos palmas de pé;

Único pelo sentido de humor, subtiliza e fluência verbal ímpar com que Domingos Abrantes - ele que está com 89 anos e foi preso político durante 11 longos anos - nos descreveu ao detalhe a célebre fuga em que participou com mais 9 presos no carro blindado que tinha sido de Salazar e lograram evadir-se da Caxias depois de uma longa e minuciosa preparação que durou 19 meses.

Terminou com os amigos Francisco Naia, acompanhado pelo Rúben Martins, interpretando "Na Rua António Maria", que o Zeca dedicou a Con-



ceição Matos, poema que a PIDE aprendeu ao Zeca quando este foi preso e que acabou por não gravar e "Por trás daquela janela" - Álbum "Eu vou ser como a toupeira" (1972), dedicada ao irmão de Conceição, Alfredo Matos. Outro momento único.

Na mesa com os homenageados estivemos nós e os amigos autarcas, Pedro Matias e Fernando Jorge Fernandes, respectivamente presidente

do Executivo e presidente da Assembleia da Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda, que com o CEDA realizou esta sessão ímpar.

Um momento de luta em que através da Memória se falou de Futuro!

Aqui fica o link para quem quiser visualizar a sessão e registo fotográfico pelo amigo Alex Gandum <https://www.youtube.com/watch?v=phva3a96wbM>

Lançamento da Revista "Memória Alentejana" em Viana do Alentejo e na Charneca de Caparica

Registos fotográficos do lançamento da Revista Memória Alentejana, nº 46, "Romaria a Cavalho Moita - Viana do Alentejo", em:

- Viana do Alentejo, no passado dia 17, no âmbito da FICO - Festival de Ilustração e Criatividade em Olaria - apresentação em que usámos da palavra com o Chefe de Gabinete do Município, o Amigo Eduardo Luciano, com a participação ainda dos Amigos Chaves e Zé Pinto e a Susana atrás - na foto - e do João que a tirou

- Na Diáspora, Charneca de Caparica, no passado dia 19, no Auditório António Rodrigues Anastácio,



Junta de Freguesia de Charneca de Caparica, na apresentação com a Amiga Alda Fidalgo, do Executivo da JFCCS e amigos(as) do CEDA. Partici-



param ainda diversos amigos(as) em Mesa-redonda. Aqui as fotos são do Alex e da Vera (JFCCS). Nos 25 anos da "Memória Alentejana"

NO LANÇAMENTO DE “À SOLEIRA DA PORTA” (30 de Março) Foi sobretudo um encontro alargado de Amigos

Às sempre sábias palavras do Pedro Tadeu, com uma exímia análise do livro, pontuada com excertos de crónicas e entrevistas bem elucidativas, juntaram-se as palavras fraternas do autarca Pedro Matias e do editor Fernando Mão de Ferro. Amigos de três décadas, ou mais, que me deixaram emocionado pelo respeito, admiração e carinho demonstrados que ainda que tendo considerado até excessivas não deixaram de me envaidecer - pois sou de carne e osso, como qualquer cidadão.

Houve também lugar para a poesia, que dissemos, assim como a Anita.

Os meus agradecimentos e um abraço fraterno aos amigos referidos, à Alda da JFCCS, aos presentes, como foi o caso do António Nabo, Director da "Folha" - que assina um dos textos do prefácio- e veio de Montemor com a companheira, aos amigos e companheiros dirigentes associativos: o Alex, autor destas fotos, o João, o Chaves, a Zé Pinto - com a sobrinha Paula - o



Moutela, o Palma, mas também a Isabel, a Ester, a Sofia, o Roque - que chegou no final, devido às aulas de piano, e os compadres - os outros avós do Roque, a Ana e o Quim, ou os autarcas e ex-autarcas Fernando Jorge, o António Matos, o António Anastácio, o José M. Maia e outros e outras que simpaticamente participaram neste momento de partilha de afectos, de partilha da luta pela dignidade, pela construção da utopia, pela rigor - em desfavor da mediocridade e hipocrisia - pela vontade de fazer dos provavelmente impossíveis realizáveis, por abnegação e por continuar a acreditar e a construir um mundo melhor, pela LIBERDADE!



Obrigado, Amigos(as)!

Depois seguiram-se sessões, onde o CEDA esteve de alguma forma associado, enquanto parceiro ou outro, em:

Almada – na Almada Mundo – 27 Abril; Montemor-o-Novo (este Município foi patrocinador da edição) - Biblioteca Almeida Faria; Feira do Livro de Lisboa – 9 de Junho; Teatro Estúdio António Assunção – Teatro Extremo – 21 de Junho (no poste de 18/7); Viana do Alentejo – Biblioteca Municipal 15 de Setembro;

Carnide – Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde. 8 Novembro

O 11º ANIVERSÁRIO DO CANTE CELEBRADO NA CHARNECA



No passado dia 2 de Dezembro o 11º aniversário do Cante Património da Humanidade foi dignamente assinalado no concelho de Almada.

As comemorações de "Almada Homenageia o Cante", decorreram, como em anos anteriores, na Charneca de Caparica, no Auditório Antó-

nio Rodrigues Anastácio da respectiva Autarquia, resultado da parceria CEDA e JFCCS.

Foi uma excelente iniciativa. Nesta área do Cante "foi a melhor", confidenciava o Amigo Autarca, Pedro Matias, presidente da JFCCS.

Depois da sessão de abertura e da apresentação da Comissão de Honra, com a participação de cerca de 30 personalidades Regionais do Alentejo, do Cante, das Autarquias e do Associativismo, teve lugar um momento único, a Mesa-Redonda "O Futuro do

Cante: Ensino; Património; Turistificação; Profissionalização?", com os Amigos José Manuel Santos, presidente do Turismo do Alentejo e Ribatejo, Ana Paula Amendoeira, então Vice-presidente para a Cultura da CCDR Alentejo, Paulo Ribeiro, músico, professor e ensaiador e do poeta José A. Chocolate Contradaças. Foi um momento de excelência, tal não acontece no Alentejo – no que ao Cante concerne - confienciava-nos José Manuel Santos no final.

De seguida houve uma actuação das Cantadeiras de Essência Alentejana e a finalizar, um momento especial com os Amigos do Alentejo de Feijó, fraternos e excelentes como sempre.



Foi transmitido em directo e está disponível no site da JFFCCS.

Aqui ficam registo da autoria do Amigo Alex Gandum.

<https://youtu.be/2GmHw42Jsm0> - Amigos do Alentejo do Feijó

<https://youtu.be/3eAguG4dMj0> - Amigos do Alentejo do Feijó

<https://youtu.be/iuQ6ZDVxARg> - Amigos do Alentejo do Feijó

<https://youtube.com/shorts/-o0YfR> - Amigos do Alentejo do Feijó

<https://youtu.be/hrf9xVNSK0I> - Amigos do Alentejo do Feijó

(A partir do Facebook Eduardo Manuel, 14 Dez. 2025)

NO CENTENÁRIO DE JOSÉ DA FONTE SANTA MUSEU DO NEO-REALISMO



Foi no passado dia 21, Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo.

Na inauguração da Exposição "Homenagem do Centenário - Poeta José da Fonte Santa", de que fiz a Curadoria.

Na Abertura da Exposição, com o Director do Museu, David Santos - que prossegue um excelente trabalho na valorização da Memória Colectiva e Identitária, como referimos na sessão, no auditório - e o Presidente do Município, Fernando Paulo Ferreira.

Na sessão de doação oficial ao Município do espólio do José da Fonte Santa, que fica agora depositado em permanência no Museu, sessão com a Isabel (Fonte Santa) e o Edil. seguindo-se o momento cultural em que intervim eu, o David Santos e a Isabel, dizendo alguns poemas do pai, nomeadamente o seu primeiro poema conhecido e mais neo-realista "Lavrador da Várzea Grande". com a presença de alguns amigos, familiares e a Equipa Técnica do Museu com quem trabalhei

Fotos e vídeo registados pela Anita e pelo Luís Filipe Gomes

21 de julho de 2025 ·

Conteúdo partilhado com:
Público

@destacar

VISITA GUIADA

MUSEU DO NEO-REALISMO

Decorreu ontem no Museu do Neo-Realismo uma visita guiada à exposição de Homenagem ao Centenário de José da Fonte Santa por nós, que fizemos a Curadoria, com a presença de amigos do poeta Neorealista - como Nédia Correia e Rogério de Brito - e a sua neta., Sofia Raposo.

Foi uma sessão muito intimista, até porque a esmagadora maioria dos presentes eram amigos(as) e os depoimentos tanto da Nédia, como do Rogério, como da Sofia - que disse dois poemas, fizeram daquele um momento especial.

Dei também o meu contributo referindo alguns aspectos da Vida e obra do Fonte Santa e lendo um depoimento, muito bonito de Nuno Crato, publicado no livro "Memória(s)" (1999), editado aquando da homena-



gem a José da Fonte Santa- que este era professor nos EUA, recordando umas férias grandes passadas na Lagoa de Santo André, nos anos 60, quando conheceu, entre outros, o Fonte Santa.

Mas o momento teve um brilho especial pois tivemos a presença da Vereadora Manuela Ralha, que nos recebeu e esteve sempre connosco

com a sua enorme simpatia que, não obstante as suas limitações de mobilidade, irradiava uma imensa luminosidade que não deixou ninguém indiferente.

Foi uma tarde bonita.

Imagens gentilmente cedidas pelo director científico do Museu do Neo-Realismo, David Santos, a quem endereçamos a nossa gratidão.

11 de setembro de 2025 ·

E como o mundo não para aqui fica mais um CONVITE

Desta feita para Domingo agora no Ribatejo em Vila Franca de Xira

Visita Guiada no encerramento da Exposição José da Fonte Santa.

Temos o gosto de vos convidar para a sessão de encerramento deste exposição de Homenagem a José da Fonte Santa por ocasião do seu centenário.

Dia 14/9, Domingo, 15h30, Museu do Neo-Realismo.

Gostaríamos de contar com a Vossa participação...

No final temos ainda possibilidade de visitar a Exposição sobre Rogério Ribeiro, patente neste Museu.

ALMADA ASSINALA 50 ANOS DO PODER LOCAL DEMOCRÁTICO



A " Almada: 50 anos do Poder Local Democrático" realizada no âmbito no 31º aniversário da AACA concretizou um programa diversificado, intergeracional e de grande qualidade e onde se reafirmou a convicção profunda na Democracia e no 25 de abril, Iniciou com uma sessão com cinco dezenas de autarcas e dirigentes associativos., na Oficina de Cultura – 17 a 31 Janeiro 2026

1º Momento

Várias intervenções de representantes das Autarquias e Associações parceiras da Associação Amigos da Cidade de Almada

O CEDA e a Almada Mundo, autarcas – presidentes da UFACPPC, JFCCS, Vereadora Francisca Parreira -



que também representou a CMA – homenageada tal como o Vereador Luís Palma, e os antigos autarcas: José Manuel Maia, António Anastácio. Marcaram presença vereadores das três maiores formações partidárias almadenses - PS, CDU, PSD - e representante do LIVRE.

2º Momento

Colóquio A DEMOCRACIA, A MEMÓRIA E O FUTURO.

Excelente sessão na Oficina de Cultura protagonizada por José Manuel Maia, deputado a Constituinte e a Assembleia da República, onde foi presidente, Autarca, antigo presidente da AMA e Pedro de Moraes, activista associativo e antirracismo e de apoio à imigração, antigo membro do



Conselho Geral da ESFMP, estudante de Direito. Uma conjugação perfeita entre a Memória e o futuro.

3º Momento

A APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE PEDRO TADEU

Apresentação em Almada do livro do Amigo "Porque sou comunista. Confissões de um jornalista burguês". Com a casa cheia - cerca de 80 pessoas A apresentação esteve a cargo do Nuno Gomes dos Santos, de quem o Pedro é amigo desde o ensino secundário e nós moderamos. Foi a".

A terceira sessão, de excelência, tal como as anteriores.

(A partir de postes do Facebook Eduardo Manuel, 19 e 26 de Janeiro e 3 Fevereiro de 2026)

Charneca de Caparica e Sobreda



PEDRO MATIAS

Presidente da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda



**Um Autarca ao serviço da população
“Orgulho-me do nosso
trabalho coletivo”**

Pedro Miguel Amorim Matias iniciou em Outubro 2025 o seu terceiro mandato como presidente da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica Sobreda.

Conheci o Pedro no início dos anos 90, era ele estudante no Instituto Politécnico de Beja. Costumava estar a preparar os seus materiais de estudo onde eu ia tomar café a seguir ao almoço, próximo do meu local de trabalho. Ao longo dos anos fomos encontrando e a nossa amizade consolidou-se quando após tomar posse como autarca em Outubro de 2017 surgiu o desafio de alargarmos ao território da Charneca e Sobreda as sessões anuais – e outras – assinalando o aniversário do Cante Património da Humanidade. O Pedro sensível ao Cante e às temáticas alentejanas, ou não fosse ele filho de um Alentejano de Estremoz, logo abraçou a ideia, seguindo-se nos anos seguintes, até à pandemia uma parceria tripla CEDA, Charneca de Caparica e Sobreda e Feijó, Laranjeiro, intercalando a sessão formal da abertura com a apresentação da Comissão de Honra.

O Pedro Matias orgulha-se duplamente de ter ascendência alentejana e ser “Um filho de Almada”, de quem é defensor intransigente – afirmando que Almada tem um ADN próprio, sendo um apoiante activo do

associativismo – foi activista na juventude e actualmente é presidente da Assembleia Geral da Associação Amigos da Cidade de Almada - e das diversas propostas lúdicas e culturais que lhe batem à porta, com abrangência e sem qualquer sectarismo ao mesmo tempo que defende com frontalidade, “sem papas na língua” os seus pontos de vista, pensando pela sua cabeça, não se submetendo a directrizes partidárias ou outras.

Esta postura disponível e fraterna já possibilitou a realização de cerca de 40 eventos nestes pouco mais de oito anos, contando para o bom êxito das sessões um apoio logístico decisivo “no terreno”, da actual vice-presidente Alda Fidalgo, mas também outro amigo, Fernando Jorge Fernandes, que preside à Assembleia de Freguesia, ambos em destaque na rubrica “Figuras” desta edição. É com o autarca e amigo Pedro Matias que ficamos à conversa.

Memória Alentejana - Pedro, a freguesia a que presides – hoje união com a junção da Sobreda – sempre foi a mais extensa em termos geográficos e é actualmente a mais populosa do concelho de Almada. Como a caracterizarias em poucas palavras?

Pedro Matias - Sim, esta freguesia no seu extenso território e diversidade é um diamante por lapidar, começa a terminar a sua ruralidade para ser um território iminentemente urbano.

Esta freguesia cresce, e é muito procurada pelas suas características, a proximidade à Mata Nacional dos Medos e à praia da Fonte da Telha.

É NECESSÁRIO TER UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO PARA OS PRÓXIMOS ANOS

Tendo a Charneca um aumento de população na época estival, que constrangimentos, ou responsabilidades acrescidas representa esta característica populacional? Qual a importância da indústria turística para a economia local tendo em atenção a frente de praias/ribeirinha próxima?

Estes territórios da Charneca de Caparica e Sobreda tem problemas acrescidos no verão, porque passamos a ter um aumento da população residente de 53.000 para 80.000 e com isso existe uma sobre carga das nossas infraestruturas e serviços prestados.

No actual contexto estes territórios necessitam de ser pensados, e ter uma estratégia de desenvolvimento para os próximos 5, 10 ou 15 anos em diferentes áreas, habitação, mobilidade, turismo, equipamentos públicos e no emprego necessitamos de uma estratégia para captar empresas com produção de alto valor acrescentado e nessa medida a criar de emprego qualificado e bem remunerado.

O turismo como referi è neste momento uma área sem grande impacto, para além de alguma restauração e de 1 hotel temos pouco para oferecer, no entanto a Herdade da Aroeira é um ponto de atração pela oferta do golf.



Que balanços fazes do trabalho realizado nestes oito anos de em que estás à frente dos destinos desta Autarquia? Queres destacar algumas áreas de intervenção/obras realizadas ou em curso?

Quando chegamos à Junta de Freguesia em 2017, encontrámos uma freguesia desestruturada, foi necessário fazer um diagnóstico rápido e começar a trabalhar.

Faço um balanço muito positivo ao trabalho coletivo que realizámos, e deixo aqui o meu agradecimento a todos aqueles que ajudaram a mudar o paradigma, trabalhadores, empresas e parceiros.

Sabemos o que muito já foi realizado, mas continuamos a querer fazer mais e melhor.

Das obras realizadas destaco 3 áreas realizadas:

- a) A reconversão da Ex EN 377 em via urbana.
- b) O plano de asfaltamento realizado nos últimos 8 anos e que irá continuar até ao final deste mandato.
- c) O investimento na construção do Auditório da Junta de Freguesia foi financiado integralmente por nós sendo este é um espaço com capacidade para 300 pessoas

O TÚNEL ALGÉS TRAFARIA É UM INVESTIMENTO ESTRUTURANTE PARA O PAÍS, PARA A PENÍNSULA DE SETÚBAL E EM PARTICULAR PARA ALMADA

A mobilidade foi durante décadas um problema estrutural na Charneca que, nos últimos anos com a construção da via rápida A 33 e requalificação da EN melhorou substancialmente ainda que haja em hora de ponta constrangimentos, em especial nos acessos próximos das instalações da Junta. Qual a situação actual?

A nível concelhio e no atravessamento do Tejo como está o projecto do túnel da Trafaria que tem sido uma bandeira tua e de outros autarcas locais?

A mobilidade na freguesia é crítica, temos um problema que nos afeta particularmente que é o pórtico do Nó da Queimada na A33, no qual lutamos há alguns anos para que seja suprimido.

O pagamento do pórtico coloca a circulação que dirige para sul da freguesia a passar no centro da vila transformando a mobilidade num calvário.

Também somos penalizados com o enorme volume de tráfego na circulação que vai para Corroios, concelho do Seixal

para fugirem ao pagamento da portagem no A33, entrando na freguesia da Charneca de Caparica e nessa medida provocando um desgaste nas nossas infraestruturas viárias.

Também gostaria de destacar o túnel Algés Trafaria, investimento estruturante para o país, para a Península de Setúbal e em particular para Almada.

Depois de muitos debates, colóquios e reflexões quero realçar a importância que teve a Junta de Freguesia Charneca de Caparica e Sobreda ao colocar na agenda do dia este tema da mobilidade este as duas margens do Tejo, tendo até criado uma Associação para esse desenvolvimento, agora tivemos boas notícias em que o governo autorizou a I.P. a realizar despesa no valor de 5.5 Milhões de euros para aprofundar os estudos técnicos do túnel.

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO É UM PARCEIRO ESTRATÉGICO, DESEMPENHA UM PAPEL DETERMINANTE NA NOSSA FREGUESIA

A nível cultural e desportivo a JFCCS é muito activa, talvez até a mais activa nas freguesias de Almada. Que aspectos, - realizações e dificuldades - destacas na extensa e diversificada programa da Autarquia a que presides?

Temos muito orgulho no trabalho que foi realizado pela Junta de Freguesia mas realço também as parcerias com o nosso movimento associativo, ao nível do desporto, cultura, recreio, são parceiros estratégicos no desenvolvimento da freguesia.

O NOVO AUDITÓRIO É TAMBÉM PARA SERVIR A COSTA, A CAPARICA E A TRAFARIA

A construção recente do novo Auditório - inaugurado em Setembro do ano passado - veio colmatar uma falha grave: a inexistência de uma sala de espectáculos moderna e de dimensões médias na freguesia e também no conce-

lho, se excluirmos a freguesias "urbanas. Qual o aproveitamento pode ter o novo Auditório para promover ainda mais as actividades culturais, da freguesia do concelho de Almada e não só? Quais as grandes linhas de força programáticas? Já há programa para 2026?

A construção do Auditório foi pensada na necessidade da freguesia, mas também a todo território a sul do concelho, como a Costa de Caparica, a Caparica e a Trafaria.

Queremos uma programação anual de música, teatro, dança, poesia e todos aqueles que podemos realizar estando o espaço ao serviço da nossa comunidade em particular do movimento associativo das escolas e das IPSS.

Em Novembro passado a JFCCS associou-se à celebração dos 24 anos da Associação das Coletividades do Concelho de Almada. O que representa para a Junta a força e a importância das colectividades, em especial as sedeadas na JFCCS?

O movimento associativo desempenha um papel importante e determinante na nossa freguesia são eles que substituem o estado nas diferentes áreas, no desporto, na cultura, recreio e no conhecimento, temos celebrado com o nosso Movimento Associativo contratos programa de desenvolvimento local para pudermos responder às necessidades da população nas diferentes áreas.

Praticamente desde que tomaste posse, em Outubro de 2017, que temos vindo a trabalhar em parceria, falamos do CEDA e a Revista Memória Alentejana. Desde o Cante Alentejano assinalando diversos aniversários de Património Imaterial da Humanidade - trouxeram à Charneca personalidades como Ana Paula Amendoeira, José Manuel Santos ou Paulo Ribeiro, mas também a apresentação de livros e discos e ciclos de colóquios como o "A

importância da Memória na Defesa da Democracia" possibilitaram a vinda de Raquel Varela, Carvalho da Silva, Durand Clemente, António Rosado da Luz, Manuel Freire, Francisco Fanhais, Pedro Tadeu, Ana Baião, M^a Helena Carvalho dos Santos, M^a Emília Brederode Santos, entre outros criando um público, pois já são cerca de 40 acções.

Como vês esta parceria e como caracterizas o trabalho do CEDA e da Memória Alentejana da defesa e divulgação da memória e da auto-estima identitária?

Como sempre procuramos dar visibilidade a temas e a personalidades que defendam a liberdade e a democracia.

Todos as personalidade que referiste e que estiveram presentes nos colóquios realizados pela CEDA e pela freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda, foram o exemplo de cidadania e de participação pública para que o nosso país encontre respostas para os seus problemas definitivamente.

Quanto à Revista Memória Alentejana é um gosto pessoal participar numa revista que trabalha com o Alentejo, apesar de não ter nascido no Alentejo sou filho de um alentejano e a força das nossas raízes representam a base sólida, familiar, cultural e espiritual que nos sustentam perante os ventos da vida.

Qual a relação com os estabelecimentos de ensino sedeados no território da Junta e como vês a possibilidade do ensino do Cante em sala de aula?

Temos um relacionamento muito bom com as escolas da Charneca e na Sobreda. Quanto ao Cante, tudo aquilo que seja para valorizar o Cante deve ser apoiado, acho que é possível e extremamente enriquecedor para a integração curricular nas suas várias vertentes.

"Nunca lhes seremos suficientemente gratos", foi assim que te referistes ao trabalho dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas na comemoração - em janeiro passado - dos 135 anos desta insti-



tuição. Qual a relação que a JFCCS tem com os corpos de bombeiros do concelho de Almada?

As nossas associações de Bombeiros são de uma enorme importância na freguesia e no concelho, o apoio às populações no socorro e no combate a incêndios rurais e urbanos é determinante e cria um sentimento de segurança da população no nosso território.

Quando os Almadenses construíram a frase “Nunca lhes seremos suficientemente gratos” essa foi a forma de reconhecimento e de homenagear os bombeiros pelo trabalho realizado.

**ESTAREI SEMPRE
DISPONÍVEL PARA
TRABALHAR PELA MINHA
TERRA**

Foste recentemente eleito para o Conselho Directivo da ANAFRE para os próximos quatro anos. Que responsabilidades implicam esse cargo?

Mais um desafio como autarca foi ter sido eleito como vogal do Conselho Directivo da ANAFRE.

A ANAFRE representa as freguesias, somos parceiro social do estado e de

enorme relevância para a defesa das populações.

Como sempre as freguesias são determinantes na qualidade de vida das populações em muitas matérias, e nessa medida é urgente repensar um novo formato de funcionamento das autarquias, mas em particular das freguesias.

O mundo mudou as exigências de hoje são diferentes daquelas que tínhamos a 10 ou 15 anos, é necessária uma nova visão para dotarmos as freguesias de mais competências para esta nova realidade.

Quais os principais projectos a realizar pela JFCCS neste mandato que acaba em 2028?

Os nossos novos objetivos para este último mandato são aqueles que foram assumidos no programa eleitoral que foi sufragado em outubro de 2025, continuamos com a mesma ambição de melhorar algumas funções que desempenhamos, mas a grande aposta é a requalificação do espaço público.

Como vê o futuro do PLD? E o futuro político do Pedro Matias enquanto actor do serviço público?

O poder local democrático foi determinante para resolver os problemas do país depois do 25 de Abril de 1974.

Foram os autarcas que transformaram os territórios com as infraestruturas, nomeadamente o saneamento básico, abastecimento de água pública, escolas, parques infantis, pavilhões desportivos e ruas asfaltadas com passeios...

Quanto ao meu futuro político será aquele que os almadenses quiserem, como sempre estarei disponível para trabalhar pela minha terra.

Ter nascido, crescido e estudado em Almada é um grande privilégio porque aqui fui formado na política, no desporto, no movimento associativo, e agora com 9 anos de autarca a visão sobre o território é plena, pretendo contribuir com a minha experiência, para melhorar a vida das pessoas, instituições e das empresas.

Um lema para o futuro

Todos a construir o futuro!

**Entrevista conduzida por
Eduardo M. Raposo
com José Alex Gandum**

CHARNECA DE CAPARICA E SOBREDA

Território, História, População e Patrimónios



A Charneca de Caparica fica situada a 2 km das praias da Costa da Caparica com uma população permanente de mais de 30.000 habitantes e mais de 15.000 sazonais, ocupa uma área de cerca de 23 km². As suas coordenadas geográficas são 38°37'14"N de latitude. Integra a União de Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda desde 2013 – Lei nº 11/2013 de 28 de Janeiro – fez parte da Freguesia da Caparica até se tornar freguesia autónoma a 4 de Outubro de 1985 – Lei nº 125/85 – alcançando a categoria de Vila oito anos e meio depois, em 2 de Julho de 1993 – Lei nº 35/93.

A Charneca de Caparica, quando freguesia já era a maior do concelho de Almada, com uma área de 2.526 hectares, isto é cerca de 35% do território concelhio e face à união com a Sobreda, atingiu recentemente os 50.000 habitantes, sendo a freguesia mais populosa do concelho ao ultrapassar a União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade e Cacilhas, que detinha essa primazia populacional.

O seu topónimo terá origem de uma “ampla planície árida e deserta” ou “uma imensa charneca incapaz de muitas nem grandes povoações. Por ser a maior parte dela estéril para as sementeiras” (Luís Mendes de Vasconcellos, 1608), (REIS, pp. 24 e 25), no entanto, a sua localização geográfica, próximo de cursos de água e do oceano, bem como a orografia e características geológicas terão possibilitado a ocupação humana pré-histórica, nomeadamente estações

paleolíticas em Marco Cabaço, Vale de Cavala e Palhais, devido à proliferação de calhaus de quartzito usados para o fabrico dos instrumentos então usados pelos nossos antepassados, tendo as peças encontradas – bifaces, lascas, furadores e outras – ferramentas Acheulenses, provavelmente do Paleolítico Médio. (REIS, pp. 15 e 16)

A Charneca de Caparica devido às suas origens de características rurais e pouco povoada, constituída por pinhais, matos, silvados e areais, acomodada para caçadas de montaria, pois além de referências dispersas à ocupação humana em “terras de Charneca”, de um modo geral relacionadas com as situações de pastoreio e caça grossa nos prados e nos matos que constituíam a principal cobertura vegetal do território.

No território onde a referência mais antiga diz respeito ao Convento da Cela Nova, mais tarde chamado de Nossa Senhora da Rosa.

Este convento, com a designação inicial de Convento da Cela-Velha, terá sido fundado em 1410 por Mendo Gomes de Seabra em terrenos doados por D. João I para que nele fundasse um convento que albergaria eremitas religiosos de São Paulo. Terá alterado a designação para Convento de Nossa Senhora da Rosa devido a uma santa imagem que terá chegado intacta às imediações do convento, vinda desde o mar pelo esteiro acima num dia de forte tempestade.^[9]

Em 1559 os padres da Companhia de Jesus do Colégio de Santo Antão, de Lisboa, terão adquirido a D. Margarida Landim de Maia, viúva de Pedro Barriga - que fora guarda-mor da Casa da Moeda, terras de mato num local designado “Pico do Cardo”, no limite da freguesia de Caparica, terrenos que foram ampliados pela doação de Afonso Botelho. Aí foi construído uma casa ampla que juntamente com alguns casebres já existentes, vão utili-

zar como lugar de repouso e de convalescença para os padres professores do Colégio de Santo Antão.

No ano de 1570, para fugir à peste que alastrava em Lisboa, o Padre Inácio de Azevedo (actualmente beatificado pela Igreja Católica) com um esquadrão de noviços vêm para esta Quinta, mais tarde designada Quinta de Vale do Rosal, para fazerem a sua preparação física e espiritual para seguirem os caminhos da evangelização do Brasil. Posteriormente partem para o Brasil, mas quando chegam às imediações das Ilhas Canárias são atacados por corsários calvinistas e martirizados. Ficaram recordados para a posteridade como os “Quarenta Mártires do Brasil”.^[10] Aqui foi erigido o cruzeiro seiscentista (1659) em memória dos que foram martirizados.

Por outro lado, a partir de finais de 1569, Fernão Mendes Pinto terá vindo passar longos períodos de tempo na Quinta de Vale de Rosal, na Charneca de Caparica, isolando-se das suas muitas actividades que desempenhava em Almada, onde escreve de memória a sua obra mais importante, a *Peregrinação*.^[11]

Quando a 4 de Outubro de 1910 é declarada a Implantação da República na vila de Almada a propriedade da Quinta de Vale de Rosal é assaltada tendo sido incendiada a capela e destruídos todos os bens. A 16 de Outubro de 1916 um comerciante de Lisboa, de nome João Carlos, adquiriu a Quinta de Vale de Rosal em hasta pública e desde aí a Quinta de Vale Rosal manteve-se pertença das diversas gerações da família Ramalho Carlos que têm cuidado meticulosamente da sua preservação patrimonial.

Destaque ainda para outras propriedades como:

Quinta da Regateira - Foi construída em terrenos abrangidos pelo lençol freático de Vale da Rosa. Datada de 1746 é propriedade dos herdeiros de Luís Álvaro, que a adquiriu nos finais de século XIX, Tem adossada à casa principal a Ermida de Bom Jesus, devota ao Senhor do Bonfim.



Quinta de Monserrate

A sua construção original data do terceiro quartel do século XVIII, cerca do ano de 1783. Tinha no seu pátio principal uma capela votiva a Nossa Senhora de Monserrate, muito embora fosse também venerada com especial devoção a imagem de S. Luís, Rei de França. Antigamente, neste Palácio, fizeram-se grandes espectáculos de teatro com os grandes actores Vasco Morgado e Laura Alves, mas actualmente o Palácio encontra-se abandonado, vandalizado e parcialmente em ruína.

Quinta de Cima

Foi mandada construir de raiz no século XVIII por Feliciano Velho Oldenberg, nobre de origem austro-húngara, cavaleiro fidalgo da Casa Real e Escrivão da Mesa da Consciência no reinado de D. José I. Tinha uma ermida integrada no edifício principal votiva de São Miguel.

Foi posteriormente vendida ao Conde Friedrich Graf von Merveldt, de nacionalidade alemã, que mandou fazer importantes obras de restauro desde a sua aquisição em 1958, pelo que ficou conhecida por “Quinta do Alemão”. Encontra-se abandonada e em mau estado de conservação. Outras quintas a referir:

Quinta do Alvarez, Quinta dos Silvérios, Quinta do Dominginhos,

Quinta do Sequeira, Quinta do Ti Joaquim Coelho, Quinta do Caldeireiro, Quinta de São Vicente, Quinta do Senhor Enfermeiro, Quinta dos Medronheiros, Quinta do Relógio.

Património religioso a destacar:

Capela de Nossa Senhora da Assunção Quinta de Vale do Rosal. Os frontais dos altares feitos em azulejos tinham a data de 1568. Nos dois laterais – à

Reedificada parcialmente no ano de 1889 e de 1890, o fogo com a Implantação da República destruiu praticamente a totalidade da capela, que tem vindo a ser reconstruída e recuperada pelos actuais proprietários.

Ermida do Bom Jesus (Quinta da Regateira) Tem a data de 1746 gravada no portal principal que coincide com a que está pintada em azulejos colocados na frontaria da Quinta. A ermida é devota ao Senhor do Bonfim. No ano de 1990 encontrava-se esta capela em avançado estado de degradação tendo os proprietários recuperado os frescos existentes nas paredes e no tecto.

Capela de São José situada na rua com o mesmo nome do santo, Votiva de São José, foi inaugurada no ano de 1973. Além da imagem do padroeiro, na capela existem ainda as outras imagens junto a uma escultura



da aparição de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos. Esta capela está aberta ao culto público aos Sábados e Domingos.

Igreja Paroquial da Imaculada Conceição, votiva da Imaculada Conceição. Foi realizada a Primeira Missa em 25 de Dezembro de 1960, ainda a construção não estava totalmente terminada. na sequência de uma promessa concretizada relativo a António Palmeirim

sua mãe ofereceu à Igreja, conforme uma magnífica imagem talhada em madeira do Brasil.

Ermida de São Miguel, votiva de São Miguel está adossada ao corpo principal e residencial da Quinta de Cima. sido muito rica em talha dourada de que ainda existem vestígios, embora em estado de elevada degradação.

Igreja Conventual de Nossa Senhora da Rosa

Fazia parte do Convento de Nossa Senhora da Rosa, pertença dos frades paulistas que se estabeleceram na Charneca de Caparica, existindo actualmente apenas vestígios que faziam parte do arco transepto, muito danificado, cravado nas paredes laterais de uma piscina que foi construída num loteamento feito nos terrenos onde outrora se situou o Convento.

No que concerne ao Património imaterial destaque para os Cabazeiros

Certamente para fugir à dureza do trabalho dos campos surgiu traba-

lho de artesão, com destaque para as famílias charnequenses, dos “Rego”, e dos “Talego”, que ganha dimensão significativa quando os cabazes começam a ser vendidos para Lisboa, para os laboratórios da indústria farmacêutica que os utilizam como embalagem dos medicamentos para exportação.

Cabazeiros da Charneca No Botequim: o Carlos do Rego e o João do Rego Na Quinta da Bica: o Joaquim do Rego Em Palhais: o Rui do Rego, o José Filipe Talego e o Fernando Talego No Casal: o António do Rego e o João Talego.

O fabrico de cabazes terá subsistido entre os anos 20 e s década de 70. Inicialmente transportados em burros até Cacilhas, com o seu apogeu nos anos 50 a empresa “Camionetes Piedense” que fazia a ligação da Charneca com a Cacilhas em 1953 coloca veículo com ampla bagageira no tejadilho adequada ao transporte dos referidos cabazes com destino a Lisboa, via Cacilhas. Terá tido então importante papel na economia local, mas nos anos 60 registou um decréscimo terminando na década seguinte.

Esta freguesia tem fortes tradições associativistas, com destaque para o centenário do Clube Recreativo Charnequense (fundada em 31 de Janeiro de 1910), de entre mais de dezena e meia com sede no território e cinco instituições de solidariedade, para além de outras sedeadas ou a funcionar na Casa das Associações. A antiga Escola Básica Carlos Gargaté,

desde 2023 Escola Básica e Secundária integra o Agrupamento de Escolas Charneca de Caparica

Património Natural - A área protegida da Arriba Fóssil e a Mata Nacional dos Medos, esta situada na extrema sul do Município de Almada, em Charneca de Caparica, verdadeiro pulmão de toda a região, a Mata Nacional dos Medos (Reserva Botânica da Mata Nacional dos Medos), integrada no Pinhal do Rei, mandado plantar por D. João V de Portugal, que faz parte da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica. Destaque ainda para a Herdade da Aroeira e o seu campo de golfe.

Uma área natural protegida de excelência para caminhadas e usufruir do meio ambiente.

Sobreda da Caparica é uma vila portuguesa com rica história e características culturais

Anteriormente era parte da freguesia da Caparica, até se tornar freguesia autónoma a 4 de Outubro de 1985 – Lei nº 124/85 – elevada à categoria de vila em 1993.

Toponímia

Sobreda tem origem no topónimo latim *Súber* (sobreiro), árvore que vai surgir no brasão da freguesia, tendo a localidade adotado diversos topónimos como “Subereta” e “Suvereda”. A referência mais antiga conhecida surge na Crónica de D. João I, (Fernão Lopes) referindo à passagem de Nuno Álvares Pereira, em 1384. A sua situação geográfica afastada das vias de comunicação, contribuiu para a manutenção das características rurais até à segunda metade do século.

O Núcleo Urbano Antigo da Sobreda desenvolveu-se a partir do Largo António José Piano Júnior, prolongando-se ao longo da encosta virada a Norte. A arquitectura habitacional é composta por casas térreas e de dois pisos, algumas das quais apresentam pequenos pátios e técnicas de construção tradicionais da arquitectura rural semelhante à região saloia.

O actual território da Sobreda teve no passado uma forte componente rural dedicada à agricultura e,

essencialmente, ao cultivo da vinha. Por este motivo, encontramos, ainda, muitas referências na toponímia a várias quintas entretanto desaparecidas como a do Guarda-Mor, do Outeiro, ou a Quinta do Convento.

Das diversas quintas que na Sobreda se constituíram, destacam-se algumas que mantêm ainda alguns elementos que remetem para a sua função de unidades de produção agrícola mas também espaços de recreio e lazer.

A área tem uma rica herança agrícola, refletida em sua toponímia, que menciona várias quintas que existiram na região, pois o ar saudável e temperaturas menos elevadas terá levado aristocratas e posteriormente burgueses a procurar estas paragens para recreio e lazer, afastando-se assim de Lisboa, nomeadamente em períodos em que a peste atingiu a capital. Entre estas, especial destaque para o **Solar dos Zagallos**, ex-libris da freguesia e do próprio concelho, que conjuga várias vertentes como a arquitectura e a escultura residencial e religiosa mas também é exemplificativo do património natural, com toda a zona envolvente da quinta, num total de 12 hectares, com equipamento agrícola, alamedas de arvoredo, jardim, lago, fonte, os jardins - em destaque nesta edição.

Ainda que O Solar dos Zagallos tenha mantido uma ligação “senhorial” tardia com a população local até ao terceiro quartel do século XX, ao longo desse século assiste-se ao mesmo tempo que diminuem a produção devido às doenças da vinha, as quintas começam a desmembrar parcelas de terreno para habitação. A mão de obra agrícola transfere-se para as fábricas de cortiça da Cova da Piedade, de conservas e cerâmica da Quinta dos Espadeiros, ou nos depósitos de combustível da Shell-Banática, Arsenal do Alfeite. Também na própria freguesia, na Quinta do Bom Retiro, em Vale de Figueira, instalaram-se duas unidades de produção cerâmica, em 1930 e em 1950, Fábrica de Tijolo Cerâmica do Sul e Olaria Cerâmica do Sul. Na Quinta



dos Medronheiros instalou-se em 1970 uma fábrica Timex mas que encerrou na década seguinte.

Muitas mulheres dedicaram-se à costura, ambiente retratado por Romeu Correia no romance *Trapo Azul*, situado na década de 40.

O associativismo tem fortes raízes no território, como a centenária Sociedade Recreativa e Instrução Sobredense, que teria antecedentes em três clubes ou sociedades desde meados do século XIX, mas também a Associação Cultural e Desportiva da Quinta do Bau Bau, a Associação Cultural e Recreativa do Bairro de São João, também a Associação da Quinta da Carcerira ou a Cooperativa Aldeia-Lar, a que não são alheias as questões da urbanização do território face à construção ilegal, mas onde encontramos características muito diversas da Charneca de Caparica, a que não será alheio a diversidade de origem das populações, com muitos naturais de outras regiões do país, nomeadamente alentejanos, fomentando a criação de diversas formas organizativas de moradores em comissões e associações.

Entre 1982 e 2006 teve lugar o certame internacional “Sobreda BD”. Em 1987 instalou-se no território a Escola Secundária Daniel Sampaio, actual Agrupamento de Escolas homónimo.

A Pista Municipal de Atletismo Alberto Chaíça está localizado em Sobreda. Na freguesia existem ainda sete espaços de arte equestre que têm

aulas de equitação e promovem diversas actividades com cavalos, entre eles o Festival Hípico da Sobreda.

Sobreda da Caparica é assim uma localidade que combina história, cultura e natureza.

Eduardo M. Raposo

Fontes:

Armorial Lusitano, Lisboa: 1967

Arquivo de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian – “Solar dos Zagallos”, Exposição da Ar.Co -I introd. de M^a Emília Neto de Sousa, Sobreda: 1997

Centro de Arqueologia de Almada – **A Sobreda de Ontem e de Hoje**. Charneca de Caparica: Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda, 2019

JUNIOR, Duarte Joaquim Vieira Júnior - **Villa e Termo de Almada**. Apontamentos Artigos e Modernos para a História para a História do Concelho. Vol. I, Lisboa: Typographia Lucas, 1897

REIS, Victor - **Histórias da História de Charneca de Caparica**. 2^a ed. revista e aumentada. Feijó: Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda, 2024

<https://www.bing.com/search?q=charneca%20de%20caparica%20populacao%20de%20origem&form=QBRE&sp=-> (consultado a 15 e 16 de Março 2026)

<https://www.bing.com/search?q=charneca%20de%20caparica%20freguesia> (consultado a 15 de Março 2026)

SOLAR DOS ZAGALLOS

REFERÊNCIA ICÓNICA DA SOBREDA

De casa senhorial a equipamento municipal



Foi construído entre finais do século XVII e meados do seguinte, na então Quinta de Santo António. Esta assumiu diversas tipologias: casa agrícola, quinta de recreio; foi contudo, ao longo dos tempos importante pólo centralizador das relações sociais locais, a vários níveis.

O Morgadio na Sobreda, o Solar dos Zagallos e a família fundadora

O Solar dos Zagallos nasceu a partir do núcleo primitivo da Capela de Santo António da Sobreda, no sítio do ribeiro ou Largo do Rio. Vitório Zagallo Preto, almirante e cavaleiro da Ordem de Cristo, fundou em 1669 o vínculo de capela, que antecedeu à instituição de morgadio em 1745 (4 de outubro) por Rodrigo de Oliveira Zagallo, desembargador e corregedor. A construção do Solar terá decorrido entre estes dois períodos.

Sobreda tem origem no topónimo latim *Súber* (sobreiro), árvore que vai surgir no brasão da freguesia, tendo a

localidade adotado diversos topónimos como “Subereta” e “Suvereda”.

A referência mais antiga conhecida surge na Crónica de D. João I, (Fernão Lopes) referindo à passagem de Nuno Álvares Pereira, em 1384. A sua situação geográfica afastada das vias de comunicação, contribuiu para a manutenção das características rurais até à segunda metade do século XX. Martins Anes Zagallo é o primeiro membro conhecido desta família. Este cavaleiro terá sido o principal povoador de Monsaraz (1264) no reinado de D. Afonso III. A família Zagallo estabelece-se no concelho de Almada, na Caparica, no reinado de D. João II - finais do século XV.

A construção do Solar dos Zagallos: o corpo principal

Inicialmente de piso térreo, o Solar dos Zagallos tem a sua génese com a construção da Capela de Santo António da Sobreda – entre finais de XVII e meados do seguinte – conforme a respetiva cobertura azulejar da capela. Também a construção da Capela do Senhor Jesus dos Passos, bem como Capela de Santo António do Caiado e a valiosa coberta azulejar que apresenta, parecem datar deste período.

Trata-se de uma arquitetura residencial e religiosa, caracterizada por vários estilos: barroco, rococó, pomalino, neoclássico e modernismo.

Apresenta um conjunto típico de solar residencial, com vínculos de capela e casa agrícola. O barroco encontra-se numa expressiva azulejar, com uma policromia, em interiores de índole profana e religiosa.

A Capela de Santo António da Sobreda

Esta capela deu origem ao topónimo Quinta de Santo António, com uma entrada própria para o Largo do Rio. Com uma planta longitudinal, composta, irregular, tem duas janelas pequenas gradeadas, no nártex e no piso superior tem dois janelões e lumes do coro-alto, possibilitando aos membros da família – Zagallo e Piano - assistirem ao serviço religioso.

Na Capela de Santo António encontramos o barroco onde, em oposição à notória simplicidade de linhas compositivas arquitetónicas, o interior apresenta uma exuberante riqueza expressiva do azulejo de finais do século XVII e início do século XVIII, de padrão azul e branco. De uma única nave, a capela-mor, tem cobertura em abóbada de berço com pintura policroma, com simbologia litúrgica. Sobre o nártex, apresenta o coro-alto em madeira com balaustrada, enquanto o altar-mor surge destacado sobre degraus, com altar retabular de talha dourada em sarcófago, com marmoreado.

A nave, com silhar de azulejos, apresenta figurativos, com representação de cenas religiosas. A imagem do Santo está colocada num nicho, num retábulo de talha dourada, do lado esquerdo com a imagem de Santo António. A Capela de Santo António, que sofreu remodelações no século XIX, possui um acervo azulejar digno de registo, composto por dez painéis, oito deles referentes aos principais milagres de Santo António.

O piso superior

Foi construído no início do século XIX. Aqui encontramos janelas de sacada com pinhas de remate, com exterior desnivelado face ao interior, existindo um degrau para entrar. O

interior de espaço é diferenciado com divisões articuladas, de coberturas planas e pavimento de madeira, em tijoleira ou em laje: acede-se por um lance de escadas rematado por um corredor de tecto plano e chão de sobrado; paredes de azulejaria de padrões de épocas diferenciadas, tectos com pinturas, estuques e caixotões de madeira.

À esquerda surge uma sala de banho restaurada, com paredes revestidas em lajes de mármore escuro e pavimento ladrilhado em mármore colorido seguindo-se a antiga cozinha com lareira e lavadouro em cantaria, com tecto de vigamento à vista, pavimento de lajes. A cobertura exterior é diferenciada em telhados de duas águas nas capelas e corpo sul, com quatro águas na casa e seis águas em dois anexos. No piso térreo tem três séries de janelas de guilhotina, intervaladas por duas portas.

Encontramos o estilo pombalino no corpo E./O. destacando-se os princípios de simplicidade, proporção e acordo entre partes, numa arquitetura do estilo chão, maneirista, de grande funcionalidade; com uma fachada palaciana contínua, onde sobressai um segundo piso nobre, com as janelas de sacada de guardas e pinhas nos topos dos ângulos que aquelas formam, em ferro; telhados à portuguesa de duas águas.

Os salões nobres

Os salões nobres terão sido construídos para receber a visita real, que não se chegou a realizar, do monarca D. João VI – reinou entre 1816 e 1826. No final do corredor, após a sala de fumo, surgem em perpendicular ao restante edifício. Do pátio exterior acede-se pela escadaria, com varanda no cimo e três portadas para os dois salões nobres, o salão dourado e o salão verde, com estuques e pinturas delicadas nas paredes e nos tetos. A pintura dos tectos tem perspectiva em *trompe l'oeil* integrada nas cornijas destes; pinturas em soffitos, que se prolongam pelas paredes, deixando

na indefinição o início da arquitetura, com elementos já identificadores do rococó em decorativos de grande fragilidade e delicadeza do desenho.

Em 1828 é realizada no salão verde a pintura do medalhão central no teto - figurativo de Leda e o Cisne. O neoclassicismo está presente na pintura do tecto do salão verde com a inclusão de uma alegoria. Data de 1924 a última intervenção na pintura central em tela do salão dourado.

O património edificado disperso:

I – Capela Senhor dos Passos

Situada junto à alameda principal, a Ermida do Senhor dos Passos apresenta uma planta longitudinal, simples, regular, coincidência exterior/interior e uma massa simples com verticalidade. A fachada principal com portal de frontão com volutas e pináculos embebidos, dois painéis de azulejos de padrão azul e branco, figurativos, representando cenas religiosas. Por cima do altar encontra-se uma imagem do Senhor dos Passos, em terracota. A nave, as paredes da epístola, do evangelho e do altar-mor são revestidas a azulejos de padrão azul e branco do início do século XVIII. Ladeando a porta da ermida, dois arcanjos ostentam os instrumentos do martírio de Cristo na cruz. As outras três fachadas são cegas, sendo a iluminação feita por um óculo. Remate em abóbada de berço, pavimento em tijoleira, com campa rasa onde está sepultado o morgado Francisco de Paula Carneiro Zagallo e Mello (1772-1837), o primeiro Zagallo que aqui nasceu (e viveu). O interior encontra-se em estado de degradação.

2 – Ermida de Santo António do Caiado

Esta ermida situa-se a poente, no final da alameda ladeada por árvores seculares, onde é notória a frescura mesmo nos dias mais quentes do estio. Com interior revestido com a técnica de embrechado, decoração feita de conchas, fragmentos de faian-



ças e de rochas e vidro, destaca-se o revestimento frontal do altar, com azulejo do século XVII. Tem uma espécie de adro definido por dois muretes com bancos corridos em pedra e decoração com frisos de losangos em baixo relevo, porta retangular moldurada, com sobreposição de óculo de entrada de luz. Tem fachada de ângulo com cornija de coroamento, apresentando vestígios de uma cruz e pináculos nos remates dos cunhais.

À Capela de Santo António do Caiado concorriam anualmente, no dia do santo, milhares de pessoas locais e forasteiros, situando-se então a entrada principal da quinta junto a esta capela. Acomodavam-se junto à Casa da Água, onde teriam lugar os bailes e descantes, a que as raparigas dariam o tom de festa e de recreação. Esta ligação ancestral da propriedade às festas populares tradicionais da região, com entrada facultada pelos proprietários, teria lugar no século XIX, mas provavelmente teve continuidade já no século XX, com a família Piano.

3 – Casa da Água ou do Fresco e Casa das Bonecas

A Casa da Água, também denominada Casa do Fresco, é um edifício onde se recolhia a água que corria da cisterna dos jardins, possibilitando frescura e conforto a quem visitava a

propriedade no Verão. Com planta sextavada, surge um tanque de forma e bordo redondos com bica, adossado à parede, apresentando ainda um banco de pedra que corre as restantes paredes. À direita da casa de fresco, recuada, com a mesma configuração arquitetónica, mas de menor volume, surge a Casa das Bonecas, com equipamento de cozinha, em miniatura, em tijolo, onde as meninas se entretinham com jogos e histórias.

O Solar dos Zagallos no século XX

António José Piano, banqueiro de uma família originária da Itália que adquire a Quinta de Santo António em 1922, acaba por se torna um benemérito local: posteriormente doou a sede do Clube Recreativo Sobredense, fundada em 1911, aos sócios, construiu a escola primária, patrocinou obras na sede da AIRFA – onde foi dirigente - e outras obras assistenciais no concelho. O Solar dos Zagallos manteve uma ligação “senhorial” tardia com a população local até ao terceiro quartel do século XX.

O Solar dos Zagallos, adquirido pela CMA em 1982, após obras de recuperação e restauro, abriu ao público em 1993. Na entrada existe uma pedra de armas com os brasões dos Carneiros e dos Zagallos.

Para além do edificado, a envolvente dos seus jardins e espaços

adjacentes de 2,5 hectares convida ao desfrute.

Eduardo M. Raposo

Investigador Integrado –
CHAM/FCSH-UNL

Bibliografia e Fontes:

ARCOS, Conde de - Caparica através dos Séculos. Almada: Edição da Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Almada, 1972

Armorial Lusitano, Lisboa: 1967

Arquivo de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian – “Solar dos Zagallos”, Exposição da Ar.Co -Introd. de M^a Emília Neto de Sousa, Sobreda: 1997

JUNIOR, Duarte Joaquim Vieira Júnior - Villa e Termo de Almada. Apontamentos Artigos e Modernos para a História para a História do Concelho. Vol. I, Lisboa: Typographia Lucas, 1897

“Jardins com História. Jardins do Solar dos Zagallos”- Almada. Agenda. Almada: n^o 52, Julho 2015. CMA

Entrevistas a M^a Joaquina de Almeida Baptista Simões, Quinta do Bau-Bau, Sobreda – 18 e 21 Outubro 2016

Criação da Freguesia da Sobreda, no Concelho de Almada, Distrito de Setúbal, Assembleia da República, em 5 de junho de 2015, <http://www.pcp.pt/criacao-da-freguesia-da-sobreda-no-concelho-de-almada-distrito-de-setubal> (pesquisa em 24/10/2016)

<http://conhecerasobreda.blogspot.pt/p/bibliografia.html> (pesquisa em 25/10/2016)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4682 (pesquisa em 27/10/2016)

CHARNECA DE CAPARICA E O CÍRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO



O povo da Charneca sempre festejou a passagem dos peregrinos pelas suas azinhagas, deixando por momentos os seus afazeres agrícolas, vindo junto das estradas e dos caminhos dar uma saudação e desejar boa sorte. Contudo, o seu tempo de peregrinar era outro.

Nas épocas da tradição, normalmente no mês de Maio, deslocavam-se aos santuários de Nossa Senhora do Cabo e de Nossa Senhora da Atalaia a pé, de burro, de carroça e nos tempos mais recentes de autocarro. Era tempo de celebração, engalanavam as carroças forradas de azul com flores de papel e canas com a folhanga a formarem arcos. Não poderia haver melhor imagem de comunhão entre a fé e a festa, entre o sagrado e o profano.

No Círio à Nossa Senhora do Cabo a ida era de uma forma geral dispersa. Seguiam em pequenos grupos, pela praia, aproveitando a maré vazia para passarem para o outro lado da Lagoa, ou pelo pinhal, um verdadeiro “Caminho da Senhora do Cabo”. Não iam, contudo, em precisão.

Já o regresso era realizado em grupo processional. Trata-se de uma originalidade relativa aos Círios das restantes origens.

Nos anos 30/40 do século XX o Círio trazia a imagem de Nossa Senhora, mas nos anos 40/50 do mesmo século vinha somente a bandeira processional.

Chegavam à Charneca vindos do

Cabo Espichel, pelo Pinhal do Rei, no final da tarde de segunda-feira.

Na frente do Círio vêm dois anjos montados em belos cavalos brancos - outros autores e pessoas idosas ouvidas referem que são três os anjinhos - vestidos de azul com asas e elmos estilo romano, que cantam loas a Nossa Senhora em diversos pontos do percurso e nas portas das igrejas, capelas e ermidas por onde passam. Estas loas são muitas vezes escritas por reconhecidos poetas da região, como foi o caso de loas escritas por Bulhão Pato, ou nascem espontaneamente da devoção popular, umas vezes manuscritas, outras impressas em enormes laudas, como utilizavam os andarilhos cantores de feira de outros tempos, e distribuídas aos participantes no Círio para acompanharem os cânticos dos anjinhos.

A seguir aos anjinhos vem o mordomo do Círio, seguido do povo a pé e daqueles que se fazem transportar de burro ou em carroças todas engalanadas com flores de papel e canas farfalhudas colocadas a formarem arcos como atrás se refere.

Quando se aproximam do Marco Cabaço vindos de sul pelos caminhos do pinhal e aí são avistados, o Zé

Caixeiro sobe ao telhado do prédio do Mário Casimiro e lança um foguete a assinalar a aproximação. No Largo do Marco Cabaço, nas varandas das casas do Mário Casimiro e do António Melro são colocadas vistosas colchas que dão um ar ainda mais festivo ao acontecimento. É aí que se dá a primeira paragem do Círio e os anjos cantam as loas. Uma das quadras das loas que a memória dos mais antigos ainda retém reza assim:

“Nossa Senhora do Cabo
Tem as portas para Sul
Tem seu amado filho
Vestidinho de azul”

O Povo espera o Círio vestido com a sua melhor roupa, a “roupa de ver a Deus”, mas os peregrinos vêm cansados e sujos da caminhada do regresso.

Conta-se que certo ano quando o Círio regressava do Cabo Espichel o Chico do Rego postou-se no meio da estrada, junto à mercearia da Ti Maria Cláudia, no cruzamento do Marco Cabaço, não deixando ninguém passar, em defesa de uma reivindicação do povo da Charneca. A segunda paragem para cantar as loas é em Palhais junto ao comércio do Fran-

cisco José Pinho, o “Lula”, onde outras loas diferentes são cantadas.

Finalmente, entram no pátio da Quinta de Monserrate onde muito povo os espera. Das varandas são lançadas pétalas de rosas. Cantam-se de novo as loas, os anjinhos arrastam as palavras “Nooooossaaaaa Senhoo-

ooooaaaaa do Caaaaaboooooo” e fazem gestos largos e teatrais. Por vezes a seguir às loas são cantados hinos religiosos e algo de comer e de beber espera por eles. Muitas vezes a festa dura até altas horas.

Muitos dos peregrinos continuavam, depois, até à Igreja Matriz do

Monte e muitos terminavam o seu caminho na Trafaria.

Victor Reis

in "Histórias da História da Charneca de Caparica - Versão revista e aumentada", edição Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda & Victor Reis, Charneca de Caparica, 5 de Outubro de 2024, pp 82 a 84.

O CANTE NA MEMÓRIA REMOTA DOS CHARNEQUEIROS

O Cante Alentejano é considerado em 27 de Novembro de 2014 pela UNESCO Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Situa-se no Concelho de Almada um dos mais importantes núcleos de grupos de Cante, fora da região do Alentejo, fruto das importantes correntes migratórias desta região para o Sul do Tejo.

Quanto à Charneca de Caparica, embora não exista um movimento significativo do Cante, sente-se nos charnequeiros uma apetência natural para este tipo de cantares que assenta, por certo, numa remota memória deste cantar a vozes.

A origem do Cante Alentejano é, ainda hoje, polémica, prevalecendo duas teorias: A primeira, com origem nos árabes que durante cerca de cinco séculos dominam o sul de Portugal; A segunda, com origem na Escola Cantorum da Serra de Ossa, dos frades Paulistas. Segundo o padre Marvão (Marvão, 1985)

"A hipótese mais significativa é a que nos aponta a vila de Serpa como terra onde se organizou o cante Alentejano, pelo seguinte. As escolas de polifonia clássica do século XV, em Évora foram frequentadas por alguns frades da Serra de Ossa. Alguns destes mesmos frades foram mandados para Serpa onde fundaram o convento dos paulistas e Escolas de Cante Popular. Deve ter sido dessas escolas que saiu o cante alentejano. O cante alentejano tem princípio, meio e fim, pelo que somos

levados a crer que os autores das modas alentejanas tenham pessoas dotadas de conhecimentos musicais suficientes para as inventar. Estas escolas de canto popular, fundadas pelos frades paulistas da Serra de Ossa, teriam a sua origem aí pelos fins do século XV, na transição do Milénio Vocal para o Renascimento."

Também na Charneca (embora desde a criação das novas freguesias em 1986 em território pertencente a freguesia da Caparica) é fundado possivelmente ainda no século XIV ou nos primeiros anos da centúria seguinte [mas em 1414 já é habitado por eremitas], no lugar dito de Barriga, Termo de Almada, o eremitério de Barriga ou Cella-Nova que a partir do século XVI fica sujeito ao Convento Paulista da Serra de Ossa (Fundis), sendo o lugar reformado, no início do do século XV, por Mendo Gomes Seabra e posteriormente designado Convento de Nossa Senhora da Rosa, devido a um virtuoso milagre.

A influência da Escola Cantorum da Serra de Ossa ter-se-á nessa época feito sentir nos frades paulistas do Convento de Nossa Senhora da Rosa. Muitos são os religiosos de elevada virtude que vivem neste convento, de entre os quais sobressai, pela inocência pura e assombrosa caridade, Frei

Domingos da Caridade, que foi buscar o seu sobrenome à aldeia onde nasceu, na planura alentejana, perto da vila de Monsaraz.

Já muito doente, mas rico de virtudes e de merecimentos, é internado no hospital que a Ordem tinha em Lisboa, onde é confortado com os divinos Sacramentos e assistido pelos seus irmãos religiosos onde morre. O corpo é trazido numa embarcação que atravessou o rio Tejo para o Porto Brandão, onde religiosos do Convento de Nossa Senhora da Rosa o aguardam, acompanhados de muitos populares com círios acesos.

O percurso a pé desde Porto Brandão até ao Convento de Nossa Senhora da Rosa onde lhe é dada sepultura é, igualmente, acompanhado por cânticos populares e religiosos de louvação, por certo "cantos a vozes" na tradição dos frades paulistas.

Tanta religiosidade e devoção deixa sempre marcas profundas nos populares que mantêm e transmitem de geração em geração a memória das sonoridades e sentires do Cante.

Victor Reis

in "Histórias da História da Charneca de Caparica - Versão revista e aumentada", edição Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda & Victor Reis, Charneca de Caparica, 5 de Outubro de 2024, pp 43 e 44.

MOBILIDADE NO ESTUÁRIO DO TEJO

Desafios, Tensões e Caminhos de Transformação



A mobilidade no estuário do Tejo constitui uma das questões estruturantes da Área Metropolitana de Lisboa (AML), refletindo a interdependência entre geografia, urbanização, economia e políticas públicas.

O estuário, enquanto elemento natural de grande escala, funciona simultaneamente como barreira física e como eixo de oportunidades, condicionando a forma como as populações se deslocam, como as atividades económicas se distribuem e como o território se organiza.

A sua influência é tão profunda que moldou, ao longo de décadas, padrões de residência, emprego e acessibilidade que ainda hoje definem a vida quotidiana de centenas de milhares de pessoas.

1. A geografia como determinante estrutural

O Tejo, no seu troço estuarino, apresenta uma largura e morfologia que tornam a travessia um desafio técnico e logístico.

A distância entre margens, a presença de zonas húmidas sensíveis e a necessidade de preservar ecossistemas únicos limitaram histórica-

mente a construção de infraestruturas.

Esta condição geográfica contribuiu para uma assimetria persistente: Lisboa consolidou-se como centro económico e administrativo, enquanto a Margem Sul se expandiu sobretudo como território residencial, com menor densidade de emprego qualificado.

A consequência direta é um padrão pendular intenso, concentrado em poucas travessias e horários, que pressiona diariamente a capacidade das infraestruturas existentes.

2. A evolução das travessias e o papel do automóvel

A inauguração da Ponte 25 de Abril, em 1966, marcou o início de uma nova fase na mobilidade metropolitana.

A ponte permitiu uma ligação rodoviária rápida entre Almada e Lisboa, mas também incentivou a expansão urbana para sul, num período em que o automóvel privado se afirmava como símbolo de modernidade e liberdade.

Décadas mais tarde, a Ponte Vasco da Gama reforçou a capacidade

rodoviária, mas não alterou substancialmente a dependência do transporte individual.

Hoje, o tráfego automóvel nas entradas de Lisboa é um dos principais fatores de congestionamento, com impactos diretos na produtividade, na saúde pública e nas emissões de gases com efeito de estufa.

A pressão sobre a Ponte 25 de Abril é particularmente crítica, dada a sua dupla função rodoviária e ferroviária, tornando-a um ponto de vulnerabilidade sistémica.

3. Transporte fluvial com potencial elevado

O transporte fluvial é, teoricamente, um dos modos mais adequados ao contexto estuarino: rápido, energeticamente eficiente e com reduzido impacto ambiental.

Está hoje a funcionar em condições significativamente melhores do que nos últimos anos, com menos supressões, mais navios operacionais e uma aposta clara na modernização da frota.

Nos últimos meses, a Transtejo/Soflusa tem reduzido falhas de serviço e acelerado a entrada em



operação de embarcações elétricas, o que tem estabilizado a oferta.

4. Ferrovia: espinha dorsal com constrangimentos críticos

A ferrovia suburbana desempenha um papel central na mobilidade metropolitana.

A Fertagus, única ligação ferroviária direta entre margens, transporta diariamente dezenas de milhares de passageiros, mas depende exclusivamente da Ponte 25 de Abril.

Esta dependência cria um risco operacional significativo: qualquer perturbação na ponte, afeta de imediato a mobilidade de toda a Margem Sul.

A Linha do Sado e a Linha do Sul, embora importantes, não oferecem travessias ferroviárias adicionais para Lisboa, limitando a redundância e a capacidade do sistema.

A ausência de uma terceira travessia ferroviária é um dos principais bloqueios à expansão da oferta de transporte coletivo de alta capacidade.

5. Urbanização dispersa e desafios de acessibilidade

A Margem Sul caracteriza-se por uma urbanização dispersa, marcada por bairros residenciais afastados entre si, zonas industriais fragmentadas e centralidades pouco consolidadas.

Embora tenha aumentado, significativamente, a oferta de transporte público rodoviário, a realidade é que não teve impacto significativo na circulação entre margens, dada a dependência exclusiva da Ponte 25 de Abril.

6. Sustentabilidade e vulnerabilidade ambiental

O estuário do Tejo é uma das zonas húmidas mais importantes da Europa, com habitats sensíveis e espécies protegidas.

Qualquer intervenção em infraestruturas de mobilidade deve considerar:

- riscos de subida do nível do mar
- erosão costeira e instabilidade de margens
- impacto sobre aves migratórias e ecossistemas estuarinos
- necessidade de corredores ecológicos contínuos

A mobilidade sustentável no estuário exige soluções que reduzam emissões, minimizem impactos ecológicos e reforcem a resiliência climática.

7. Caminhos de transformação

Nos últimos anos, várias estratégias têm sido discutidas ou implementadas:

- reforço das ligações fluviais com embarcações de baixas emissões

- expansão da ferrovia suburbana e estudo de novas travessias
- corredores dedicados ao transporte coletivo e prioridade semafórica
- interfaces multimodais mais eficientes
- bilhética integrada e digital
- promoção da mobilidade ativa nas zonas ribeirinhas

A visão de futuro passa por um sistema policêntrico, onde Almada, Seixal, Barreiro e Montijo funcionem como centralidades robustas, reduzindo a pressão sobre Lisboa e promovendo deslocações mais curtas e sustentáveis.

8. Conclusão

A mobilidade no estuário do Tejo é um desafio complexo, que combina fatores históricos, territoriais, ambientais e tecnológicos.

A superação das suas limitações exige uma abordagem integrada, capaz de articular planeamento urbano, investimento em infraestrutura, inovação e mudança comportamental.

O estuário, longe de ser apenas uma barreira, pode tornar-se o elemento estruturador de uma mobilidade mais equilibrada, resiliente e sustentável para toda a metrópole.

Arnaldo Leite
Associação Promotora
Mobilidade Tejo

MATA NACIONAL DOS MEDOS E ARRIBA FÓSSIL DA COSTA DA CAPARICA



A Mata Nacional dos Medos situa-se na plataforma superior da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, nos concelhos de Almada e Sesimbra, ocupando uma faixa de 5 km ao longo da costa ocidental da península de Setúbal, perfazendo uma superfície de 338 hectares, uma boa parte situada na Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda. Terá sido mandada instalar pelo rei D. João V, entre 1689 e 1750, para impedir o avanço das dunas ou medos para as terras agrícolas. É atualmente o grande pulmão do concelho de Almada.

Importa explicar que as dunas e os medos são acumulações de areia formadas pela ação do vento, desempenhando um papel fundamental na proteção costeira e no equilíbrio ecológico. Enquanto "duna" é um termo geral, "medo" é uma designação mais local, comum em Portugal, para dunas de maior dimensão ou consolidadas. Vem a propósito também referir a parte fonética de medos: há quem pronuncie "mêdos", o que se confunde com o medo que é uma emoção natural e uma resposta biológica de sobrevivência, activada perante perigos reais ou imaginários. Mas como se deve pronunciar é "mêdos", portanto o "e" acentuado, apesar de não levar acento.

A palavra pode derivar de "médão" ou "meda", referindo-se a uma pilha ou monte, sendo sinónimo de duna de maior dimensão.

A Mata Nacional dos Medos é um exemplo de uma área protegida onde estas estruturas arenosas foram fixadas por uma mata de pinheiro-bravo para evitar o avanço da areia sobre as terras agrícolas. Foi classificada como Reserva Botânica em 1971, pelo decreto-lei n.º 444 771 de 23 de outubro, devido à riqueza florística apresentada. A mata apresenta grande riqueza e diversidade de espécies características do ecossistema de pinhal, sendo uma extensa área de pinhal, com pinheiros centenários e uma reserva botânica com espécies autóctones.

Na fauna ainda existente, apesar da forte pressão urbanística, persistem algumas rapinas como a águia-de-asa-redonda, o açor, o peneireiro-cinzento e o peneireiro vulgar, bem como alguns exemplares noturnos, como o mocho-galego e a coruja das torres. A lebre, o ouriço-cacheiro, a toupeira e ainda a raposa, o toirão, a geneta e o gato-bravo completam a lista da avifauna presente no maciço verde.

Algumas espécies de aves migratórias escolhem também a Mata dos

Medos para nidificação. Durante todo o ano residem no pinhal o pica-pau-malhado-grande, a alvéola-branca, a poupa, o cuco, o pintassilgo, o pisco-de-peito-ruivo, o melro, a perdiz-comum, a pega-rabuda e a gralha.

A Mata Nacional dos Medos é uma das maiores riquezas naturais e ambientais da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda. A Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica é uma zona complementar e cúmplice da Mata dos Medos.

José Alex Gandum



O NOVO AUDITÓRIO



O auditório grande, que terá a designação de não tem nome só auditório da Junta de Freguesia Charneca de Caparica e Sobreda viu iniciar as obras a 19/11/2024, no terreno adquirido pelo anterior executivo da junta de Freguesia de Charneca de Caparica do qual era António Rodrigues Anastácio presidente, e abriu ao

público com Espectáculo gospel a 27 de setembro 2025.

Trata-se de um edifício moderno, em madeira, com as seguintes dimensões 75 por 15 metros (1.125 m²) e um palco com 15 largura por 7 de fundo. Conta com 307 lugares sentados .

Todavia, como nos diz Alda Fidalgo, Vice-presidente desta Autarquia,

“Desde então nunca mais deixou de ser requisitado pela CMA, pela Assembleia Municipal, mas também por escolas, organizações partidárias e outras. Esperamos que em breve esteja equipado na totalidade, nomeadamente pretendemos instalar uma tela de grande dimensão própria para projeção de filmes.”



CASA DAS ASSOCIAÇÕES E ESPAÇOS PARA ENTIDADES SOCIAIS DA FREGUESIA

Sobre a Casa das Associações, é a Vice-presidente, a amiga Alda Fidalgo que nos elucida:

“A Casa das Associações é um imóvel que a Junta de Freguesia alugou por haver no território várias coletividades ‘sem tecto’. Quando

refiro várias, quero dizer muitas. Dispõe de quatro salas de várias dimensões e com uma utilização plena seja por associações ou por grupos informais de cidadãos. Aqui podem reunir-se, e, nalguns casos desenvolver atividades regulares, mas

também funcionando, ainda que em regime de polivalência, como sede social. É o caso da Única- Universidade Sénior, a Delegação de Almada da Liga Contra o Cancro, do CEDA, da Associação da Marcha da Charneca de Caparica, do Grupo Teatral e

Folclórico da Morgadinha, do FEM – Feministas em Movimento. Além destas ainda existem as que a utilizam pontualmente., que não vou enumerar para não ficar demasiado exaustivo. Além disso, com a descentralização de competências do estado central para a CMA, que por vez solicitou á JFCCS espaços para desenvolver competências transferidas nas áreas sociais (RSI e ação social) é utilizado regularmente para atendimento social e consultas de psicologia infantil. Além desse espaço ainda temos as instalações do antigo edifício da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica, que mantemos por ser um marco histórico do início desta autarquia, e, que foi denominado SAC- Serviços de Apoio à Comunidade onde inicialmente funcionou o GIP - Gabinete de Inserção Profissional da Charneca de Caparica, que por dinamização dos serviços, passou a funcionar no edifício sede. Neste edifício decorrem aulas de artes para seniores, um posto de atendimento, CLAIM- Centro Local de Apoio de Integração de Imigrantes, gerido pela associação Actu Vitae.

Para terminarmos esta “volta” pelos espaços que esta autarquia



disponibiliza às associações, empresas, partidos políticos ou grupo de cidadãos, faltam exatamente dois espaços:

A Multiusos da Sobreda, na qual está a ser utilizado, pela Santa Casa da Misericórdia, dois gabinetes para atendimento social. Serve de polo de apoio durante o verão aos Bombeiros de Almada, que através de protocolo com a JFCCS, garantem nessa época duas viaturas de urgência, seja para incendio ou de socorro aos cidadãos, e ainda um grupo não organizado de

cidadãos, o GADS- Grupo de Artes da Sobreda, que desenvolvem, conforme a denominação indica, a realização de diversas vertentes de artes plásticas e dinamiza em parceria com a JFCCS o já reconhecido Concurso de Presépios.

Finalizo agora, falando no Auditório António Rodrigues Anastácio.

Este auditório é por virtude da sua capacidade, indicado para reuniões, exposições, colóquios, também amplamente utilizado pelas associações da freguesia.

Alda Fidalgo, Vice-presidente da JFCCS

“Todas estas valências têm uma dinâmica social”

A Alda Fidalgo refere a seguir um pouco dos seus numerosos pelouros e do imenso trabalho que isso significa para uma Autarca modelo como ela:

“Tenho os pelouros da informática e telecomunicações; Cultura, Juventude, Desporto e Associativismo; Ação Social; Saúde e Educação.

Todas estas valências estão interligadas entre si, pois todas têm uma dinâmica social, pois todas elas fazem parte do quotidiano do cidadão.

A juventude que se concentra mais em atividades desportivas, e por consequentemente, nas coletividades que têm essa oferta, até aos nossos

Seniores, para os quais está em desenvolvimento permanente um conjunto de actividades no âmbito do lema “Seniores + Ativos # Vilas Dinâmicas”, que conta para já com atividades de passeios mensais, convívios e caminhadas, com o apoio da atividade física do programa da CMA, Alma Sénior”

Por outro lado, refere a seguir:

“A Feira da Saúde e Bem-Estar que envolve desde o início, as unidades de saúde familiar do território, o Hospital Garcia d’Orta, GNR, farmácias, diversas entidades privadas e sociais, realiza-se todos os anos

durante o mês de maio e tem como público-alvo toda a população independentemente da idade.

No entanto, há que realçar que uma freguesia com cerca de 50.000 habitantes é notória a carência de equipamentos como jardins de infância e oferta de centros de dia/lares de terceira idade.”

Não podemos de um dia para o outro ter tudo o que consideramos importante. Mas todos os dias temos o dever enquanto autarcas de reivindicar, mais e melhor para a nossa população.

ALDA FIDALGO

A Autarca modelo



Alda Maria Correia Mendes Fidalgo, nasceu em Lisboa, na Maternidade Alfredo da Costa em 9 de agosto de 1961. Muito embora já fosse habitual em tempo de férias conhecer a Charneca de Caparica, veio habitar permanentemente para esta freguesia, mais especificamente em Vale Fetal, em 1980, onde iniciou a componente associativa, na Sociedade Recreativa do Bairro da Bela Vista, a desempenhar funções de responsável da área do desporto.

Presentemente, Vice-presidente da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS) está neste Executivo desde 2017, mas já exerceu fun-

ções na então Junta de Freguesia de Charneca de Caparica nos mandatos entre 2001 e 2013, e 2013 a 2017 como eleita pela Assembleia de Freguesia.

Conhecemo-nos no Outono de 2017, quando tivemos a primeira reunião com o Pedro Matias, então recém-eleito presidente da JFCCS e percebemos logo estar perante uma Mulher de fibra.

Acumulando vários pelouros: Cultura, Associativismo, Ação Social, Desporto, Saúde, Informática e telecomunicações, tem, nomeadamente nestes três mandatos, vindo a realizar um trabalho de exceção, corporizando no terreno aquele confiança para as realiza-

ções com os parceiros, que Ana Paula Amendoeira, então Diretora Regional da Cultura do Alentejo entrevistada nesta páginas relativamente ao CEDA e a esta Revista (Grande Entrevista, nº 44, p.41) definiu sabiamente: “Um parceiro seguro e de confiança na qualidade e persistências do trabalho realizado ao longo dos anos”

Personificando neste parceira com o CEDA, já lá vão mais de oito anos e uma confiança sem limites no prosseguimento de um trabalho de grande qualidade, quer nos aniversários do Cante Património da Humanidade, quer em lançamentos/apresentações de livros e discos e nomeadamente nos ciclos de colóquios, especialmente “A importância da Memória na defesa da Democracia”, ainda em curso, caracterizados por diversidade temática assim como uma assinalável importância, quer qualitativa, quer quantitativamente.

A tal não é alheio as decisões do Executivo e da Assembleia de Freguesia corporizadas nos amigos Pedro Matias e Fernando Jorge Fernandes, respectivos presidentes e também entrevistados nesta edição. Mas, no “terreno”, a Alda garante-nos a logística e apoio decisivos para a concretização com êxito culminando o trabalho preparatório de concepção e mediação assumido pelo CEDA. É, sem sombra de dúvida uma Autarca modelo, do melhor que temos em Almada e... no país, ao nível do Poder Local Democrático (PLD).



Que caminhos te levaram ao PLD, neste caso a JFCC, posteriormente JFCCS?

Os caminhos como dizes, por vezes foram carreiros de árduas pedras. Penso que a ligação mais estruturante para isso, foi ser diretora de uma coletividade onde o então presidente da JFCC, António Anastácio, reconheceu em mim a capacidade de liderar projetos e me convidou para iniciar a vida autárquica. Sim porque é uma vida completamente diferente, o antes e o depois de abraçar esta missão.

Trabalhar no terreno, no contacto directo com as populações, qual trapezista sem rede pois requer uma dedicação quase total e absoluta, o que é certamente não é fácil, mas por outro lado muito entusiasmante. Ser Autarca é um projeto de vida?

Nem podia ser de outra forma! Quem abraça esta missão tem de estar disponível para os bons e maus momentos que existem e tentar ser, sem abandonar os seus princípios, aglutinador de

vontades e de esperanças e uni-las q.b. à realidade das disponibilidades da realidade. Sem fazer promessas em vão, mas realizando no dia a dia os projetos que considera fundamentais para a população.

Que realizações gostarias de destacar, nomeadamente nestes mais de oito anos, mas também ao longo de todos os mandatos em que desempenhaste funções no Executivo desta Autarquia?

Não consigo distinguir qual a mais importante. Foram todas! Mas não ficaria bem com a minha consciência se não referisse o seguinte. Sou mãe e, essa foi e será sempre a minha realização superior e para tal, tive a sorte de ter uma família que foi um pilar importante para eu poder ter uma retaguarda forte, que serviu de fio de suporte, para esta escolha de vida; as equipas com quem trabalhei funcionários e voluntários, que abraçaram as minhas ideias e me ajudaram a executar-las, os diversos presidentes que me deixaram transpor do plano

para a ação e colegas de executivo e de assembleia que me apoiaram. Sem eles nada seria possível, porque tudo se constrói em grupo, nunca sozinho.

Como caracterizas o trabalho realizado em parceria com o CEDA, que nestes oito anos e pouco já se realizaram cerca de 40 sessões?

Parece coisa pouca, não é? Nestas sessões tivemos todos a capacidade de despir cores políticas e discutir, reencontrar pontos de união e de conhecimento.

Como vês o futuro do PLD?

Com preocupação, mas, com confiança nas novas gerações. Temos muitos jovens com capacidade de fazer muito pela terra onde vivem. Uma terra que integre todos os que a quiserem tornar um lugar melhor para viver, crescer e envelhecer.

Um lema para o futuro

Confiança, humildade, perseverança!

Eduardo M. Raposo

ANTÓNIO RODRIGUES ANASTÁCIO



Banco, em Junho de 1966. Em Janeiro de 1967 inicia o curso de Oficiais Milicianos em Mafra, casando-se então. Em Évora, na Escola Prática de Engenharia, conclui o Curso de Minas e Armadilhas, estando já mobilizado para Angola, para onde seguiu em, seguindo-se 26 meses na Guerra Colonial, em Angola, de Março de 1968 a Maio de 1970.

Retoma a actividade bancária, nas áreas de Contabilidade e Estatística, Organização e Métodos e de Inspeção e Auditoria Interna.

Em inícios de 1982, instala-se com a família para a Charneca de Caparica. Em 1989 iniciou a sua actividade como Autarca, tendo presidido 16 anos consecutivos à Junta de Freguesia de Charneca de Caparica.

Em 2024 publica o livro autobiográfico “o miúdo”, que acompanhamos na parte final, sugerindo o editor (nosso) FMF, livro que tivemos o gosto de apresentar.

António Rodrigues Anastácio, nasceu em Alcanena, em 11 de Maio de 1944. Em Lisboa concluiu o Curso Comercial e frequentou o curso de Ciências Económicas e

Finanças, em simultâneo com actividades profissionais. numa empresa gráfica, na área da Contabilidade de Custos, na Caixa de Previdência até ser admitido num

A experiência Autárquica - Um desafio

Como foi o seu contacto inicial com o Poder Local Democrático (PLD)?

Em meados de 1989 fui surpreendido por um convite para integrar a lista de candidatos do PS à Junta de Freguesia da Charneca de Caparica. Aceitei convicto de que seria apenas mais um para compor a lista. Poucas semanas após, fui informado de que seria o primeiro da lista, o que, ainda assim, não me preocupou. Nas eleições de

1986, as primeiras da freguesia, o partido ficara em terceiro. As expectativas seriam por isso baixas, sem exigirem grande envolvimento. O sentido de responsabilidade e o meu carácter levaram-me a um comprometimento sério para atingir um resultado positivo.

Quis conhecer em pormenor, no terreno, a circunscrição a que concorria, relacionando locais com a sua toponímia tradicional e oficial.

Outra parte da sabatina, foi conhecer a situação e escala do fenómeno dos loteamentos ilegais existentes. Nunca percebi se foi por efeito do modelo de proximidade e localmente focado da campanha, mas a verdade é que no fim do dia 17 de Dezembro de 1989, com uma pequena vantagem de 33 votos, tínhamos ganho as eleições e, pouco depois, iniciaria o percurso de autarca, por 20 anos.



Realizações e Objectivos Concretizados

Quais as principais realizações/objectivos concretizados que destaca durante o seu percurso como Autarca?

As freguesias eram para mim uma realidade completamente desconhecida. Nunca entrara nas instalações da freguesia a cuja presidência acabara de concorrer. Nada sabia do universo das Freguesias, das leis por que se regiam, competências, meios, interações com os municípios, com as outras freguesias e com as instituições locais

Os resultados eleitorais impuseram uma coligação com o partido, até aí incumbente, a única viável no quadro dos resultados. Foi uma solução que não agradou às partes e causou alguns constrangimentos. Após um curto período, de trabalho conjunto e de melhor conhecimento, as reservas diluíram-se, prevalecendo o espírito de equipe e a confiança mútua, indispensável à superação das limitações e carências da autarquia.

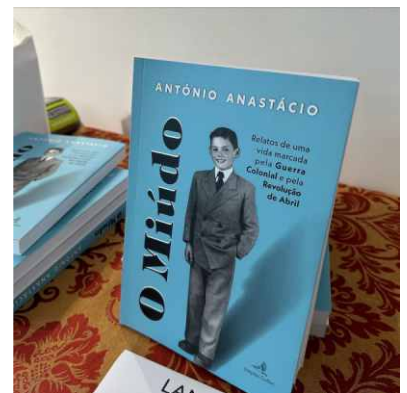
Logo de início definimos como objectivos principais, o aumento do parque escolar, incluindo níveis acima do ensino primário, a construção de um novo Centro de Saúde, de equipamentos desportivos e de um posto policial.

A existência de um quartel de Bombeiros, bem como a elevação da Charneca de Caparica a Vila, foram alguns objectivos, alcançados ao longo dos anos, com excepção da unidade ou extensão de bombeiros, sistematicamente boicotada por interesses mesquinhos, financeiros e de poder, das corporações já instaladas, com excepção dos Bombeiros Voluntários de Almada, que sempre se mostraram disponíveis.

A cedência à Junta de Freguesia das instalações da Bateria de Artilharia de Costa, desactivadas, foi um grande objectivo, para acolher várias valências, a que a Autarquia se propôs, sem sucesso, por recusa da parte das autoridades militares. Em sentido contrário, refiro o sucesso da luta contra o projecto de transferência de parques de campismo, da Costa de Caparica para o Pinhal do Inglês, na zona da Aroeira.

A nível da Assembleia Municipal, que integrei durante 20 anos, 16 dos quais na qualidade de Presidente de Junta, fui sempre um membro interventivo, no âmbito dos interesses da Freguesia que representava e de Almada, no geral.

Resta referir, com orgulho, ter sido agraciado pela Câmara Municipal de Almada, em Junho de 2004, com a Medalha de Prata de Mérito e Dedi-



cação, e, mais tarde, em Julho de 2007, com a Medalha de Ouro da mesma classe.

Como vê o futuro do PLD?

O meu afastamento de há muitos anos da vida política, autárquica e nacional, esta como mero observador, limita a minha capacidade de opinar com segurança sobre este tema. Contudo, o aparecimento de organizações e forças extremistas nos cenários políticos, nacional e autárquico, bem como o sucessivo aumento de casos de crimes financeiros, por parte de agentes políticos, do poder central e autárquico, não são bons augúrios...

Um lema para o futuro

Preocupa-me o desequilíbrio, a violência e a guerra a nível internacional, que o Trump veio agravar.

FERNANDO JORGE FERNANDES

Autarca, Sindicalista e Melómano



Fernando Jorge Amoreira Fernandes nasceu a 4 de Setembro de 1955 em Carnide – Lisboa

Oficial de Justiça, desde 1981: Técnico de Justiça Principal dos Serviços do Ministério Público (Tribunal da Boa-Hora, Juízos Criminais de Lisboa e Tribunal da Relação de Lisboa);

Vogal do C.O.J. – Conselho dos Ofícios de Justiça de 2020 a 2025;

Vogal do Sindicato dos Funcionários Judiciais (S.F.J.)-de 1984 a 1989 e 1992 a 1996, tendo presidido à Direcção Nacional do S.F.J. de 1996 a 2020;

Foi ainda Presidente do Conselho Fiscal e Disciplinar do S.F.J. desde 2020 e Presidente Honorário da E.U.R. (União Europeia de Ofícios de Justiça);

Foi membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-

Intersindical Nacional, de 2012 a 2020.

Membro da Assembleia da Freguesia de Charneca de Caparica de 1997 a 2005 e 2013 a 2017. Presidente da Junta de Freguesia de Charneca de Caparica de 2005 a 2013 e Deputado Municipal de Almada no mesmo período;

É Presidente da Assembleia de Freguesia da União de Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda (JFCCS) desde 2017; No âmbito das actividades em parceria com a Autarquia realizadas pelo CEDA estabeleceu-se um convívio fraternal em que afinidades electivas como a música de intervenção ou uma visão progressista da vida e da sociedade têm aprofundado e construído uma amizade.



Como foi o seu contacto inicial com o Poder Local Democrático (PLD)?

O primeiro e efectivo contacto com o Poder Local Democrático, sucedeu por meados dos anos 90, e fundamentalmente pelo convite e incentivo de dois grandes autarcas, o Miguel Duarte que foi vereador da CMA e do António Anastácio que durante 16 anos foi Presidente de Junta de Freguesia da Charneca de Caparica.

Quais as principais realizações/objectivos concretizados que destaca durante o seu percurso como Autarca?

São vários e diversificados. Quando fui eleito para o primeiro mandato na Assembleia de Freguesia, havia na Charneca 1 Farmácia, hoje existem 7. Havia duas Escolas, hoje são 6 (e já um polo de secundário). Não havia sequer um posto da GNR, hoje está sediado o Destacamento Territorial de Almada da GNR no novo Quartel construído na da Freguesia. Não havia supermercados, hoje praticamente todas as marcas de grandes

superfícies existem na freguesia. Foi construído um novo Mercado Municipal. Também foi construído um novo e funcional Posto Médico (pena a falta de profissionais!). Inúmeras estradas foram requalificadas e alcatroadas incluindo a ex-377, via estruturante da Freguesia. Enfim, são inúmeras as concretizações que efectivamente tem vindo a contribuir para um efectivo desenvolvimento da freguesia. E embora reconhecendo que algumas destas obras são do Poder Central o certo é que sem a intervenção, a envolvência, a sensibilização do Poder local Democrático – Freguesia e Município –, seguramente que algumas jamais se concretizariam.

Como vê o futuro do (PLD)?

O Poder Local Democrático é um pilar essencial do nosso regime democrático. Todavia é incontornável uma urgente reforma do mesmo. Transferindo e definindo claramente as competências de cada órgão: Freguesias e Municípios descentralizando competências mas sempre com os

correspondentes meios financeiros adequados. Simultaneamente é necessário dignificar os respectivos órgãos – Assembleias de Freguesia, e Municipais, e respectivos Executivos - através de uma urgente revisão do Estatuto dos eleitos locais.

Um lema para o futuro

Charneca e Sobreda, Vilas com tradição e identidade, com uma dinâmica de futuro mais sustentável e cada vez melhor qualidade e de vida.



ISABEL HENRIQUES



“Os Charnequenses ou Charnequeiros” são pessoas acolhedoras”

Isabel Maria Rodrigues Figueiredo Marques Henriques, nascida na Charneca de Caparica, lugar do Botequim, a 23 de Fevereiro de 1957.

Filha de José do Amparo Figueiredo, motorista da antiga SONAP (Petrogal), e de Célia Rocha Rodrigues Figueiredo doméstica.

Ligada fortemente a uma família de arte artesanal, pois o avô materno, João Rodrigues (Rêgo), mestre caba-

zeiro, teve a sua actividade profissional situada no Botequim, desde os anos 20 aos anos 70, assim como o seu tio e padrinho João Rodrigues e o seu tio Narsindo Rodrigues.

Aparentada, por afinidade com a família Alvarez - família de referência na Charneca de Caparica - pois era sobrinha por afinidade de José Nunes Alvarez, já que a irmã de sua mãe, Emília Rodrigues Alvarez, era casada com ele.

Isabel Henriques, fale-nos da Charneca da Caparica da sua juventude e da sua experiência na Comissão de Festas, nos anos 70.

Na minha juventude eram poucos os que iam estudar, porque era um meio pobre e as pessoas não tinham dinheiro para os seus filhos frequentarem o Liceu.

Quando terminei o ensino primário, só eu e mais seis ou sete colegas é que fomos estudar para Almada. Eu tinha colegas que eram excelentes alunas, mas os seus pais não tinham meios. A maior parte dessas colegas foram trabalhar na costura, pois na Charneca existiam costureiras que tinham muitas raparigas a trabalhar nas suas oficinas, na confecção de fardamentos milita-

res.

A distração que tínhamos eram principalmente os bailes, que se realizavam no Carnaval; logo a seguir vinha o baile da Pinha, pelos Santos Populares, e quando havia festas.

Nos finais dos anos 70 abriu o café "Refúgio" no lugar de Palhais, e então aí passou a ser o nosso ponto de encontro aos Domingos à tarde.

Fiz parte da Comissão de Festas, juntamente com outras jovens, quando nos anos 70 foram organizadas pelo Grupo de Amigos da Charneca de Caparica e pelo Clube Recreativo Charnequense. Eram festas muito bonitas que me ficaram na memória.

Já depois do 25 de Abril, fiz também parte da Comissão de Festas que se realizaram na Quinta de Monserrate, pertencente na altura a Vasco Morgado. Também estas me ficaram na memória, pois convivemos com alguns artistas como o Victor Mendes, Júlio César, Florbela Queiróz entre outros e até com a Sandie Shaw, que o Vasco Morgado trouxe a Portugal.

Em 1981 integrou a equipa que realizou o primeiro recenseamento da população e Habitação na Charneca de Caparica, organizado pelo Instituto Nacional de Estatística. Este foi um passo importante para a elevação da Charneca de Caparica a freguesia a 4 de Outubro de 1985, elegendo o seu primeiro Executivo cerca de um ano depois: Qual a sua participação em todo este importante processo de auto-

nomia administrativa da actual Vila?

De Dezembro de 1974 a Janeiro de 1975, fiz parte da equipa que realizou o primeiro recenseamento, para as primeiras eleições nacionais.

Igualmente integrei a equipa que realizou o Recenseamento da população e habitação na Charneca de Caparica, organizado pelo INE. Este foi um passo para a elevação da Charneca de Caparica a freguesia, a 4 de Outubro de 1985, elegendo o seu primeiro executivo.

Fui membro da Freguesia de Caparica, nos anos 80, até à constituição da freguesia da Charneca.

Fui igualmente membro da Assembleia de Freguesia da Charneca de Caparica no último mandato.

Atualmente faço parte da lista do PS à Assembleia de Freguesia da mesma.

Em 1977, a Charneca com um crescimento populacional e habitacional acelerado tinha cerca de 10.000 habitantes. Hoje, 49 anos depois é a maior freguesia em habitação e população do concelho de Almada. Que comentários lhe apraz fazer?

A Freguesia da Charneca de Caparica tem crescido muito; este facto deve-se às condições que têm sido criadas nestas últimas décadas pelos seus governantes. E também por ser a freguesia do Concelho de Almada onde existem mais terrenos disponíveis para construção, bem como condições climáticas aprazíveis que proporcionam o bem estar a quem para aqui vem residir.

Além disso, os naturais da Charneca

de Caparica "os Charnequenses ou Charnequeiros" são pessoas acolhedoras, que proporcionam uma saudável convivência.

Este ano passam 50 anos, em Abril, da aprovação e promulgação da Constituição da República Portuguesa, considerada em 1976 onde das mais avançadas do mundo – e em Dezembro das primeiras eleições autárquicas. Num contexto de ataques à democracia nacional e internacionalmente, gostaria de saber como vê a importância que o Poder Local Democrático teve para a democratização de Portugal, por um lado, e por outro que importância atribui à Memória e à Identidade para a salvaguarda e aprofundamento da própria democracia?

É indiscutível a importância do Poder Local Democrático na vivência da democracia, a todos os níveis. Isso reflete-se sem dúvida no exercício do poder local, sendo a Charneca um exemplo de boas práticas neste domínio. Deste modo a Charneca tem crescido imenso a nível de participação dos fregueses, em virtude das iniciativas criadas pelo seu executivo nos últimos anos, iniciativas de âmbito cultural, desportivo, recreativo, associativo e participativo.

Um lema para o futuro

Crescer com raízes, avançar com visão, com sustentabilidade e maior participação de todos.

Eduardo M. Raposo

MIGUEL DUARTE

O Autarca mais antigo do Concelho



Miguel António Alves Duarte nasceu em Alcácer do Sal a 26 de Março de 1948. Trabalhou numa de mercearia enquanto no colégio local tirava o Curso Geral dos Liceus.

Em 1968, com 20 anos, instalou-se em Almada onde casou a 15 de Setembro. Em Janeiro seguinte ingressou no serviço militar - Beja, depois Tancos e finalmente na Base Aérea nº 6 no Montijo até 01.01.1972.

Em Abril de 1972, ingressou na então Companhia Europeia de Seguros. Filou-se no PS em 01.05.1975. Na atividade seguradora, foi filiado no Sindicato dos Profissionais de Seguros, foi delegado sindical em Almada e posteriormente Presidente do Conselho Geral e do

Congresso do mesmo Sindicato. Integrou a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Almada nos anos oitenta, durante dois mandatos, na área da luta contra a pobreza com instalações no Bairro Amarelo no Monte de Caparica. Em 1987 foi eleito pela Assembleia Municipal de Almada para representar este Órgão Local em Ostrava, cidade irmã de Almada.

Em 1989, veio residir para a Charneca de Caparica. Com esta mudança, a sua atividade política passou para esta Freguesia onde exerceu a funções de responsável local do Partido que conduziu a vitória do PS na Freguesia, cargo que exerceu durante vários anos. Em 26 de Outubro de 2002, foi homena-

geado pela então Secretário Geral do Partido Socialista, Eduardo Ferro Rodrigues, num testemunho de gratidão de todos os Socialistas Almadaenses.

Em 2004 foi condecorado pela Câmaras Municipal de Almada com a Medalha de Ouro da Cidade pela contribuição para o progresso e modernização da cidade de Almada.

No Ginásio Clube do Sul desde 1987, onde exerceu as funções de vice-presidente e presidente da Assembleia Geral, presidente da Direcção, o que significa mais de 38 anos de atividade associativa, sendo, neste momento, o dirigente associativo mais antigo do Concelho de Almada em atividade de funções.

Como foi o seu contacto inicial com o Poder Local Democrático (PLD)?

O meu primeiro contacto com o Poder Local Democrático teve lugar em 1979 quando fui eleito para a Assembleia Municipal de Almada. No mandato seguinte, 1982/1985 fui novamente eleito para a Assembleia Municipal na qualidade de cabeça de lista pelo Partido Socialista, situação que se repetiu no mandato de 1985/1989, mandato em que o PS fez um acordo com o PSD em que para a Câmara Municipal só havia a lista do PSD e para a Assembleia Municipal só havia uma lista do PS e foi essa lista que eu encabecei. Foi uma experiência extraordinária com 34 anos de idade em que me foi confiada pelo PS uma missão muito importante que tinha por objetivo defender neste Órgão Municipal as propostas do PS perante uma maioria absoluta da CDU, tarefa difícil que exigiu uma grande organização coletiva do grupo municipal e um estudo aprofundado de todos os documentos presentes para decisão. Continuamos o trabalho que tinha sido realizado no mandato anterior no interesse das populações em todas as freguesias do concelho. Era então Presidente da Autarquia José Martins Vieira e não foi uma tarefa fácil, mas com muito empenho e dedicação conseguimos valorizar o PS como o grande Partido da oposição. No mandato 1989/1993 integrei a lista do Partido Socialista em 2º lugar para a Câmara Municipal tendo sido Leonor Coutinho a candidata a Presidente da Câmara. A CDU perdeu a maioria absoluta levando esta força política a fazer um acordo com o PS, tendo eu ficado com o Pelouro do Ambiente (Espaços Verdes, Salubridade e Fiscalização) tarefa que exerci com muito orgulho e que deixou marcas ainda hoje visíveis no Concelho. Paralelamente fui Vogal do



Conselho de Administração dos SMAS com a responsabilidade pelo Pelouro da Qualidade da Água. Fui novamente o número 2 da lista para a Câmara Municipal a Câmara Municipal no mandato 1993/1997, encabeçada pelo meu camarada Marques da Costa, que não foi um bom resultado porque a CDU retomou a maioria absoluta. Fiz todo o mandato sem qualquer pelouro atribuído. Em 1997 terminei o meu mandato como Vereador e integrei novamente a lista para a Assembleia Municipal como cabeça de lista, sendo Paulo Pedroso o candidato a Presidente da Câmara. Terminado este mandato fui eleito para a Assembleia de Freguesia da Charneca de Caparica na qual exerci o cargo de Presidente até 2010. Entretanto continuei como autarca na Assembleia de Freguesia e terminei essa tarefa no passado dia 12 de Outubro, sendo até agora o autarca mais antigo do Concelho de Almada.

Quais as principais realizações/objectivos concretizados

que destaca durante o seu percurso como Autarca?

Como autarca destaco entre outras realizações, o início da recolha seletiva de papel. Almada foi o primeiro concelho a fazê-lo, seguiu-se o plástico, implementação da contentorização individual na Costa da Caparica com muito sucesso, porque se resolveu o grave problema do lixo naquela Cidade, plantação de milhares de árvores, criação de muitos espaços verdes e muita sensibilização ambiental.

Como vê o futuro do (PLD)?

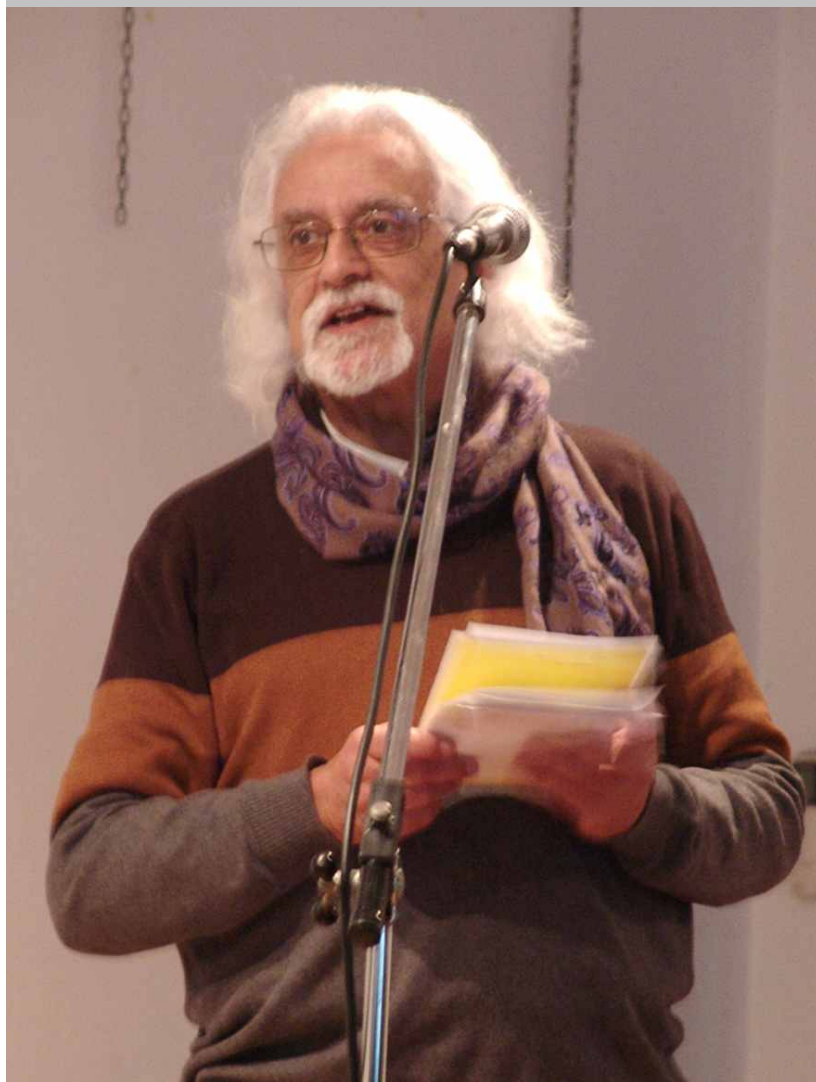
Vejo o futuro do Poder Local Democrático com alguma preocupação porque não se tem realizado, cabalmente, as funções para que foi criado e são muitas as queixas das pessoas, o que leva, por alguma razão, que sejam as eleições menos participativas. Por outro lado há que envolver muito mais a juventude porque esses serão os homens e mulheres de amanhã.

Um lema para o futuro

O futuro não se adivinha constrói-se.

VICTOR REIS

Autarca e Historiador



Profissionalmente trabalhou na Sacor/Petrogal como Analista de Sistemas, foi responsável pelos sectores de Informática, Produção e no Apoio ao Utilizador. Foi ainda Formador de Qualidade e Consultor Superior em TIC.

Ao nível associativo assumiu cargos em Direcção ou Assembleia Geral de diversas Associações locais.

Fundador do Caparica CB e da Federação do Sul e Ilhas da Banda do Cidadão. Representante de Portugal na Federação Europeia da Banda do Cidadão.

É autor de:

"Fome, Humanidade e Subsistências", edição ISCEF;

"Análise da Economia Portuguesa - Agricultura", edição na revista do ISCEF;

"Plano Global de Emergência para o Perímetro da Caparica", edição Câmara Municipal de Almada;

"Histórias da História da Charneca de Caparica", 2011, edição da JF da Charneca de Caparica;

"Histórias da História da Charneca de Caparica, edição revista e aumentada", 2024, edição da JF da Charneca de Caparica e Sobreda

Victor Manuel Ferreira Rosa dos Reis nasceu a 14 de Junho de 1944, em Venteira, Amadora. Concluiu o Curso Geral do Comércio no Instituto Comercial de Lisboa Curso Liceal. Posteriormente fez o curso de Economia no ISCEF, tendo realizado uma Pós graduação em Ciências Informáticas na Universidade Católica.

Realizou ainda os seguintes Cursos Técnicos: IBM - Analista de Sistemas Informáticos, SERTE - Analista de Sistemas Informáticos, MICROSOFT – Consultor, tendo sido Formador oficial neste último.



Como foi o seu contacto inicial com o Poder Local Democrático (PLD)?

Desde 1962, ano de entrada para o ISCEF, que estive ligado ao movimento político/estudantil, especialmente, envolvendo a Agricultura e "Fome, Humanidade e Subsistência", assuntos fixados em publicações (revistas e livro) que coordenei. Tive como mentor o Professor Pereira de Moura. Sempre muito ligado ao Território, ao Património e às Gentes. Conhecedor do movimento associativo, e ao território nas diversas vertentes, devido a dirigir o Caparica CB - Radio Emergency Service, fui convidado a integrar a lista concorrente às eleições autárquicas intermédias para a nível freguesia de Charneca de Caparica. Em resultado assumi a função de presidente da Assembleia de Freguesia (1986). Participação em 112 sessões ordinárias da Assembleia de Freguesia.

Quais as principais realizações/objectivos concretizados que destaca durante o seu percurso como Autarca?

Enquanto presidente de Assembleia de Freguesia (AF), garantir sempre o funcionamento da mesma com harmonia e de forma construtiva, respeitando sempre os termos regimentais. Enquanto membro da AF e no manda-

to que fui membro da Assembleia Municipal defender os anseios da população e escrutinar a actuação dos Executivos da Junta de Freguesia.

Como vê o futuro do (PLD)?

A força da razão e os interesses das populações, no cumprimento da Constituição Portuguesa, vão garantir a importância determinante do Poder Local Democrático.

“Gostaríamos de saber, depois de ter sido autor de três trabalhos de cariz mais técnicos, dois editados pelo ISCEF” e um pela Câmara Municipal de Almada, publicou em 2011 “Histórias da História da Charneca de Caparica”, edição da JF da Charneca de Caparica, com uma segunda^a edição revista e aumentada, em 2024, agora da JF da Charneca de Caparica e Sobreda. Que motivações o levaram ao estudo e divulgação da História local?”

Além do conhecimento profundo do Património Construído da Charneca de Caparica fruto da elaboração do "Plano Global de Emergência para o Perímetro da Caparica" e do Património Humano da Charneca de Caparica devido a ter coordenado a nível da Freguesia os trabalhos do "Census 2001" foram as pesquisas realizadas

para a realização da História da associação centenária Clube Recreativo Charnequense e dos Círios da Margem Sul - Charneca de Caparica que motivaram as pesquisas sobre os aspectos globais das "Histórias da História da Charneca de Caparica" que envolveram conversas com 26 "sábios" da Charneca muitos deles (a maioria) já falecidos e consulta a documentação antiga sobre a localidade.

Nos tempos que correm, com alguma regressão a nível social e político, que importância atribui à Memória e Identidade enquanto instrumentos na defesa e aprofundamento da Democracia?

"Memória e Identidade" é fundamental para defesa e aprofundamento da Democracia pois aí repousa a união e a solidariedade entre as gentes que chamam a si valores ancestrais que urge defender.

Um lema para o futuro

Como "arqueólogo das Memórias" (palavras do presidente Pedro Matias) continuar as "escavações" na procura de novas histórias por amor à Charneca de Caparica.

Eduardo M. Raposo

JOSÉ MANUEL SANTOS

Presidente da Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo



“O Alentejo tem todas as condições para ser um grande território na Europa”

Natural de Olhão, com 56 anos, estudou sociologia na Universidade de Évora, contrariando o êxodo que levou e continua a levar tantos alentejanos e algarvios para Lisboa a ingressar no ensino superior. Foi sensível à atratividade da Universidade de Évora, como de resto acontece com outras personalidades naturais do Algarve – a quem apelidamos de “alentejanos sem travões” – como é o caso da Amiga Dora Gago - Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, da APE em 2023 - de São Brás de Alportel ou da saudosa Margarida Morgado, que “adoptou e foi adoptada por Évora”, ainda de outra geração, também ela socióloga e natural de Olhão.

Em 2014, então Secretário-geral da ERT, quando produzimos uma edição da *Memória Alentejana* sobre o Montado, que teve assinalável repercussão no meio académico e socioprofissional. Esta realização em parceria, após a aprovação pelo então presidente Ceia da Silva, o nosso interlocutor foi José Manuel Santos. Em várias idas a Évora tivemos oportunidade de experienciar o profissionalismo, a sensibilidade, a disponibilidade incedível, a simpatia do actual presidente da ERT Alentejo e Ribatejo. Um homem de palavras, com que se pode contar, em que um sim é para se cumprir, o que nem sempre acontece – felizmente não

acontece muito, mas mais do que o desejável. Estava edição foi lançada na Sala de Exposições da então DRCA, numa sessão onde nós representámos a Revista, assim como outros companheiros, com a presença da sua Directora, Ana Paula Amendoeira, Cláudio Torres, Manuel Casa Branca, autor da capa, Eduardo Luciano, então Vereador da Cultura da CME, Ceia da Silva e José Manuel Santos.

Ainda recentemente, José Manuel Santos esteve presente nas comemorações do 11º aniversário do Cante, que o CEDA realizou em parceria com a JFCCS, como orador convidado na Mesa-redonda realizada e membro da Comissão de Honra, como acontecera em 2024, quando pela primeira vez com o presidente da ERT esteve presente nestas sessões na Diáspora. Esta disponibilidade

de de não estar apenas nos eventos mais mediáticos, onde vai a televisão, etc, é uma marca objectiva do empenho claro na defesa da nossa cultura transtagana e da nossa Memórias Identitária.

“O ALENTEJO NÃO SE EXPLICA, O ALENTEJO SENTE-SE!”

Memória Alentejana - Obrigado por ter aceiteado o nosso convite. O senhor adoptou e foi adoptado por Évora, tal como a saudosa amiga eborense Margarida Morgado. Sente-se um alentejano com raízes algarvias?

José Manuel Santos - Sim, é uma boa síntese e obrigado por essa definição, andava à procura dela há algum tempo e ainda não a tinha encontrado. O Alentejo não se explica, é uma região que se sente, e como tive oportunidade de estudar em Évora - curiosamente, a minha avó paterna era eborense e alentejana -, mas por coincidência, ou talvez não, o curso de Sociologia era muito preponderante e muito conhecido, onde estavam excelentes professores, como o Professor Joaquim Nazaré, o professor Augusto Santos Silva, a professora Mariana Cascais, a professora Maria José Stock... era um curso muito prestigiado e acabei por ficar por Évora durante cinco anos, que foram muito bons. Também aqui conheci a minha mulher, na universidade, e depois felizmente tive a oportunidade de ficar a trabalhar na cidade desde setembro de 1996. Ainda estive um ano a trabalhar entre Lisboa e Faro, curiosamente numa área que não tinha nada a ver com o turismo, na área da solidariedade social. Depois dessa data vim trabalhar para o Turismo, a minha mãe ainda hoje diz que eu não quis ficar a trabalhar com os pobres e quis vir trabalhar com os ricos, uma explicação muito simplista mas à qual acho piada, mas confesso de que quando fui estudar sociologia tinha muito em mente a área social, até porque o meu pai trabalhou a vida inteira na Segurança Social em Faro. No Algarve desde muito novos respiramos turismo, por isso esta passagem do social (onde até tinha uma área que era o combate contra a



pobreza), passar do combate contra a pobreza para o turismo foi algo que a minha mãe caracterizou desta forma. Mas acabou por ser muito natural porque o turismo é sempre uma actividade para a qual nós algarvios estamos sempre muito disponíveis e muito despertos.

“APRESENTEI A MINHA CANDIDATURA COM A IDEIA DE UMA NOVA AMBIÇÃO”

Quando apresentou a sua candidatura à Presidência da ERT Alentejo/ Ribatejo em Abril de 2023, em Évora, os três objectivos estratégicos a que se propunha eram: aproximar territórios, instituições e pessoas, insistir num destino sustentável, competitivo e inteligente, e ainda fortalecer a economia turística, regional e as empresas. Por outro lado, o senhor foi o secretário geral na presidência de António Ceia da Silva. Gostava de saber se considerou a sua candidatura de continuidade ou de rotura na altura, por um lado, e por outro como tem concretizado os objectivos estratégicos programáticos que apresentou?

Não sou uma pessoa de roturas, eu fiz parte do projecto do Dr. Ceia da Silva mas é claro há linhas de inovação e linhas de mudança que introduzi, algo perfeitamente normal até porque as pessoas são

diferentes, mas há linhas de continuidade que mantivemos e que procuramos melhorar. Eu diria mudança na continuidade, após um período de adaptação com o engenheiro Vítor Silva, eu diria que foi um compasso de espera, o que procurámos fazer foi inovar, por isso lançamos a campanha numa altura em que eu entendi que era preciso dar um novo impulso, aliás, eu apresentei-me com a ideia de "uma nova ambição". Essa nova ambição olhou para trás, recuperou por exemplo a questão da certificação da sustentabilidade, uma ideia que estava parada e que nós desenvolvemos e que estamos agora a procurar dinamizar de novo, nomeadamente com a certificação de destinos como Mértola e Porto Covo. Portanto, numa lógica de mudança mas olhando para aquilo que foi o passado claramente trabalhando os factores de desenvolvimento do território e desenvolvimento do turismo onde trabalhei muitos anos com o Dr. Ceia da Silva mas introduzindo algumas mudanças. Claramente, regressar ao território. Houve um objectivo de aproximação ao território e a meio do mandato esse objectivo está completamente ganho, há uma grande afinidade e uma grande conexão daquilo que são as prioridades estratégicas, do nosso trabalho diário e aquilo que são as expectativas dos agentes do território e nós sentimos que estamos perfeitamente alinhados com o território.

A questão do destino coeso, competitivo, esse é um trabalho diário. Por um lado, reforçamos muito o investimento na promoção e o Alentejo teve no ano passado um crescimento percentual ao nível das dormidas que foi o maior em todo o país. Fomos a região do Continente que mais cresceu em proveitos, e finalmente conseguimos atingir no ano passado a cifra mágica dos dois dias de dormida média, que era uma velha ambição de todo o território, e também estamos a reduzir mais do que se pensava a taxa de sazonalidade, o que quer dizer que gradualmente estamos a conseguir atingir os objectivos que tínhamos definido. Este novo impulso que queremos dar à certificação dos destinos é muito importante. Temos neste momento 163 projectos empresariais certificados com um selo de certificação, um processo que vem da gestão do Dr. Ceia da Silva e nós estamos agora a procurar, por um lado, relançar este processo de certificação - começámos por certificar os destinos de Porto Covo e de Mértola - e temos a ambição de no próximo ano concluir a certificação do destino Alentejo. Creio que este objectivo pode ser atingido agora com esta relação mais virtuosa entre as promoções interna e externa, desde Maio do ano passado que sou Presidente da Agência de Promoção Turística que era aliás um modelo que já vigorava nas outras regiões do país, menos no Alentejo. É um modelo que também nos permite ter uma visão integrada sobre todo o ecossistema turístico porque agora conseguimos ter dentro do mesmo radar a estruturação do produto, o trabalho de monitorização do destino, com o Observatório do turismo Sustentável, que é coordenado cientificamente pela Universidade de Évora, e que é um instrumento fundamental de toda a nossa gestão estratégica e turística; a promoção do mercado interno que é uma competência das entidades regionais de turismo, a linha da animação, à qual estamos a dar um grande desenvolvimento, por exemplo. Pela primeira vez o Alentejo está a atrair grandes eventos para a região, seja na área do desporto motorizado, sejam eventos ligados ao vinho, como a Cidade Europeia do Vinho. Aproveito para dizer que no âmbito da Cidade Europeia do Vinho vamos ter a primeira grande confe-

rência mundial de Enoturismo Responsável, em Beja, em Junho, ou a Gala Gastronómica, que terá lugar em Évora. Nós tínhamos isto tudo mas não tínhamos a promoção internacional.

Investimos muito nos Caminhos de Santiago mas o marketing internacional não trabalhava este produto porque a promoção externa não era gerida por nós. Tenho constatado nas Feiras internacionais o interesse crescente pelos Caminhos de Santiago, agora temos uma visão integrada sobre todas estas áreas. Vamos ter em breve o estudo do perfil do turista do Alentejo (estudo que encomendámos à Universidade de Évora e que vamos divulgar no mês de Maio), desde 2011 que não era actualizado. Portanto, a promoção do mercado interno, a animação e a promoção no mercado internacional, para sermos o tal destino mais competitivo.

O terceiro objectivo era fortalecer a economia turística das empresas, o qual é a consequência dos outros dois. Se nós conseguirmos ser um destino turístico mais sustentável e mais competitivo, e se pudermos estar mais próximos do território, dos agentes, das empresas, conseguiremos fortalecer os resultados.

Nestes últimos 12 meses há um indicador muito importante, o ADR - Rendimento médio por quarto ocupado. O Alentejo conseguiu em 2025 ter o terceiro melhor desempenho ao nível do rendimento médio por quarto ocupado, só atrás de Lisboa e do Algarve.

O Alentejo tem 6,2% das camas turísticas de todo o país, é um destino ainda jovem, tem 4,4% da procura turística e do total das dormidas de estrangeiros, o Alentejo tem menos de 1%, ou seja, o Alentejo é um destino com 30 mil camas, só temos mais camas que os Açores, mas se formos aos dados económicos aquilo que é a rentabilidade do valor económico médio das nossas estruturas hoteleiras só estamos atrás do Algarve e de Lisboa.

O Alentejo turístico não compete pela quantidade mas sim pela qualidade. Claro que podemos vir a ter projectos com 80, 90, ou mais quartos mas a média do número de quartos dos estabelecimentos hoteleiros no Alentejo ronda as 40, 50. É esse o posicionamento da região, por isso é que conseguimos ter

resultados económicos muito interessantes. Para concluir, estamos a meio do mandato da Entidade Regional de Turismo, estamos com menos de um ano na promoção externa, e é fundamental o Alentejo subir e segurar o seu desempenho nos mercados internacionais, porque o mercado nacional é limitado, e é nos mercados internacionais que o Alentejo tem de procurar o retorno económico para pagar os investimentos que estão a ser feitos. Diria que a metade do mandato estamos a cumprir os objectivos a que nos propusemos.

“CONSIDERO AS FESTAS DO POVO DE CAMPO MAIOR - A PAR DO CANTE - A GRANDE MANIFESTAÇÃO IDENTITÁRIA DO ALENTEJO”

Sobre a BTL. Para o grande público a Bolsa de Turismo é um pouco como o barómetro da sua pujança a nível público que voltou a atingir um ponto máximo com a sua presidência, em especial nas duas últimas edições sob a sua direcção. Quais foram as maiores dificuldades que encontrou, sendo que num vídeo de conclusão que fez no final da BTL deste ano identificava três aspectos: Évora capital Europeia da Cultura 2027, este ano as Festas do Povo de Campo Maior, e Beja Capital Europeia do Vinho?

No ano passado fomos o distinto convidado da BTL. Há 10 anos que o Alentejo não tinha semelhante distinção. Lutámos muito por esse reconhecimento. A edição de 2024 foi muito boa e permitiu criar condições para que a FIL nos convidasse para sermos este 2025 destino convidado da BTL. 2026 era um ano de consolidação, pela expectativa que tínhamos criado no ano passado, quando tivemos maior capacidade de investimento. Este ano havia um desafio enorme que era depois da grande presença do ano passado se ainda iríamos conseguir superar. Tivemos um stand muito forte do ponto de vista de impacto, de comunicação e de imagem, conseguimos funcionalmente ter uma área de auditório pois o Alentejo é muito forte na cultura e no património. Por isso é que o nosso stand é



nos últimos três anos o stand com maior procura e temos de deixar que os municípios tenham lá a sua presença. Nesta edição foi incrível a apresentação das Festas do Povo de Campo Maior, que eu considero - a par do Cante - a grande manifestação identitária do Alentejo, Património Imaterial e Cultural da Humanidade. Tivemos a apresentação do Festival do Crato. O Alentejo consegue na sua dificuldade e resiliência ter um grande Festival de Música no Interior. E com a actuação do Buba Espinho, que vai ser cabeça de cartaz, temos depois outra vertente que foi a apresentação de Rali Raid, uma grande prova organizada pelo ACP, que vai começar em Grândola, passar pelo Ribatejo, vai à Extremadura espanhola e acaba em Loulé, passando pelo Alqueva, uma grande prova internacional. Também tivemos a apresentação do Campeonato do Mundo de Enduro, disciplina do motocross, que vai ter a sua 100ª edição a ter lugar em Outubro nos cinco concelhos do litoral alentejano. Os visitantes da BTL podiam ainda fazer uma visita virtual pela planície alentejana.

Os três primeiros dias são muito intensos, com muitas reuniões e, por exemplo,

um almoço com 250 operadores internacionais, almoço servido de inspiração alentejana. Eu convidei a Maria do Céu Ramos, Presidente da Associação Évora 27, para apresentar aos 250 operadores Évora Capital Europeia da Cultura 2027, uma oportunidade que não podia ser desperdiçada. Há um ano tínhamos feito o mesmo com a Cidade Europeia do Vinho. E decorámos toda a sala com motivos do Povo de Campo Maior, graças ao apoio da Câmara Municipal e das Festas. A BTL é também uma Feira de internacionalização. Este ano tivemos um grande impacto do ponto de vista da comunicação digital. No dia a seguir ao fim da BTL o vídeo da actuação do Grupo dos Mineiros de Aljustrel já ia em mais de 60 mil visualizações. Investimos este ano na nossa máquina de propagação digital, pois no fundo há duas Feiras: a que está a decorrer e presenciada pelos participantes e a Feira que nós conseguimos meter nos canais digitais, pois todos os municípios tiveram o seu evento acompanhado e publicitado nas redes sociais. Para concluir, foi uma grande participação, foi o pontapé de saída para mais um grande ano turístico do Alentejo e também do Ribatejo.

“VAMOS TER UM POSTO DE TURISMO NO AEROPORTO DE BEJA”

Falou nas redes sociais. JMS é muito activo nas Redes Sociais à frente do organismo que dirige. Tem ideia do retorno que se consegue apostando nas Redes Sociais?

Sim, o retorno é visível, até porque Turismo é comunicação. Por exemplo, já licenciámos um posto de turismo no aeroporto de Beja e até ao Verão vamos ter um posto de turismo de cara lavada com o slogan 'Visit Alentejo' e com uma equipa de promotores e hospedeiras pelo menos nos voos charters quando os passageiros desembarcarem saberem que estão no Alentejo, pois vão receber um título de boas-vindas. Essa comunicação pode ser complementada através das Redes Sociais. Dois exemplos: a comunicação e a promoção. Quando cheguei à Agência de Promoção Turística em Maio do ano passado não tínhamos um assistente virtual no nosso 'Visit Alentejo' para os mercados internacionais. Um assistente virtual alimentado pela IA, não estamos a falar de nada de extraordinário. Estamos a falar de uma peça

imprescindível na comunicação digital. Reestruturamos uma candidatura, lançamos um concurso, adjudicamos a uma consultora, neste caso à Deloitte, estamos em fase final de criar um assistente virtual alimentado a IA que vai estar disponível para que qualquer utilizador que vá ao nosso site - e de qualquer país e idioma - interaja com o 'Visit Alentejo', coloque as questões, seja ajudado por esse robot e possa ter desse chatbot sugestões, recomendações, circuitos sobre literatura, etc.

Adjudicamos para 24 meses a uma equipa de comunicação a dinâmica das redes sociais do turismo no Alentejo para o mercado brasileiro e para outros mercados internacionais, como o mercado espanhol. Essa equipa está no terreno todas as semanas entrega-nos quatro conteúdos, três sobre o Alentejo e um sobre o Ribatejo, e isto porque também estamos a tentar recuperar o Ribatejo. Também trouxemos para Évora News in Évora (NIT Évora, que também se estende a Reguengos e Estremoz), que é a maior plataforma de lazer com maior número de visualizações no país. Cultura, património e dinâmica das restaurações são os pontos essenciais da NIT. Não temos destinos turísticos competitivos e sustentáveis sem a comunidade na rua, sem os residentes viverem a sua cidade, participarem nos espaços culturais, estarem nas inaugurações das lojas de artesanato ou de produtos tradicionais. Temos parcerias com o Grupo Os Vizinhos, parcerias cirúrgicas com o António Zambujo, a cena Pop Alentejo também está a ajudar muito. Levámos para a FITUR em Madrid uma apresentação das Festas do Povo de Campo Maior, e também em Berlim. Levar o Alentejo lá fora porque a cultura é cada vez mais essencial na nossa comunicação turística.

“O TURISMO LITERÁRIO É MUITO IMPORTANTE”

Sobre a Agência de Promoção Turística?

O mercado espanhol é o nosso principal mercado, até porque no ano passado a única região turística que cresceu em Espanha foi o Alentejo. Em Março lançámos a primeira campanha nas regiões

fronteiriças, na Extremadura e na Andaluzia (segunda região de Espanha que emite mais turismo para Portugal). Está tudo muito orientado para o Alentejo do luxo, mas o nosso luxo não é um luxo ostentatório, é a observação de aves no Alqueva, é comprar uma manta com um design moderno numa fábrica em Monsaraz ou em Porto Covo, é o contacto com a natureza, é o tal Alentejo que não se explica mas se sente. Dos mercados internacionais, Espanha representa cerca de 8%, pelo que regressámos às feiras regionais em Espanha, feiras na Catalunha, Bilbau, Badajoz e Valladolid além da FITUR em Madrid. Por isso vamos ter um Perfil no Instagram para Espanha. O mercado norte-americano nos últimos 10 anos teve uma média de crescimento anual de 19%, o mercado alemão é o 3º nosso mercado, o que mais cresceu (11% em 2025), porque os alemães olham muito para a natureza, para a ruralidade. O mercado inglês é mais discreto, porque o cliente turístico do Alentejo não é o do Algarve, mas já é o 4º mercado do Alentejo, em parte focado na cultura. O 5º é o francês e o 6º o brasileiro (já foi 3º por isso estamos a investir imenso neste mercado). Este ano vamos receber duas grandes convenções de operadores brasileiros e vamos criar um embaixador do Alentejo no Brasil, acredito muito neste mercado.

O turismo literário é muito importante, foi por isso que em Novembro do ano passado trouxemos para a Azinhaga, na Golegã, o 1º Congresso do José Saramago, uma iniciativa de professores universitários brasileiros, ficando em aberto a realização este ano ou no próximo um Congresso de maiores dimensões.

As dormidas estrangeiras representam 33% do total das dormidas por isso temos ainda uma margem muito grande de crescimento nos mercados internacionais.

“PARA O TURISMO A ACESSIBILIDADE É TUDO. DAQUI A TRÊS ANOS ESPERASE QUE HAJA UMA UMA LIGAÇÃO RÁPIDA AO ALTO E AO BAIXO ALENTEJO”

Em relação à mobilidade que pode ter aspectos positivos para quem

procura a ruralidade mas não é limitativo para outras promoções, como a ferrovia, nomeadamente para Beja. E que papel o aeroporto de Beja pode ter?

Tanto o Alto como o Baixo Alentejo vêm o seu desenvolvimento turístico parcialmente afectado pelas limitações na mobilidade. Tivemos o Dia Mundial do Turismo nas comemorações oficiais pela primeira vez no Alentejo em Setembro passado em Tróia. Na minha intervenção e perante o PM e vários ministros referi a questão do IC33 (itinerário complementar em Portugal destinado a ligar Sines a Évora) e da autoestrada ou via rápida para Portalegre que é estratégica. Para o Turismo a acessibilidade é tudo, e isso nota-se no turismo em Évora e em Estremoz, por exemplo, que ficam perto da auto-estrada.

“O AEROPORTO DE BEJA AINDA VAI SER MUITO IMPORTANTE PARA O FUTURO DO TURISMO DO ALENTEJO”

E no que diz respeito à acessibilidade ferroviária?

A linha Évora-Caia está praticamente pronta, embora não vá ter para já operação de passageiros. Há operadores interessantes em Espanha, e penso que o Governo está a lançar o processo da Alta Velocidade e que muito em breve se saberá a localização da AV em Évora. O eixo Lisboa-Évora-Madrid é estratégico, como foi reconhecido pelos presidentes das cidades de Lisboa e Madrid, embora não vá estar operacional para Évora Capital Europeia da Cultura, o que é uma pena.

Em relação ao Baixo Alentejo há um montante de 60 milhões de euros para a linha de Casa Branca, e a questão das acessibilidades rodoviária e ferroviária a Beja são decisivas. Eu gostaria que assistíssemos a um impulso nestas questões e espera-se que daqui a três anos haja uma ligação rápida ao Alto e ao Baixo Alentejo.

Em relação ao aeroporto de Beja há cerca de ano e meio juntei no aeroporto representantes de companhias aéreas com o representante da Agência Portuguesa de Viagens, a APAV, hoteleiros de Beja, hoteleiros da Comporta, responsá-

veis da ANA e a Câmara Municipal de Beja. E contratei uma consultora que preparou meia dúzia de slides para se discutir o futuro do Aeroporto. A conclusão foi de que o Aeroporto de Beja ainda vai ser muito importante para o futuro do turismo do Alentejo. Em 2024 houve 600 movimentos de aviação executiva e aviação comercial e em 2025 já houve quase 800, dos quais cerca de 40 charters que ficaram no Alentejo.

Em 2025 o Alentejo pela primeira vez ultrapassou a cifra de 300 milhões de euros de proveitos, um feito grande à escala do Alentejo. O impacto do aeroporto neste montante ainda é muito residual. Só este ano ainda vão abrir dois novos hotéis na zona da Comporta e essas empresas da Comporta já trabalham muito com o Aeroporto de Beja.

“HÁ UMA LIGAÇÃO VIRTUOSA ENTRE A AGRICULTURA E O TURISMO, EM ESPECIAL O ENOTURISMO”

Relativamente ao Ambiente, no Alqueva, passou-se da cultura de sequeiro para a agricultura intensiva e super intensiva. O que representa isso para o Alentejo? Qual o papel do Turismo para atenuar estes impactos? Com a vinda de estrangeiros, têm surgido projectos inovadores, que interligação pode ter a agricultura no Alentejo com o Turismo?

O Turismo precisa muito da actividade primária, o turismo compra muitos bens à actividade primária, provavelmente mais a uma agricultura mais sustentável. A agricultura regenerativa cola melhor com o posicionamento que o Alentejo quer ter nos mercados internacionais, um turismo de baixa escala, que compete pela qualidade e não pela quantidade, direi mesmo que somos mais um turismo do olival centenário do que o turismo do olival intensivo, se bem que há roteiros em que os turistas querem conhecer o olival intensivo. A relação com a agricultura é a chave, mesmo os novos projectos da agricultura de regadio, o Alentejo hoje tem uma capacidade de produção por exemplo de frutos secos, o que também impacta no turismo. O Alentejo também



tem um circuito das amendoeiras em flor, portanto, há uma ligação virtuosa entre a agricultura e o turismo, em especial o enoturismo, que é a grande estrela da região. O azeite também é cada vez mais importante e até há unidades de produção de azeite com circuitos turísticos muito bem montados. O Alqueva, o maior lago artificial da Europa, foi fundamental para o turismo no Alentejo, não só pela componente da água e desenvolvimento do turismo náutico (produto também muito importante para a região e a ganhar escala), mas o grande activo do Alentejo é a paisagem, por isso é preciso cuidar da paisagem, sem prejuízo dos novos investimentos na agricultura. É de destacar também a enogastronomia, trabalhar os produtos sazonais e os produtos da terra. Hoje qualquer Hotel no Alentejo quer ter o seu pomar e a sua horta, e comprar produtos a pequenos agricultores locais. O turismo é um catalisador, tem o efeito de recompor muito rapidamente o tecido económico-social, até no artesanato local.

“O CANTE É DECISIVO PARA A PROMOÇÃO DO ALENTEJO”

Sobre o Património Imaterial o que tem sido feito para a salvaguarda das temáticas inscritas na UNESCO enquanto património cultural, como o Cante, o fabrico de chocalhos, os bonecos de Estremoz, as Festas do Povo de Campo

Maiores... e como está o projecto do Montado?

Sobre a questão do Montado, o projecto teve um interregno. O projecto não avançou porque quando tínhamos de avançar para definição das zonas que iam ser candidatas alguns municípios não o quiseram, ainda na gestão anterior. Reduziu-se dramaticamente as áreas a classificar, porque nessas áreas não pode haver um conjunto de actividades económicas, portanto, é um projecto que neste momento está em stand-by. A hipótese de parceria com Espanha também não avançou.

Sobre os outros patrimónios imateriais, eu creio que o Alentejo pode ainda tirar maior proveito desta rede de Patrimónios Culturais Imateriais. É verdade que não conseguimos criar no Alentejo uma rede de patrimónios culturais imateriais, embora eles existam por si só. Quando foi a classificação dos 10 anos do Cante fizemos um programa de comemorações com os municípios, lançámos recentemente em Serpa os roteiros do Cante. Temos procurado na promoção e na comunicação pois o Cante é um instrumento muito importante para a promoção do Alentejo (na Expo em Osaka o Grupo da Aldeia Nova de São Bento e o António Zambujo deixou marcas incríveis ao ponto de recebermos aqui em Portugal pedidos de informação de rádios e outros meios de comunicação). Também temos feito parcerias com artistas, no turismo industrial criámos um roteiro

"Ser chocalheiro por um dia", o que tem ajudado os fabricantes de chocalhos. O Figurado de Estremoz traduziu-se num maior afluxo turístico, o tema da falcoaria, em Alter do Chão, é muito dinamizado pelo Hotel Vila Galé, portanto, o turismo tem contribuído muito para que esses patrimónios se mantenham.

"FALTA UMA ESTRATÉGIA, UMA REDE CULTURAL ENTRE TODOS OS PATRIMÓNIOS"

Em relação ao Cante já é possível ter uma leitura de 10 anos do impacto que o Cante teve, a classificação do Cante foi fundamental para este reforçamento que o Cante tem. No kit de boas vindas que vamos entregar aos turistas que desembarcarem no Aeroporto de Beja vamos incluir o chocalho, e fazemos compras às oficinas. Desde que as Festas do Povo de Campo Maior obtiveram o reconhecimento da UNESCO em 2021 ainda não se realizaram as Festas, vamos tê-las este ano. Penso que falta só uma estratégia cultural de ligação entre todos estes patrimónios, uma Rede. Queremos escalar muito mais a questão do Cante, há artistas desta nova cena Pop alentejana que querem voltar ao conceito das Casa do Cante, creio que o Turismo cultural ainda não está a maximizar ou a beneficiar de todos os impactos do Cante e de todos os outros patrimónios Imateriais mas o caminho está a ser trilhado e da nossa parte estamos muito disponíveis para trabalhar com a CCDR, com os municípios, com os Grupos Corais...

"UMA INICIATIVA QUE MERECE SER ACARINHADA É DEBATER O PONTO DE SITUAÇÃO DE 11 ANOS DO CANTE PCIH "

Há três anos que se anda para organizar o segundo Congresso do Cante, mas - e 11 anos depois do Cante ter sido património da humanidade - um encontro, ou... a designação não é importante, fazia sentido, para fazer o ponto de situação destes 11 anos, porque não na Diáspora, pois metade dos alentejanos vivem na Diáspora e só na Gran-

de Lisboa há cerca de 30 grupos corais, além de ter haver grupos corais no Porto e em Paris. Acha pertinente fazer este encontro?

Acho uma ideia interessante. Agora temos uma parceria com a Casa do Alentejo, há dois anos que passámos a ir à Feira do Artesanato (FIA, em Junho), onde temos tido 30 a 40 artesãos do Alentejo ao vivo, nunca percebi como uma região tão rica em artesanato não ia à maior Feira de Artesanato da península Ibérica e a segunda maior da Europa. Decorrente da parceria com a Casa do Alentejo todos os dias levamos um Grupo da diáspora, tentamos na medida das nossas possibilidades. Tudo aquilo que contribua para a nossa valorização e projeção da cultura do Alentejo deve ser feito e apoiado. Os grupos da Diáspora e a Casa do Alentejo são uma frente avançada da nossa promoção turística, é um trunfo que o Alentejo tem porque outras regiões não têm Casas numa localização privilegiada como tem a Casa do Alentejo. Temos grupos de Cante até em Oeiras porque o Cante é algo que se exporta facilmente. Portanto, é uma iniciativa que merece ser acarinhada.

"O ALENTEJO NÃO COMPETE PELA QUANTIDADE MAS SIM PELA QUALIDADE"

Como se mantém a sustentabilidade do Turismo no Alentejo, já que é um destino turístico mais recente que noutras regiões mantendo a qualidade? Evitando o turismo de massas? E qual a situação do Ribatejo?

Somos um destino ainda jovem. O turismo no Alentejo começou no final da década de 80 com a classificação de Évora como Património da Humanidade e com a criação daquele triângulo turístico Portalegre-Castelo de Vide-Marvão. O Ribatejo tem pouco mais de 200 mil dormidas, é um destino ainda com pouco produto, embora proporcionalmente estamos a investir mais no Ribatejo que propriamente no Alentejo. O Ribatejo representa apenas 7% do total do Alentejo e investimos um terço do nosso orçamento no Ribatejo, o qual tem crescido. A nossa preocupação atualmente no

Alentejo é estruturar produto. Estamos a dar apoio aos municípios para atrair hoteleiros porque há pouca hotelaria na região, estamos a lançar um conjunto de eventos diferenciadores e gradualmente algum trabalho de internacionalização porque o Ribatejo não foi trabalhado em termos de informação nos últimos anos. O Alentejo cresceu no ano passado 6,3% no número de dormidas (está a crescer o triplo da média nacional), o mundo cresceu 5% por isso nós estamos a crescer a uma taxa média superior tanto no mundo como em Portugal.

E o Alentejo não compete pela quantidade mas sim pela qualidade, estamos a falar de uma região que ultrapassou no ano passado pela primeira vez as 3,4 milhões de dormidas, o que à nossa escala é um grande número. Se somarmos o Ribatejo temos 3,7 milhões de dormidas. Queremos continuar a crescer sustentadamente, em especial nos mercados internacionais, mas o mercado nacional é muito fiel ao Alentejo por isso vai continuar a subir. É claro que o Alentejo tem produto para todos os segmentos de mercado. É verdade que o turismo é hoje uma actividade mais cara porque os custos energéticos sobem, os custos laborais também, por isso é impossível que um quarto de hotel custe o mesmo que custava há cinco ou seis anos. Também é verdade que o Alentejo tem uma orientação de produto para um segmento médio-alto ou mesmo de luxo. Temos uma nova geração de hoteleiros, empresários que percebem a relevância da mão-de-obra imigrante.

"É PRECISO UM CONJUNTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS QUE AJUDEM O TURISMO"

Mas o Alentejo é tão grande como diz a nossa comunicação "Um destino com muitos destinos" que há sempre oferta e produtos para todas as pessoas. E depois há regiões como Évora que tem muita concorrência na restauração, na hotelaria, o Alentejo caminha e é essa a nossa orientação estratégica um destino onde a qualidade é um vector essencial, por isso é que estamos também a trabalhar na formação, estamos a tentar criar um pólo da Escola de Turismo no Alentejo Central

porque temos de aproximar as estruturas e as empresas da formação. Estamos a criar a Academia da Formação no Enoturismo com os Politécnicos de Beja e de Évora, sabemos ser um caminho difícil... lançámos pela primeira vez um plano de formação de excelência para a hotelaria da Comporta, desafio lançado à Escola de Hotelaria de Setúbal e ao Turismo de Portugal e temos hoje um programa de formação de excelência para aquela hotelaria. Temos um mini programa para a comunidade migrante, o que ajuda a inserção social dos mesmos. Em resumo, um destino de qualidade que respeita as diferenças, que percebe que a mão-de-obra imigrante é fundamental devidamente inserida e formada. Hoje temos uma nova geração de hoteleiros, empresários que percebem a relevância da mão-de-obra imigrante e que não metem as pessoas em barracões, até porque o turismo não pode dar essa imagem. Qualidade, exigência e que o turismo possa ser uma forma de atrair e reter as pessoas, embora este seja mais um aspecto político. Mas os hoteleiros não conseguem fazer tudo sozinhos, é preciso haver habitação, que o nível de vida não dispare para que famílias possam vir viver e trabalhar no Alentejo, e boas acessibilidades. É preciso um conjunto de políticas públicas que amparem, sustentem e ajudem o turismo para que o turismo possa ser cada vez mais uma actividade que cria riqueza e rendimento nas pessoas que moram ou que queiram ir para o Alentejo.

“TEMOS UMA EQUIPA BRILHANTE, UMA EQUIPA INCRÍVEL, MUITO TRABALHADORA”

Todo este trabalho imenso implica uma grande equipa...

A nossa equipa é pequena. Temos 21 pessoas, entre os quais 14 técnicos superiores, na parte comunicacional temos oito pessoas, reforcei a equipa da promoção externa, a qual já tem umas oito pessoas (em dezembro de 2025 eram seis). Nos primeiros 60 dias deste ano estivemos em 13 Feiras na Europa, a equipa da promoção externa está mais adequada ao trabalho que temos, porque a Agência de Promoção é uma associação



privada. Precisamos de reforçar o mapa de pessoal da Entidade Regional de Turismo, já o fizemos para a Agência, tenho a expectativa que este ano consigamos reforçar um pouco porque de facto o Alentejo é do tamanho da Bélgica, e ainda temos o Ribatejo, destino que temos de dar muita atenção, precisamos reforçar um pouco a nossa equipa, ainda que esta equipa que temos seja brilhante, uma equipa incrível, muito trabalhadora, muito focada e que está a fazer um trabalho muito bom.

“A REVISTA É MUITO IMPORTANTE NO PANORAMA CULTURAL E NA DEFESA DA IDENTIDADE ALENTEJANA”

O CEDA e a Revista Memória Alentejana, já com 25 anos, tem tentado ser uma ponte entre o Alentejo e a diáspora alentejana numa perspectiva identitária. Qual a sua opinião sobre as actividades e os assuntos abordados ao logo destes 25 anos da Associação e da publicação que têm o Alentejo como essência e que outros aspectos gostaria ou achava que podiam ser abordados?

A Revista é muito eclética, com uma orientação muito clara para as pessoas da cultura e património, por exemplo, mas é muito aberta, pois nos últimos

tempos tem tocado aspectos ambientais, sustentabilidade, turismo, direi que é uma linha editorial que tem procurado actualizar-se perante aquilo que são as novas dinâmicas do Alentejo, problematiza e confronta as questões, como deve ser, é uma Revista muito importante no panorama cultural e na defesa da identidade alentejana e desejo que possa continuar por muitos anos. Na parte que me toca profissionalmente sei que tem dedicado atenção ao turismo, como prova esta entrevista, o que agradeço, no sentido de prestigiar e valorizar o Alentejo.

“PRECISAMOS DE AMBIÇÃO, ARROJO E ORGANIZAÇÃO”

Para terminar, um lema para o futuro...

Gostava que a nova ambição que colocámos no turismo possa ser a nova ambição de toda a região, uma ideia de ambição no bom sentido que possa ser transmitida a toda a região e a todo o Alentejo. O Alentejo tem todas as condições para ser um grande território da Europa. Precisamos de ambição, arrojo e organização, mesmo a nível do país.

Entrevista conduzida por Eduardo M. Raposo com José Alex Gandum Fotos de José Alex Gandum

Associação Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Feijó



Nasceu no dia 21 de Março 1986, com a Primavera, completando este ano 40 anos. 24 anos depois, em 2010 foi constituída a “Associação Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Feijó”, sediada nas instalações do Clube Recreativo do Feijó. Ao longo destes anos, têm levado o Cante e a Cultura Alentejana, bem como o nome do Feijó e o concelho de Almada, a todo o País em mais de 1200 espetáculos realizados.

Os eventos que organiza anualmente são já uma tradição no concelho: O Encontro de Grupos Corais Femininos, o Encontro de Cantares Alentejanos,

o Serão de Cante e Poesia Alentejana. Apresenta-se em vários eventos e festivais em todo o concelho e sempre participou nas comemorações concelhias da elevação do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade, organizadas pelo GTCCA e posteriormente pela CEDA em parceria com Autarquias locais.

Já se apresentou na Casa da Música no Porto (2007), em programas televisivos, no CCB, participou na gravação do novo hino da SIC em 2017 e em 2023 integrou o concerto com o Luís Trigacheiro. Gravou duas cassetes, um CD e um CD/DVD intitulado Alentejo e Almada de Mãos Dadas. Editou o livro Feijó meu lindo Feijó, de Ana Durão Machado e o Guia para Oficinas de Cante “A voz do ventre da Terra”.

Atualmente, dirigidos por João Mira e tendo como ensaiador Manuel Rodrigues, os “Amigos do Alentejo” são constituídos por 20 cantadores com idades que variam entre os 7 e 83 anos, naturais de várias localidades do nosso Alentejo mas também por cantadores que não nasceram no Alentejo mas o trazem na alma e na voz.

(Fonte: A partir do Arquivo Digital do Cante)

Cantadeiras de Essência Alentejana

As Cantadeiras de Essência Alentejana são um grupo coral feminino na diáspora alentejana (neste caso no concelho de Almada) dedicado à preservação e divulgação do Cante Alentejano. Identitariamente, as Cantadeiras é um grupo coral amador feminino que actua especialmente na região de Almada, mantendo vivas as raízes alentejanas, embora se exibam um pouco por todo o país e até no estrangeiro.

As Cantadeiras interpretam modas tradicionais do Alentejo, caracterizadas pelo canto em duas partes (ponto e alto) sem acompanhamento instrumental, conforme a tradição do Cante Alentejano, representando assim a presença feminina no Cante e desempenhando um papel importante na transmissão desta herança cultural imaterial. As Cantadeiras celebram este ano 21 anos de existência, com inúmeras participações em encontros de Cante, celebrações tradicionais como as Janeiras e eventos culturais. O Grupo esteve presente no 11º aniversário da elevação do Cante Alentejano a Património Imaterial da Humanidade, comemoração que se realizou em Dezembro passado no auditório da Junta de Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda.



Grupo Coral Feminino Recordar a Mocidade do CIRL



O Grupo Coral Feminino Recordar a Mocidade do CIRL nasceu a 5 de Janeiro de 1998 numa actuação na Junta de Freguesia de Laranjeiro. São um grupo de cerca de 30 mulheres, na sua maioria alentejanas. Começaram com nove elementos e ano segundo ano entraram para o Clube de Instrução e Recreio de Laranjeiro (CIRL), onde estão hoje. A responsável do grupo é a Olga Rosado e o Paulo Bicho ensaia pontualmente.

“Com muita força de vontade e alegria, apesar da idade avançada da

maioria queremos continuar a lutar e a não esquecer o nosso Alentejo, o nosso Cante e os nossos costumes.”

O grupo tem actuado de Norte a Sul do país, especialmente nos concelhos de Almada, Beja, Lisboa, Seixal, Setúbal, Barreiro e outros nos mais diversos eventos mas também em lares de idosos e Centros de Dia, “onde reagem com muito interesse, elogiam o nosso trabalho e nos pedem para voltar.” Com cerca de 500 actuações, onde se contam vários encontros de coros e também nos aniversários do Cante Património Cultural da Humanidade, realizados em Almada, organizados pelo CEDA e as Juntas de Freguesias – Charneca de Caparica e Sobreda e também Laranjeiro e Feijó – assim como do Grupo de Trabalho do Cante do Concelho de Almada (GTCCA), que existiu entre 2015 e 2020, de que o grupo foi membro fundador e activo participante.

Lamentam as dificuldades que levam o grupo a recusar alguns convites por falta de transporte, apesar de algum apoio da CMA, da Junta de Freguesia de Laranjeiro e Feijó e do próprio CIRL.

Projeto “O Cante nas Escolas”

O projeto de ensino do Cante nas escolas, em Almada, teve origem no ano de 2015, logo nos seus primeiros meses, após a sua inscrição na lista de Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO. Após apreciação de projetos idênticos, já em curso em concelhos do Baixo Alentejo, “O Cante nas Escolas” em Almada, teve o seu início, efetivo, no ano letivo de 2015/16, com o principal objetivo, de salvaguardar e divulgar esta forma de manifestação cultural, aos jovens residentes neste Concelho, à



época, habitado por cerca de 50.000 residentes, naturais e descendentes do Alentejo. Este projeto, em horário letivo, tem-se mantido ininterrupto durante 10 anos, na EBI “Chegadinho” e na EBI “Maria Rosa Colaço. Do Agrupamento Escolar Francisco Simões, sito na União de Freguesias do Laranjeiro e Feijó. O projeto, tem mantido em média, a aderência de 10 turmas, representando um total, também médio, de 250 Alunos por ano. E tem vindo, anualmente, a ter um retorno positívissimo da comunidade escolar envolvida. Revelando que, no seu decurso, tem vindo, permanentemente, a mobilizar conteúdos de Educação Artística, Estudo do Meio, Português e até Matemática. Permitindo que através da prática do Cante e do seu estudo, se articulem as aprendizagens essenciais, com o perfil do aluno e alguns conteúdos programáticos curriculares. No segundo ano de existência, originou ainda a criação de um Grupo Coral Infantojuvenil, de Cante Alentejano, na Diáspora, em Almada.

Paulo Bicho - Monitor do Cante nas Escolas

URGE DEBATER O FUTURO DO CANTE...



Dia 27 de Novembro completou-se 11 anos desde que a UNESCO inscreveu o Cante Alentejano nas listas de Património Cultural Imaterial da Humanidade (PCIH).

No concelho de Almada, com uma forte comunidade de naturais e descendentes de alentejanos, superior a 50 mil pessoas, iniciou-se em Janeiro de 2015, no âmbito associativo em conjunto de acções com vista à salvaguarda do Cante.

No concelho de Almada, a forte comunidade de naturais e descendentes de alentejanos, superior a 50 mil pessoas iniciou em Janeiro de 2015, no âmbito associativo em conjunto de acções com vista à salvaguarda do Cante.

Dinamizado pelo Centro de Estudos Documentais do Alentejo - Memória Colectiva e Cidadania (CEDA) e pela Revista *Memória Alentejana*, tendo no âmbito do Grupo de Trabalho do Cante do Concelho

de Almada (GTCCA) - que veio a extinguir-se com a pandemia – foram empreendidas realizações em estreita parceria com Juntas de Freguesia, com a participação dos grupos corais do concelho de Almada, entidades de ensino e outras onde se destaca o ensino do Cante em sala de aula.

Este projecto de salvaguarda do Cante tem tido, por outro lado, uma vertente académica, onde se destaca;

Em Junho de 2018, de Ana Pereira Neto e Eduardo M. Raposo foi apresentado o *paper* “Cante - World Imaterial Cultural Heritage: representation of a traditional art in the city of Almada” na Eastern University of London; (Ana Perira Neto e Eduardo M. Raposo) em Outubro de 2019 foi apresentado na Sorbonne Nouvelle University, “Creativity and innovation in Cante from the *Estado Novo* to the present”, de Eduardo M. Raposo”,

onde actuou o Rancho dos Cantadores de Paris;

Em 2020 publicou-se o artigo “The Cante and the wine: Revisiting places of conviviality between tradition and innovation”, tal como os artigos anteriores, pela editora Taylor & Francis Group, London, UK. (Eduardo M. Raposo).

Em 2015, 2017, 2018 e 2019 realizou “Almada homenageia o Cante” - o último com a presença da então Directora Regional da Cultura do Alentejo, Dr^a Ana Paula Amendoeira, que participou nos últimos anos como Vice-Presidente para a Cultura da CCDR Alentejo. Estes eventos mobilizaram anualmente milhares de pessoas, envolvendo entidades representativas não só da comunidade de origem alentejana mas também transversal ao tecido social. Em 2019 participaram cerca de 5.000 pessoas e teve como um dos pontos altos o desfile com a participação de treze grupos corais alentejanos da AML - que juntou cerca de 600 pessoas no Fórum Romeu Correia, Almada.

Após a paragem devido à pandemia em 2020, em 2021, 2022, 2023 e 2024 com um contexto diverso, pós pandemia o CEDA e a Revista *Memória Alentejana*, em parceria com a Junta das Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda e outros parceiros têm vindo a assinalar a data com colóquios e outros e a promover intercâmbios, nomeadamente com o parisiense Rancho dos Cantadores de Paris.

Têm-se todavia, a reflexão e o debate, como aconteceu em 2023 sobre o Ensino do Cante, com especialistas do Alentejo e do ensino superior – ISEC Lisboa – sobre o Cante e o seu futuro após 10 anos de PCIH – com a presença do Presidente do

Turismo do Alentejo e Ribatejo, Dr. José Manuel Santos - temática que consideramos de importância de tal forma decisiva que a vamos aprofundar na ocasião do 11^o aniversário, com a participação de especialistas das mais variadas áreas, seja o ensino, o património, o turismo ou outras.

Nos últimos anos, pós pandemia, desde que o CEDA assumiu de novo, a responsabilidade de assinalar o aniversário do Cante PCIH, após a extinção do GTCCA, como de resto sempre foi uma preocupação, mas agora com mais acutilância, o propósito de debater, reflectir colectivamente com os mais conceituados especialistas sobre o futuro, a salvaguarda do Cante: em 2025 com José Manuel Santos, Ana Paula Amendoeira, Paulo Ribeiro e José Contradanças, em 2024 com Jorge Moniz, Florêncio Cacete, Carlos Balbino e Ana Paula Amendoeira...

Nestes fóruns tem-se concluído da necessidade de fazer uma balanço destes 10, 11 anos de Cante PCIH – com os dirigentes dos grupos, investigadores, entidades e outros intervenientes - deste tempo decorrido bem como de perspectivar o futuro, face a novas realidades, novos desafios que se põem hoje ao Cante:

- Debater a profissionalização ou semi que se começa a pôr aos grupos, com variações de grupo para grupo, até de região;
- A questão da turistificação – tema discutido na Mesa-redonda de 2 Dezembro e que motivou uma excelente intervenção de José Manuel Santos;
- A extensão do trabalho de recolha à Diáspora que está a ser levado a cabo pelo Arquivo

Digital do Cante, assumindo-se como repositório da memória e história do Cante, dirigido pelo Florêncio Cacete;

- O ensino do Cante normalizado pelo Ministério da Educação, integrando os currículos, como disciplina de opção nos vários graus de ensino;
- As outras variantes do Cante como o Cante ao Despique, o Cante ao Baldão;
- A necessidade de uma coordenação e estratégia regional para que o Cante cresça, se fortaleça, sendo da maior importância envidar esforços para a retoma de actividade da MODA-Associação do Cante Alentejano.

Estas e outras questões teriam tido toda a pertinência no II Congresso do Cante Alentejano, que esteve previsto e acabou por não se realizar e a própria comissão organizadora, que teria legitimidade de propor que o Cante figurasse como ponto central na programação de Évora Capital Europeia da Cultura 2027, também cessou funções.

Estando a situação neste impasse o CEDA já fez contactos exploratórios com, entre outros a Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda, O Turismo Alentejo e Ribatejo, o Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Feijó, no sentido de se programar esta necessária realização que urge acontecer, na Diáspora, durante o ano de 2026. Atempadamente será divulgado o respectivo programa.

Eduardo M. Raposo

Presidente da Direcção do CEDA
Centro de Estudos Documentais do Alentejo-Memória Colectiva e Cidadania

FERNANDO MATOS SILVA

“Sempre lutei pelo Cinema Português - de qualidade, inovador e livre”



Foto: Cinept - Cinema Português

Fernando Edalberto Vieira de Matos Silva (22/05/1940. Vila Viçosa) é um dos mais importantes realizadores do cinema português. Com um enorme, curriculum, depois de ter sido aluno da Faculdade de Economia e actor amador, frequentou a London School of Film Technique como bolsheiro do Fundo de Cinema Nacional, obtendo o bacharelato em realização. Foi depois professor do Curso de Cinema do Exército. Realizador militar (Guiné. 1969 e Angola, 1970). Membro fundador da Média Filmes (1969), do Centro Português de Cinema – CPC (1970), foi fundador e director da Cinequipa (1974) e da Fábrica de Imagens (1988).

Figura central do Cinema Novo Português e do chamado Cinema de Abril, a obra de Fernando Matos Silva, muito vasta e diversificada, situa-se entre a ficção política e o documentário de intervenção, narrativa ficcional, documentários e séries de televisão.

Como referência maior da Sétima Arte em Portugal realizou 21 filmes - desdobrou-se ainda entre a produção, assistência de realização, argumento, montagem... e até assistente de cena - que inclui filmes como a sua primeira longa metragem, *O Mal Amado* (1973), alvo de censura antes do 25 de Abril, ou *Documentário As Armas e o Povo* (1975) obra coletiva, fundamental sobre os primeiros dias da Revolução no contexto do Cinema de Intervenção, ou *O Rapaz do Trapézio Voador* (2002), reflectindo a sua ligação afetiva ao Alentejo e à infância, filme que lhe valeu uma importante distinção.

Alentejano de Vila Viçosa, para além da sua intensa produção cinematográfica, entre outros, deu a cara por um dos mais importantes programas de televisão sobre cinema, o “*Jornal Cinemazine*” na RTP, estreado em 1990.

Fernando Matos Silva, obrigado por ter aceite partilhar com os leitores da Memória Alentejana aspectos da sua Arte e da sua Vida. Que memórias guarda de quando lecionou Cinema no Exército e foi Realizador em plena guerra colonial?

Fui obrigado, convocado, a voltar à tropa para um curso de capitães milicianos. Eram os tempos da guerra em África. Não havia oficiais que chegassem e nós éramos apanhados “à mão”.

Como era realizador de cinema, fui requisitado para os Serviços de Cinema do Exército. Neste Serviço, fui professor e realizador de cinema.

*Havia um espaço informativo na RTP, chamado “*Ao Serviço da Nação*”, onde foram exibidos os documentários que fiz na Guiné-Bissau e em Angola.*

*Foi um importante trabalho documental, que me proporcionou a recolha e filmagem de várias imagens na Guiné e que estão na base do meu filme “*Acto dos Feitos da Guiné*”.*

Esse saber sobre esta Guiné, essa experiência foi importante para a estrutura do filme.

“FILMAR PARA SENTIR O POVO PORTUGUÊS E DAR A CONHECER OS SEUS ANSEIOS”

O *Mal Amado* foi o último filme a ser proibido pela censura e o primeiro filme português a ser estreado depois do 25 de Abril de 1974. Que influência tiveram esses dois factores na sua carreira?

*Eu realizei *O Mal Amado* sem pensar na censura que existia sobre todas as formas de arte.*

Foi proibido e fui apelidado de “iconoclasta” e “destruidor da Família”.

Como estava ligado a movimentos da oposição, soube do 25 de Abril antes da maior parte dos meus colegas cineastas. Aliás, as imagens que são vistas na RTP nesta data, são da minha autoria e do meu irmão João Matos Silva. Com a estreia do filme no dia 3 de Maio de 1974, o Cinema Português libertou-se da Censura e, a partir daí, passei a filmar para ouvir e sentir o povo português e dar a conhecer os seus anseios, o seu futuro. Foram anos de filmes ao lado dos trabalhadores, das mulheres e homens que queriam uma vida melhor, com melhores salários. Um exemplo disso, é o filme

Applied Magnetics que filma a luta dos trabalhadores, que, no fim do filme, fizeram uma peça de teatro, que lhes permitisse ir para outros locais de luta e mostrar os perigos que os esperavam.

O jornal “Cine Magazine”, (o programa distinguido pela SPA como ‘Melhor Audiovisual’) transmitido na RTP, do qual foi director durante muitos anos foi um marco essencial na divulgação e promoção do cinema português, inclusive de actores e realizadores portugueses. Como está, na televisão ou em jornais, a divulgação do cinema nos nossos dias. Houve alterações e que tipo de alterações?

Continua frágil. Liga-se pouco ao cinema português, embora haja algumas coproduções com a RTP. O “Cine Magazine” fez o que era urgente fazer: mostrar, falar e filmar a qualidade do cinema português. Tivemos alguns êxitos. Ganhámos o Prémio da SPA, pela defesa dos autores portugueses e pela sua qualidade. Hoje em dia, a crítica dos jornais mantém-se. É discutível, mas fala de filmes. As televisões não falam, salvo a RTP, que tem um programa de cinema.

Mas os filmes existem, têm qualidade e ganham prémios nos Festivais de Cinema.

“O CINEMA PORTUGUÊS TEM IMENSA QUALIDADE COM UMA NOVA GERAÇÃO DE REALIZADORES”

Nos últimos anos surgiram jovens realizadores que têm visto a afirmar-se internacionalmente, com os seus filmes a serem distinguidos em festivais estrangeiros. Estes trabalhos cinematográficos com visibilidade têm eco no público de sala? Apesar do fecho de salas emblemáticas como o King, o Quarteto e outras, ainda subsistem distribuidores independentes como o Paulo Branco no Nimas, o Ideal, apesar das dificuldades e falta de apoios. Qual o panorama do actual cinema português?

porque tem uma nova geração de realizadores que, do documentário às cur-



tas e longas-metragens, são inovadoras nos seus conteúdos e formalmente muito vigorantes. É mais fácil fazer cinema, o material de filmagens é mais leve e, às vezes, muito pessoal. São filmes que conseguem ser exibidos nas salas de cinema de referência: “Alvalade”, “Nimas” e “ideal”. Os apoios são sempre poucos e pouco estruturados. Nunca se explorou bem a rede de “Cineteatros” que existe. Faz-se algum trabalho de exibição pelo país, mas não chega.

O audiovisual em Portugal é muitas vezes acusado de ser um meio fechado onde existe um certo lóbie na atribuição de apoios e subsídios. Depois de uma carreira onde passou por todos os sectores do audiovisual, como conhecedor profundo do meio, qual a sua opinião sobre o assunto?

O Cinema Português nunca foi um “lóbie”, se fosse não vivia a pobreza dos apoios que lhe são facultados. Os realizadores e os produtores concorrem, o dinheiro é pouco e os chamados “júris” que atribuem os subsídios, têm uma tarefa muito difícil. Este sistema de concursos devia ser revisto, mas tal ainda não foi feito. Continuamos todos a lutar.

“A CINEMATECA PORTUGUESA FAZ UM TRABALHO ÚNICO AO “DIGITALIZAR” O CINEMA PORTUGUÊS”

O que pensa do trabalho da Cinemateca na defesa e promoção do cinema português?

A Cinemateca Portuguesa faz um trabalho único na defesa do cinema português. Conseguiu “digitalizar” grande parte do cinema português, aproveitando o PRR, e assim, proporcionar uma nova divulgação do nosso cinema com cópias novas.

Tem projectos em curso? E futuros projectos cinematográficos?

Tenho sempre projetos e estou a escrever um novo filme.

Continuo a acompanhar a exibição dos meus filmes, quando me convidam para os debates.

Esta digitalização dos filmes, proporcionada pela Cinemateca, permite e facilita a exibição em Cineclubes e outras estruturas.

Uma mensagem que gostaria de deixar aos actuais e futuros realizadores portugueses.

Eu sempre lutei pelo Cinema Português – por um cinema de qualidade, inovador e livre.

Penso que as atuais estruturas do cinema português – realizadores, produtores e técnicos – têm a noção de quão difícil é, ainda, fazer filmes em Portugal, e, por isso, continuam a lutar e a exigir mais e melhores apoios.

Um lema para o futuro

Fazer muitos filmes. Filmar é a grande aprendizagem. Continuamos a lutar por isso.

A minha noite de 24 para 25 de Abril de 1974 foi «a noite mais bela de todas as noites que me aconteceram», citando Ary dos Santos. A par dos muitos e outros deslumbramentos da minha vida, eu tive o privilégio de viver uma noite inigualável, na qual eu pude conjugar os valores da exigência utópica com o exercício fulcral da luta contra a ditadura. Esta é a memória de uma jornada particular, incrivelmente única. Às cinco da tarde, o Fernando, o meu marido e cineasta Fernando Matos Silva, telefonou-me para o emprego e disse: «Júlia, não te esqueças que hoje temos o tal jantar. É muito importante. Convinha que viesses cedo.» Esta era a frase de código que havíamos combinado entre ambos para significar aquilo que ambos sabíamos que iria acontecer nessa noite.

O Fernando Matos Silva fazia parte de um pequeno círculo de civis, ligado ao MFA, completamente mobilizado para desenvolver várias ações. O centro dessa mobilização passava pelo jornal «República». Na qualidade de cineasta, o seu desígnio seria o de testemunhar e registar de câmara na mão, desde a primeira hora, todos os acontecimentos que se iriam suceder – e foram muitos de sua autoria. Admitia-se, no entanto, em várias reuniões clandestinas, a possibilidade de o Fernando e outros terem que ir para a televisão, no caso de os oficiais do MFA responsáveis pela ocupação da televisão, virem a enfrentar uma total resistência dos profissionais nucleares que nela trabalhavam (o que felizmente não aconteceu, embora as equipas de televisão só tivessem começado a sair na manhã do dia 25 de Abril.)

Quando cheguei a casa, já lá estavam o Fernando Matos Silva e dois importantes jornalistas do Jornal «República»: o Álvaro Guerra e o José Martins Garcia. E assim, fiquei a conhecer toda a cronologia de acontecimentos militares que iriam desencadear-se, a partir de uma determinada hora. Num outro prédio, numa rua perpendicular à nossa casa, estavam o cineasta João Matos Silva e uma equipa, juntamente com todos os equipamentos necessários.

Então, o cenário em minha casa, simultaneamente ansioso e temerário, era composto por quatro adultos, absolutamente convictos e dispostos a arriscar a alma e o físico. Para além deles, estavam os meus pais, dois antifascistas convictos que haviam vindo a Lisboa para uma consulta médica e

um bebé de onze meses, a minha filha Cristina.

Na sala, que era, ao mesmo tempo de estar e de jantar, sentámo-nos à volta da mesa onde comemos bastante cedo, de uma forma rápida e nervosa. Quase ninguém comeu e quase ninguém falou, porque no meio de nós estavam dois adultos que não deviam ser envolvidos, por razões óbvias.

«Então não se pode ligar a televisão?», perguntou o meu pai, muito surpreso, por não se ouvir o telejornal. «Hoje não, pai? Eles precisam de trabalhar. Têm uma reunião». Levantámos a mesa rapidamente e no centro dela, foi posto um rádio ligado, perfeitamente sintonizado e pronto a fazer soar as surpreendentes senhas musicais. Entretanto, sentámo-nos à volta da mesa, embora, cada um de nós, com o nervosismo, se levantasse e sentasse repetidamente. Fumavam-se cigarros, uns atrás dos outros e pouco se falava, para que os meus pais não fossem envolvidos.

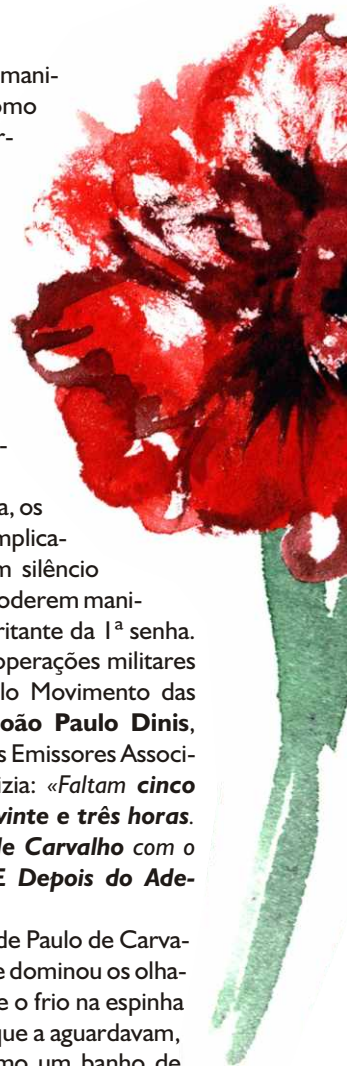
Antes da hora marcada, a campanha da porta tocou por duas vezes, com a diferença de alguns minutos. Naquele preciso momento e sem se conhecerem mutuamente, visitávamos dois amigos, totalmente estranhos ao que estava a suceder: o publicitário António Reis, com quem o Fernando estava a fazer um filme de publicidade e o meu primo Vicente Trindade, bailarino no Teatro S. Carlos. Nenhum deles percebeu o que acontecia, nem foi envolvido de qualquer maneira. Guardou-se total segredo, porquanto tinham que ser protegidos de algo que não se sabia ainda como iria acabar. No dia seguin-

te, cada um deles manifestou a forma como tinham ficado surpreendidos com o facto de ninguém ter desenvolvido uma conversa de jeito e de terem achado estranho que um rádio a tocar dominasse a atenção de todos nós.

À hora marcada, os quatro adultos implicados, ouviram, num silêncio de bronze e sem poderem manifestar-se, o som gritante da 1ª senha. Para dar início às operações militares a desencadear pelo Movimento das Forças Armada. **João Paulo Dinis**, aos microfones dos Emissores Associados de Lisboa dizia: «*Faltam cinco minutos para as vinte e três horas. Convosco, Paulo de Carvalho com o Eurofestival 74, “E Depois do Adeus...”*»

E assim, a voz de Paulo de Carvalho inundou a sala e dominou os olhares, a voz contida e o frio na espinha de todos aqueles que a aguardavam, sofregamente, como um banho de luz no meio da maior escuridão. Felizmente que os dois visitantes decidiram ir-se embora. Quando ficámos sós, entre abraços e sorrisos, saltámos todos num desconcerto. Havia que saborear aquela imensa alegria tão contida. E, excitados, ali ficámos todos, debruçados sobre o rádio, aguardando a hora da 2ª senha

Sinalizando a continuidade das ações militares do MFA, no programa



Limite da Rádio Renascença, ouviu-se a canção **Grândola, Vila Morena**, de **José Afonso**, gravada por Manuel Tomás e posta no ar por **Leite de Vasconcelos**. **À meia-noite e vinte**, Leite de Vasconcelos lê a primeira quadra da **Grândola Vila Morena**, marcando a leitura com o som dos passos arrastados que iniciam a canção: **«Grândola, vila morena / Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de**

ti, ó cidade. //» E o timbre inconfundível e arrebatador de Zeca Afonso espalhou-se naquelas quatro paredes, desarrumando os gestos daqueles que a aguardavam como o signo de todas as liberdades. Já não pudemos ouvir com atenção a leitura de poemas que se seguiu da

autoria do jornalista da República **Carlos Albino**, que era colaborador naquele programa e que, a pedido de Álvaro Guerra e do Comandante Almada Contreiras, havia sido desafiado a enviar mais e prodigiosos sinais.

Naquela altura, era vital avisar outras pessoas significantes do Jornal República. Foi decidido que seríamos eu e o Fernando a fazê-lo. Antes de sair e muito seriamente, o Fernando dirigiu-se ao meu pai e à minha mãe – que já tinham, entretanto, sido informados de tudo o que estava a acontecer – e explicou o que íamos fazer. *«Pai, Barata, Mãe Amélia, nós vamos avisar umas pessoas. Se nos acontecer alguma coisa tomem bem conta da nossa filha.»*

E aqueles dois avós, antissalazaristas e antifascistas ferrenhos, ali ficaram calma e generosamente aguardando os factos, ao mesmo tempo que uma criança dormia serenamente, no quarto ao lado. Quais namorados (ah! e tão amantes verdadeiramente!) saímos os dois num carro que não era o nosso, para cumprir um

trajeto pré-definido: num prédio nas Amoreiras, avisámos o jornalista **Alberto Arons de Carvalho**; num outro prédio, na Av. Duque de Ávila, à porta do qual estava estacionado um carro, com dois homens com um ar pidesco, entrámos abraçados num longo beijo, para avisar o **Álvaro Belo Marques**, responsável comercial do Jornal República; terminámos a ronda, num andar alto de um prédio na Avenida de Roma, onde morava o jornalista **José Jorge Letria**.

Destas investidas aventurosas, ficou-me a lembrança de uma noite anormalmente deserta e árida, como se a cidade numa paralisia excruciante estivesse já a pressentir o som áspero e cavernoso da queda do regime.

Quando regressámos a casa, sobraram, em todos nós, as horas sonâmbulas de uma expectativa insana. O telefone de casa já tinha sido cortado. Multiplicando-se em gestos e olhares e tremendamente ansiosos, cada um de nós aguardava, nervosamente, o grande sinal, simultaneamente pacificador e significativo de que o golpe vingava.

E às **04:20 da madrugada do 25 de Abril**, fomos tocados pelo alcance de uma voz séria e ritmada, que significava, para todos nós, ou o início de todos os perigos ou o princípio da redenção: **«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas.**

«As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo. Não obstante a expressa preocupação de não fazer

correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica, esperando a sua ocorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.»

E assim na madrugada desse dia «inteiro e limpo», tal como o cantou a poeta Sophia, cada um de nós viveu as mais intensas e rútilas memórias da sua geração.

Pouco tempo depois, os jornalistas Álvaro Guerra e José Martins Garcia partiram para o Jornal República cumprindo a sua missão nuclear: dar vida à voz da liberdade. O Fernando Matos Silva e a equipa partiram pelas ruas de Lisboa, captando as imagens grandiosas da expressão generosa de uma aliança entre as armas e o povo. E são muitas dessas imagens que ainda hoje prevalecem para documentar o gesto grandioso de um país que venceu a ditadura, sem lágrimas de sangue. O olhar e a câmara do Fernando Matos Silva – que tinha visto o seu primeiro filme «O Mal-Amado» totalmente proibido pela censura – hão-de ficar indelevelmente livres, testemunhando os atos e as emoções dos militares e do povo.

Eu, perdi-me nas ruas do bairro, batendo às portas dos amigos, a maior parte deles convencidos que era um golpe do Kaulza de Arriaga. Nem o relato da minha noite os conseguiu convencer totalmente sobre o que estava em andamento!

Teixeira de Pascoais dizia que «a saudade é a velha lembrança gerando um novo desejo». E da saudade que eu tenho desse tempo, só me resta o desejo de que o povo português se mantenha fiel à liberdade que conquistou no 25 de Abril. Nesta terrível liquefação dos valores vinculativos e estruturantes das sociedades democráticas do pós-guerra, aqui e na Europa, regressam os vampiros como se fosse uma festa!

Júlia Matos Silva
28 de Abril 2012

JOSÉ PEREIRA

A cantar no Feijó há quase quatro décadas

José Inácio Pequenino Pereira nasceu no Redondo a 16 de Abril de 1941 onde fez a instrução primária e trabalhos pontuais no campo.

Com oito irmãos – o pai faleceu com 42 anos quando tinha 8 meses– recorda como era difícil a vida em meados do século passado, pelo que em 1957, com 16 anos radicou-se no Feijó, acompanhando a mãe, pois a família começara já a seguir os caminhos da Diáspora, trabalhando os irmãos no Arsenal do Alfeite.

É assim que se vem para casa do irmão mais velho, Tarcisio Valdemar mas, ao contrário dos irmãos, a trabalhar como operários, toma a profissão de sapateiro, actividade que mantém até aos 21 anos quando vai para o serviço militar.

Dois anos depois, em 1964 termina a tropa em Agosto e no dia 15 de Setembro começa a trabalhar na Sapataria Recorde, em Lisboa, onde se mantém durante 37 anos.

Desde sempre se integrou nas colectividades, trabalhando em prol da comunidade Alentejana existente no Feijó e Laranjeiro. Tem vários cargos nos Órgãos Sociais, do Clube Recreativo do Feijó (CRF) inclusive na direção da Associação. É convidada para ser fundador do Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo (1986), mas acaba por só vir a entrar para o grupo 12 anos depois, em 1998. É também fundador da Alma Alentejana (1997), onde teve cargos na direcção.

O Zé Pereira, como os amigos o tratam é um amigo de há mais de duas décadas, que esteve na actuação dos



Amigos do Alentejo, na Casa da Música, a nosso convite em 2007, como recorda nesta entrevista, com saudade, e já septuagenário esteve a representar os Amigos do Alentejano no Grupo de Trabalho de Cante do Concelho de Almada (GTCCA), surgido em Janeiro de 2025, por proposta do CEDA, movimento amplo e pluriassociativo que o CEDA dinamizou até à pandemia que o COVID e partidarices fizeram sobraçar, não sem antes colocar o Cante em Almada na vanguarda do Cante na Diáspora, como reconheceu a MODA-Associação do Cante Alentejano.

É com este senhor à beira de fazer 85 anos, de modos requintados e bem falante, que foi duas décadas e meia a figura número dois dos Amigos do Alentejo, coadjuvando o saudoso Joaquim Afonso, com quem ficamos à conversa.

José Pereira, qual a razão porque vieste a instalar-te no Feijó?

Tinha cá a família toda e vim a acompanhar a mãe para casa do irmão mais velho, Tarcisio Valdemar.

Como é que se vivia então na Diáspora?

Era uma vida pacata só havia uma rua aqui no Feijó, as casas eram arrendadas. A vida era difícil, “chapa ganha, chapa gasta”. Em 1989 estive 2 anos a trabalhar numa quinta na França mas depois voltei.

Porque entraste para o Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo?

Eu sempre gostei de cantar. Era para ter sido um dos fundadores mas não calhou devido à morte da minha mãe. Fui 24 anos vice-presidente e dois anos presidente...

Em quase quatro décadas nos Amigos do Alentejo, queres destacar alguns momentos mais marcantes?

Sim dúvida a actuação na Casa da Música, nunca me vou esquecer. Foi para mim, o momento alto do grupo.

Como vês o futuro do Cante?

Vejo com muitas dificuldades, pois dantes havia subsídios, apoios e ... a Câmara quer tirar-nos os subsídios. Com a falta de subsídios, diz que dá transporte, autocarros mas só isso não chega, não vai ser fácil...

Se não fossem as Juntas de Freguesia do Laranjeiro e Feijó e depois a da Charneca e Sobreda, que sempre nos têm apoiado, esta última desde que em 2017 o Pedro se tornou presidente, não sei como seria...

Um lema para o futuro

Esperemos que os homens se entendam e que o mundo melhore a todos os níveis.

Eduardo M. Raposo



**António
Chainho**

**António
Borges
Coelho**

ANTÓNIO CHAINHO

Homenageado na Charneca de Caparica



Com a casa cheia, o Auditório António Rodrigues Anastácio da JFCCS - com a presença do Autarca que lhe deu nome - realizou-se uma excelente e bela sessão de homenagem ao Mestre António Chainho. Depois da abertura pelo presidente da Autarquia, o amigo Pedro Matias, as intervenções de Nuno Sampaio, Pedro Tadeu, Ana Pereira Neto, de grande rigor e emoção, realçaram a genialidade, universalidade, e que este Homem Bom, generoso e simples atingiu, levando a Guitarra Portuguesa ao conhecimento do grande público, de músicos e alunos em todo o mundo ao possibilitando que a Guitarra percorresse caminhos e latitudes antes vedadas quando anteriormente era apenas, ainda que de forma magistral, acompanhamento de grandes nomes do Fado.

Houve momentos musicais com os Amigos Ricardo Fonseca - na viola campaniça, dedicou um tema ao Mestre Chainho - e José Carita, que

encerrou e Isabel Fonte Santa a disse poemas, um dedicado ao Mestre.

Outro Amigo, Vítor Paulo, músico e luthier, ou guitarreiro levou quatro guitarras - o Carita fez as demonstrações - referiu particularidades da construção - família Grácio - transporte, manutenção deste belo instrumento que foi a grande paixão de António Chainho e que o Mestre elevou a universalidade com a perenidade da sua Arte.

Nós fomos introduzindo cada interveniente, seguindo o percurso proposto num recente artigo publicado na "Folha de Montemor" intitulado "No adeus ao Mestre António Chainho, Génio da Guitarra Portuguesa «Voando sobre o Alentejo» tema que o Mestre tocava praticamente em todos os seus concertos, referindo o orgulho de ser Alentejano.

Nesta bela sessão de homenagem esteve presente Deolinda Chainho, a Linda, companheira de Vida

do Mestre nos últimos 28. anos. António Chainho recebeu no final uma grande evocação de pé, das muitas dezenas de presentes.

Segue-se introdução texto publicado em Fevereiro na Folha de Montemor em homenagem a Mestre Chainho, referido nesta sessão:

António Dâmaso Chainho nasceu em São Francisco da Serra, Santiago do Cacém a 27 de Janeiro de 1938.

Mestre Chainho, como era carinhosamente conhecido por amigos e admiradores, génio da Guitarra Portuguesa e Amigo fraterno - foi sócio fundador do CEDA - Centro de Estudos Documentais do Alentejo, onde solidariamente integrou sempre os órgãos sociais, sem qualquer destaque, e fraternalmente ofereceu espectáculos, para angariação de fundos, tanto à Casa do Alentejo - quando integramos a Direcção - e ao CEDA. Partiu fisicamente no dia que completava 88 anos. Estará sempre nos nossos corações.

Seguiu-se uma súpula de encontros com o Mestre, registados em 2001, na «*Revista Alentejana*», onde foi capa da edição e posteriormente, na «*Memória Alentejana*».

Terminamos com o excerto final do referido artigo, que encerrou a sessão:

"Voltaremos certamente a encontrar-nos um dia de Primavera nos campos floridos em redor de São Francisco da Serra, com o nosso Litoral Alentejano no horizonte.

Até lá, um abraço maior do que o vento, Mestre Chainho!"



Uma viagem em disco entre os anos 60 e 80

António Chainho, mestre da guitarra portuguesa e dono de um percurso que ajudou a transformar a forma como escutamos hoje em dia este instrumento, deixou-nos no passado dia 27 de Janeiro, no dia preciso em que celebrava 88 anos. Nascido em São Francisco da Serra (Santiago do Cacém), já aí encantava quem o ouvia, tanto pelos seus dotes como pela forma como reconhecia os guitarristas que passavam na rádio – ele que tinha um pai guitarrista e uma mãe cantora, ambos amadores. Mas será em Lisboa que o seu talento desponta verdadeiramente, através da rádio, das casas de fado e, logo depois, do mundo do disco.

O nome de António Chainho surge pela primeira vez em edições discográficas no ano de 1966, em cinco EPs (extended plays, discos geralmente de 4 faixas), que acabam por ser representativos da diversidade de caminhos que viria a tomar: por um lado, surge no terceiro disco da fadista **Maria Amorim** (1936-2003), “As Duas Severas”, editado pela firma portuense Rapsódia; toca no segundo disco de **Lídia Ribeiro** (n. 1934), “Agora É Tarde”, da firma



EP "Guitarradas por António Chainho" [1969], Rapsódia / Discos Rapsódia, EPF 5.424 (coleção do autor)

também portuense Rádio Triunfo; na mesma editora, Chainho acompanha outra fadista, **Odete Mendes** (n.

1943), no seu disco de estreia, “O Meu Destino É Amar-te”; no âmbito da canção coimbrã, encontramos a



LP "Guitarradas" [1977], Alvorada / Rádio Triunfo, LP-S-50-99 (coleção do autor)

sua guitarra num disco publicado nesse ano na Valentim de Carvalho, "Balada", gravado por **Américo Lima** (1931-1985), ex-integrante do conjunto 4 de Espadas; por último, surge integrado no Trio do guitarrista **Jorge Fontes** (1934-2010), ao lado ainda do violista e compositor **Miguel Ramos** (1904-1982), no EP "Vamos Lá Bailar", editado pela etiqueta Clave.

Apenas três anos depois, em 1969, é editado um primeiro disco com um fado com música de António Chainho: trata-se de "Braços Erguidos", por **Alcindo de Carvalho** (1932-2010), que fecha o EP "Ser Fadista", então publicado pela etiqueta espanhola Marfer. A letra é de **António Campos** (1934-2014), letrista e intérprete radicado no Brasil desde 1953. Muitos foram, na realidade, os momentos em que, para além de acompanhante, o guitarrista entregou originais seus aos fadistas. E, atentando aos números, impressiona o total de registos discográficos que Chainho efectuou ao longo da vida, que ultrapassa as sete centenas e que o transforma num dos músicos mais omnipresentes em disco - sendo que o encontra-

mos a acompanhar nomes como **Ada de Castro** (n. 1937), **Alfredo Marceneiro** (1888-1982), **Camané** (n. 1966), **Carlos do Carmo** (1939-2021), **Frei Hermano da Câmara** (n. 1934), **Maria da Fé** (n. 1942), **Maria Teresa de Noronha** (1918-1993), **Rão Kyao** (n. 1947) ou **Rodrigo** (n. 1941).

A solo, os primeiros passos de António Chainho em disco aconte-

ceram em três EPs, todos gravados ao lado de **José Maria Nóbrega** (1926-2018) e de **Raul Silva**. O primeiro, "Guitarradas por António Chainho", editado em 1969 pela etiqueta Rapsódia, traz as composições "Valsa Alegre", "Balada Triste" e "Sonhando", todas de Chainho, e "Variações em Lá", de **Jaime Santos** (1909-1982); no segundo, "Solos de Guitarra", publicado pela etiqueta Estúdio em 1970, encontramos novamente três originais de Chainho - "Balada do Adeus", "Brincando na Areia" e "Guitarra Vaidosa" - e "Variações em Mi Menor", com autoria tripartida com os também guitarristas **Armandinho** (1891-1946) e **José Nunes** (1916-1979); o terceiro EP, de título genérico "Guitarra Portuguesa", foi publicado em 1973 pelo selo discográfico Alfabeta, pertencente à estação de rádio do mesmo nome, e junta mais uma vez composições de António Chainho ("Cantar da Guitarra", "Balada do Despertar" e "Deambulando") a umas "Variações sobre o Fado Magioly".

Em 1974, António Chainho e Rodrigo foram sócios na abertura da casa de fados "Dom Rodrigo", em

Birre, durante muito tempo um dos principais locais para ouvir fado na grande Lisboa. Estamos a três anos do primeiro álbum de António Chainho como solista, que seria publicado pela Rádio Triunfo, na etiqueta Alvorada, com o título "Guitarradas". Preenchido por sete originais seus e por cinco versões de sucessos de então (como "Lisboa Menina e Moça" ou "O Homem das Castanhas"), o músico tinha aqui ao seu lado a viola de **Martinho d'Assunção** (1914-1992) e ainda José Maria Nóbrega (viola e viola baixo) e Raul Silva (viola baixo).

No início da década de 1980, Chainho produz para a etiqueta Riso & Ritmo o primeiro e hoje pouco conhecido álbum "A Alma Jovem do Fado", estreia em longa-duração do então adolescente Camané. A função de produtor não lhe era já estranha, tendo começado "oficialmente" a exercer essas funções em 1974, no single "A Minha Aldeia", de **Nuno de Aguiar** (n. 1941). Dois anos antes, num disco de **Manuel de Almeida** (1922-1995), surgira pela primeira vez creditado o Conjunto de Guitarras de António Chainho, marca do reconhecimento constante para o seu percurso. E se estes e outros nomes do âmbito do fado, como **Vasco Rafael** (1949-1998), contaram com o talento de Chainho, também cantautores como **José Afonso** (1929-1987), **José Mário Branco** (1942-2019) ou, mais assiduamente, **Pedro Barroso** (1950-2020), o chamaram para enriquecer passos da sua obra. O álbum de 1996, gravado com a London Philharmonic Orchestra e contando com direcção de **José Calvário** (1951-2009), ainda "tardaria" a chegar - e, com ele, os vários mundos que a música de António Chainho nos foi dando nas três décadas seguintes. Mas isso nem a morte física deste mestre nos tirará...

João Carlos Callixto, em

Uma vida vivida para a guitarra portuguesa



Há destinos que parecem contados num fado. A partida de António Chainho, mestre da guitarra portuguesa, é uma delas. Deixou-nos terça-feira, 27 de janeiro de 2026, no exato dia em que completava 88 anos de vida.

António Chainho foi moldado pela terra austera e pela vida humilde do Alentejo. Nascido em São Francisco da Serra, Santiago do Cacém, era filho e neto de moleiros. Andou descalço até aos 15 anos e, após a quarta classe, foi logo trabalhar. O seu primeiro instrumento, oferecido pelo pai, que também era tocador, foi uma "guitarra requinta", mais pequena e adaptada ao seu tamanho.

As suas primeiras lições não foram formais, mas autodidatas. A rádio era a sua escola, de onde aprendia "de ouvido", treinando incansavelmente as melodias que captava. O próprio moinho do avô tornou-se parte da sua formação. O som rítmico e constante das mós a moer o trigo servia-lhe de metrónomo natural, uma pulsação que interiorizou. Foi na "Tasca do Faúlha", o estabelecimento da família, que as suas primeiras "guitarradas" ecoaram, onde a sua vocação foi estimulada desde tenra

idade, pela mãe que cantava, acompanhada pelos "magníficos dedos" do pai na guitarra. Estas origens, profundamente enraizadas na cultura popular e no trabalho árduo, foram o alicerce sobre o qual construiu a sua jornada artística em Lisboa.

Quando António Chainho chegou à capital em 1965, iniciou uma carreira que ele próprio dividiu em três grandes fases.

Primeiro, durante cerca de 30 anos, foi o guitarrista de eleição para alguns dos maiores nomes do fado, como Carlos do Carmo (com ele gravou dois álbuns que revolucionaram o género: *Um Homem na Cidade* e *Um Homem no País*), Frei Hermano da Câmara, Hermínia Silva ou Maria Teresa de Noronha.

É também histórico o álbum que ele gravou com o saxofonista Rão Kyao, em 1983, *Fado Bailado*, que teve uma enorme popularidade nessa época e que não será exagero qualificar como um dos pontos de partida para a reconciliação de grandes massas de público português com o fado, estilo que durante alguns anos passara de moda. Um êxito que teve de defrontar a crítica de alguns puristas, desconfiados com a estranha combi-

nação entre saxofone e guitarra de fado apresentada nesse álbum.

Numa segunda fase, António Chainho expandiu os seus horizontes musicais, envolvendo-se em colaborações com artistas de renome internacional.

Na terceira fase consagrou-se a solo, sendo mais um artista a contribuir para a afirmação da guitarra portuguesa como um instrumento de concerto por direito próprio.

Foi nas suas colaborações que a sua visão abrangente para o instrumento se tornou mais evidente. A gravação com a Orquestra Filarmónica de Londres em 1996 abriu-lhe "caminhos por todo o mundo". As suas parcerias pontuais em espetáculos ou gravações com o titã do flamenco, Paco de Lucía, com as divas brasileiras Gal Costa e Maria Bethânia, ou com a cantora japonesa Saki Kubota, entre muitos outros, não foram meros encontros musicais. Foram diálogos culturais, "mestiçagens", como ele próprio as descreveu, fundamentais para "traçar novos caminhos para a guitarra portuguesa".

Chainho promoveu a criação de escolas de guitarra portuguesa em locais como a sua terra natal, Santiago

do Cacém, e esteve na origem da evolução de uma nova geração de talentos, como Marta Pereira da Costa ou Pedro Jóia. Passou ao estatuto de "mestre".

António Chainho foi muito mais do que um guitarrista de enorme qualidade. Foi um embaixador da cultura portuguesa, um inovador que se atreveu a cruzar o fado com outras músicas do mundo, e um pedagogo generoso que garantiu a vitalidade e a evolução da guitarra portuguesa para o século XXI.

Achei interessante trazer aqui as frases que foram ditas publicamente quando foi noticiada a morte de António Chainho, para perceber como ele foi definido nas palavras dos outros

Analisei notas oficiais, obituários, entrevistas e testemunhos de músicos e instituições culturais e todas elas convergem numa imagem muito consistente: António Chainho é apresentado como referência maior da guitarra portuguesa, simultaneamente guardião de uma tradição popular mas, também, agente ativo da sua transformação estética e social.

As declarações oficiais tendem a fixá-lo como figura "cimeira"/"insigne", com valor de património cultural e de identidade nacional, sublinhando a projeção internacional do instrumento.

As vozes de outros artistas e de outros protagonistas (músicos, autarcas, programadores) destacam a singularidade artística, o impacto geracional e a capacidade de "libertar" a guitarra portuguesa de uma função estritamente acompanhante, ampliando-lhe repertórios e públicos.

As entrevistas em vida corroboram esta leitura pela primeira pessoa: Chainho formula uma missão explícita de divulgação e expansão do instrumento e interpreta como evolução recente (incluindo através do ensino e da tecnologia) aquilo que muitos depoimentos descrevem como legado.

Começamos então por relembrar o que o Estado português disse sobre Chainho:

- "Personalidade cimeira na guitarra portuguesa e no fado" - Marcelo Rebelo de Sousa a 27 de janeiro, na nota de pesar no site da Presidência da República Portuguesa, onde se sintetiza o estatuto de "cimeira" cultural, colocando António Chainho no núcleo identitário do fado e da guitarra portuguesa.

- "Mestre insigne da guitarra portuguesa" – voto de pesar da Assembleia da República, que cristaliza o valor canónico do músico. O documento do Parlamento enquadra ainda a internacionalização e dimensão pedagógica de Chainho como tendo sido um serviço público.

- "Desaparece uma figura ímpar nossa música" – ministra da cultura, Margarida Balseiro Lopes na nota de pesar em nome do governo português que sublinha o serviço cultural e a projeção externa de Chainho e que ainda disse o seguinte: "O seu legado artístico continuará vivo em Portugal e no mundo."

- "Contribuiu de forma decisiva para a valorização, inovação e divulgação" – nota da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, de onde Chainho era natural, que valoriza três eixos do seu legado — valorização, inovação e divulgação — como contributo para identidade cultural. Esta nota foi acompanhada por uma declaração do presidente da Câmara, Bruno Gonçalves Pereira, que sublinhou a sua ligação do músico a este concelho dizendo o seguinte: "Ele dizia com muito orgulho que era de São Francisco da Serra."

- "Mudou o destino, libertou a guitarra portuguesa" – declaração do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, a 14 de setembro de 2024 quando Chainho se despediu dos palcos.

- "Deu a volta ao mundo a acompanhar fadistas e artistas interna-

cionais" – comunicado da EGEAC, a promotora cultural de Lisboa, que enfatiza o alcance global e a transversalidade de Chainho.

- Finalmente, ainda no domínio institucional, tem particular significado a nota de pesar da Sociedade Portuguesa de Autores que sublinha que as suas gravações "marcaram de forma indelével a música portuguesa", enfatizando a permanência histórica da sua obra e ligando-a diretamente à projeção do instrumento como identidade cultural.

Dois artistas disseram duas frases particularmente relevantes nas citações que apareceram na imprensa que noticiou a morte de Chainho: Camané e Rui Veloso.

- "António Chainho traz todo o passado da guitarra portuguesa para o futuro." - esta explicação foi recuperada no dia 27 de setembro, mas originalmente ela foi produzida por Camané numa declaração sobre a despedida dos palcos de António Chainho.

- "Vai ficar no pódio dos grandes músicos da guitarra portuguesa" – Rui Veloso disse isto no dia da morte de Chainho, ao recordar a colaboração que ambos fizeram para o álbum "Cumplicidades", de Chainho, que em 2015 celebrou com esse disco 50 anos de carreira convidando vários artistas a gravarem com ele.

Nestas frases todas há quatro núcleos de abordagem sobre a vida e a obra de António Chainho que me parece ser importante sublinhar:

O primeiro é o **estatuto canónico**: as fórmulas "personalidade cimeira", "mestre insigne", "legado que atravessa gerações" e "indelével" surgem em registos oficiais e associativos, sinalizando consenso institucional sobre o lugar de Chainho no património musical português. Este tipo de consagração é relevante porque



não se limita ao elogio estético: associa-o a “difusão”, “projeção” e “valorização” cultural, isto é, a um serviço público de cultura.

O segundo núcleo é a **transformação do papel da guitarra portuguesa**: a frase “Mudou o destino, libertou a guitarra portuguesa” condensa uma leitura de rutura (ou, pelo menos, de transformação) — a passagem de um instrumento “subjugado” a funções específicas para instrumento com liderança própria, capaz de circular em outros universos. Há aqui, parece-me, um paralelo com Carlos Paredes — embora com distâncias temporais, culturais, estéticas, técnicas e formais óbvias — que não tem sido registado.

O terceiro núcleo é a **projeção internacional** como experiência concreta e como argumento de importância: “deu a volta ao mundo”, “todos os continentes” e a síntese institucional de percurso “a acompanhar fadistas e artistas internacionais” não funcionam apenas como enumeração biográfica; funcionam como indicador de alargamento de públicos e de diplomacia cultural informal, frequentemente associado a figuras que operam como “embaixadores” do instrumento.

O quarto núcleo é a **transmissão e pedagogia**: A nota municipal que associa o orgulho de pertença local a aulas, solidariedade e continuidade territorial mostrando que a “impor-

tância” também é narrada como trabalho comunitário e estruturante de ecossistemas culturais (escolas, auditórios, redes locais). E esta dimensão pedagógica deste artista o próprio Chainho não se cansava de sublinhar.

Mas, afinal, e o que pensava Chainho de Chainho?

Se há uma frase que condensa a forma como António Chainho se via, ela é esta: **“Devo tudo à guitarra.”** Dita numa entrevista à *Visão*, em 10 de abril de 2015, a frase não soa a simples gratidão sentimental; funciona antes como uma definição biográfica. No mesmo perfil, Chainho acrescenta: **“Se não fosse a guitarra, com certeza ainda aqui estaria e seria talvez comerciante, como o meu pai...”**. Ou seja: via o instrumento não apenas como ofício ou arte, mas como a força que lhe redesenhou o destino, arrancando-o ao horizonte estreito da aldeia e dando-lhe uma vida inteira de criação, circulação e reconhecimento.

Esse autorretrato assenta menos na ideia de génio espontâneo do que na de aprendizagem obstinada.

No texto biográfico do Museu do Fado, Chainho recorda a infância e a escuta da rádio como escola: **“Cada coisa que eu aprendia era uma escada que eu subia, mais um degrau, mais um degrau...”**. A imagem é reveladora: não fala de ilu-

minação súbita, fala de construção paciente.

A mesma lógica reaparece noutra entrevista de 2015, ao jornal *i*, quando diz: **“não posso viver sem a guitarra, é uma paixão que tenho desde os seis anos.”** O que emerge daí é a ideia de um homem que se pensava como trabalhador de uma vocação absoluta, alguém para quem a guitarra não era acessório da vida, mas o próprio centro dela.

Mas Chainho não se via apenas como intérprete; via-se como agente de transformação. Ao *i*, afirmou que **“a guitarra portuguesa evoluiu mais nos últimos dez anos do que em toda a sua história”**; na *Visão*, reforçou a mesma ideia ao dizer: **“Com as escolas, a guitarra evoluiu mais numa década do que em dois séculos. Sempre ensinei tudo o que sei, porque entendo que a guitarra tem de evoluir e deixa-me muito orgulhoso saber que fui pioneiro nesse campo.”** E, na *xmusic*, foi ainda mais programático: **“A guitarra não é só para o fado.”**

Nestas frases há mais do que opinião musical: há um programa, quase uma missão. Chainho pensava-se como alguém chamado a libertar a guitarra portuguesa de uma função estreita, a ensiná-la, a abri-la ao mundo e a empurrá-la para outras linguagens.

No fim da vida pública, esse discurso torna-se balanço. Em janeiro

de 2026, num texto da TSF com base em declarações anteriores à Lusa, surge a frase: **“Dei a volta ao mundo, toquei em todos os continentes, e acho que me sinto feliz”**. A notícia acrescenta que, ao abandonar os palcos, Chainho dizia estar **“em paz”** consigo mesmo e **“contente”**

com o percurso que tivera. Não é a voz de um homem deslumbrado consigo próprio; é a de alguém que olha para trás e vê a coerência entre o menino autodidata, o mestre pedagogo e o músico que levou a guitarra portuguesa para fora das suas margens tradicionais. O que Chainho

pensava sobre Chainho, no fundo, era isto: que a sua vida só fazia sentido porque foi vivida em função de um instrumento — e que essa fidelidade bastava para justificar a sua obra.

Pedro Tadeu

VÍTOR PAULO

Músico e luthier, ou guitarreiro



“O diálogo entre o músico e o guitarreiro é essencial”

O que é um luthier ou guitarreiro? É quem constrói, repara e restaura. Antigamente não existia este nome, actualmente é uma expressão do mundo global. A família Grácio utilizava na etiqueta, no fundo do instrumento a designação Guitarraria Leiricense, depois é que começaram com a designação Grácio: do avô João Pedro Grácio, pai João Pedro Grácio Júnior e Gilberto Grácio. Este faleceu em 2021.

E não deixou continuadores, alunos?

Os aprendizes do Gilberto Grácio, que deram continuidade, são o Hugo Madeira e o António Duarte, que trabalham em nome próprio.

Processo de construção das guitarras

O António Chainho tinha uma guitarra ao nível do timbre, maleabili-

dade de execução, perfeita. A Guitarra Portuguesa é talvez o instrumento mais difícil de atingir a afinação, o som ideal, pelo que tem que ter uma construção perfeita, o diálogo entre o músico e o guitarreiro é essencial para o músico tocar, deve haver um diálogo permanente.

As diferenças entre a Guitarra de Lisboa e a de Coimbra

O Chainho tocava com uma guitarra de Lisboa enquanto o Paredes tocava na de Coimbra. Nesta o som é mais grave, é um tom mais abaixo. A guitarra de Chainho tinha um timbre único, isso também contribuía para ele sobressair como músico e tirar aqueles acordes maravilhosos do instrumento.

Transporte e acondicionamento

É a dedicação que se tem com o instrumento. Num avião o Mestre viajava acompanhado pela guitarra. Tinha de ter um lugar para a guitarra pois é um instrumento muito pessoal, é um bocado a alma dele. Daí a importância do construtor. O triângulo entre o músico, a guitarra e o construtor permite haver uma grande cumplidade.

Quando um músico sai da área do Fado como aconteceu com o Mestre Chainho, ele consegue trazer a guitarra para o mundo e alcançar a universalidade.

O eterno abraço, para além da guitarra



Há pessoas cuja vida não cabe apenas numa biografia. A vida do mestre foi assim — maior do que as palavras, maior até do que a música que tocava. Ainda assim, quando penso nele, há uma imagem que regressa sempre: António Chainho ligeiramente inclinado sobre a guitarra portuguesa, como quem fala baixinho com um velho amigo ou se entrega a uma paixão. Quem o conheceu de perto sabe que aquele gesto dizia tudo.

Tive o privilégio de caminhar ao lado do António durante muitos anos — como agente, mas sobretudo como amigo. E é dessa amizade que nasce este testemunho. Porque trabalhar com ele nunca foi apenas acompanhar uma carreira extraordinária. Foi assistir, todos os dias, à forma como um homem simples transformava talento, disciplina e amor pela música numa vida inteira dedicada à guitarra portuguesa.

O António trazia sempre consigo o Alentejo. Mesmo quando estava em grandes palcos do mundo, em teatros internacionais ou em festivais de guitarra ao lado de nomes lendários, havia nele uma serenidade e uma verdade que vinham das suas origens. Cresceu rodeado pelas sonoridades populares da sua terra e pelas tradições musicais que faziam parte do quotidiano da região — e nunca perdeu essa ligação profunda às raízes.

A guitarra portuguesa entrou na sua vida ainda jovem e rapidamente se

tornou muito mais do que um instrumento. Tornou-se linguagem, companhia e destino. Ao longo de mais de seis décadas de carreira, o António fez algo que poucos conseguem: respeitou profundamente a tradição e, ao mesmo tempo, teve a coragem de a reinventar. Acreditava que a guitarra portuguesa podia ocupar o centro do palco, podia dialogar com o mundo e podia contar novas histórias. E provou-o, concerto após concerto.

Vi-o emocionar plateias em Portugal, no Brasil, em Espanha, no Japão ou em Inglaterra. Vi músicos extraordinários aproximarem-se dele com admiração e respeito. Mas o que mais me impressionava era a forma como permanecia sempre igual a si próprio. Humilde, curioso, generoso. Para o António, cada concerto era importante, cada ensaio tinha valor, cada encontro com o público era um momento verdadeiro.

Talvez por isso tenha sido também um mestre no sentido mais profundo da palavra. Não apenas porque ensinou técnica ou repertório, mas porque transmitiu uma forma de estar na música e na vida. A criação da escola de guitarra em Santiago do Cacém e o seu envolvimento na formação de novas gerações mostram bem o quanto acreditava no futuro da guitarra portuguesa.

Houve muitos momentos marcantes ao longo destes anos: discos inesquecíveis, encontros com artistas

extraordinários, concertos memoráveis. Mas aquilo que guardo com mais carinho são os momentos simples — as conversas depois dos espetáculos, os ensaios tranquilos, a “muita” estrada de muitos caminhos, as histórias contadas com humor e sabedoria.

O António viveu intensamente através da música. A guitarra portuguesa foi o fio condutor da sua vida e também o meio através do qual tocou a vida de tantas pessoas. Levou consigo a memória do Alentejo, a tradição do fado e a vontade de abrir caminhos novos para um instrumento que amava profundamente.

Hoje, quando ouvimos as suas gravações ou recordamos um dos seus concertos, percebemos que o seu legado não está apenas na história da música portuguesa. Está também na emoção que deixou em quem o ouviu e em quem teve a sorte de o conhecer.

Para mim, ficará sempre essa imagem simples e verdadeira: um homem e a sua guitarra, unidos num abraço que atravessou décadas, fronteiras e gerações.

É tenho a certeza de que esse abraço continuará a ecoar por muito tempo.

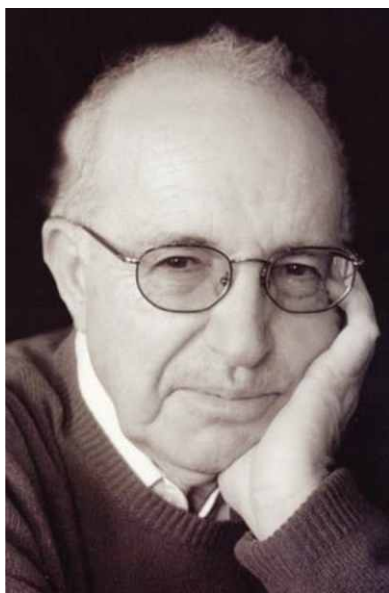
Com amizade e profunda gratidão,

Nuno Sampaio | Ghude
Agente e amigo de
António Chainho

ANTÓNIO BORGES COELHO

No adeus ao mestre...

António Borges Coelho, Poeta maior e um dos mais importantes historiadores e professores catedráticos, nomeadamente da 2ª metade do século XX e início do XXI, marcou gerações de portugueses amantes da História, deixou-nos.



Teve um papel decisivo no estudo e divulgação da nossa herança muçulmana de cerca 500 anos - quanto durou o Garbe al-Andalus - fosse com o seu icónico "Portugal na Espanha Árabe" ou com o lançamento do projecto do Campo Arqueológico de Mértola, dirigido pelo Amigo comum, Cláudio Torres, só para dar dois exemplos maiores.

Nasceu em Murça (7 de Outubro 1928). Cidadão empenhado, esteve no MUD Juvenil e tornou-se militante comunista, o que lhe valeu a prisão nos cárceres fascistas, Aljube e Tarrafal. Estava preso cinco anos no Forte de Peniche, onde casou - como refere no memorial patente no actual Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche.

Ainda que tenha publicado obras na área da literatura, nomeadamente enquanto Poeta destacado, foi sobretudo na História, com uma visão ino-

vadora onde deixou marcas mais perenes.

Autor de mais de vinte livros, entre eles sete volumes da História de Portugal, publicados entre 2010 e 2022, a sua obra inclui, para além da História e da Poesia, Ficção, Ensaio e Teatro. Na História destaque para, para além do icónico "Portugal na Espanha Árabe", "As Raízes da Expansão Portuguesa", "A Revolução de 1383" ou a "Inquisição de Évora". Já este ano publicou a colectânea "Poemas".

Não fui aluno do Professor Borges Coelho, mas tive com o Mestre encontros, sobretudo nos últimos 26 anos, que me marcaram profundamente.

A 4 de Outubro de 2000, na Casa do Alentejo, foi uma das personalidades que esteve na mesa, na sessão de apresentação pública do CEDA – Centro de Estudos Documentais do Alentejo-Memória Colectiva e Cidadania. Neste imagem, onde Cláudio Torres usa da palavra, ladeado por António Ventura, Borges Coelho, seguindo-se José Chitas, Presidente da MAG da Casa do Alentejo, Urbano Tavares Rodrigues, Moisés Espírito Santo, Salwa Castelo Branco e Pedro Alves que, tal como eu – que a coordenava - representava Comissão Instaladora do CEDA.

Estive presente no jantar de homenagem que teve lugar na antiga FIL, por ocasião dos seus 80 anos. O CEDA realizou uma homenagem em Évora, em Março 2009, na Universidade, no âmbito do Colóquio Internacional Almutâmide e a Poesia do Garb al-Andalus", com a participação dos mais importantes arabistas nacionais e

outros, vindos de Espanha e de Marrocos, uma organização CEDA/UE/CME.

Aceitou ser arguente principal júri meu doutoramento (Dezembro 2010) já jubilado e começou por tecer palavras muito elogiosas sobre o trabalho levado a efeito na divulgação da identidade alentejana, o que muito me sensibilizou.

Autor do excelente prefácio da biografia "Uma Vida Com história: Cláudio Torres" – ainda estava ele na sua casa na Parede onde o visitei algumas vezes, não resisto a partilhar, este breve mas belo excerto:

"Gostava de terminar esta prosa ilustrando-a com uma imagem qualquer, sei lá, a «Cabeça de Casével» ou então com os sons da viola campaniça que, numa noite escura, na vila de Entradas, nos fizeram subir às estrelas."

Era assim o António Borges Coelho, enorme historiador e professor catedrático, cidadão fraterno e de grande humildade, sempre com a poesia da palavra escrita em riste...

Em 1999, Borges Coelho foi agraciado com a Ordem de Sant'Iago da Espada e, em 2018, foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Todavia, declarou à LUSA:

"Sinto-me um ser normalíssimo, um cidadão normal. Sou o mesmo que veio de Trás-os-Montes, que, quando criança, andava na instrução primária e, depois das aulas, ia buscar as cabras ao monte".

Tinha-o visitado três meses antes, no Lar dos Professores, em Carcavelos, em espaço excelente, onde eu e a Anita, encontrámos o professor,

ainda que com mobilidade reduzida, com uma lucidez assombrosa. Falou-nos demoradamente de sua juventude, da sua vida de seminarista franciscano e como perdeu a fé e acabou expulso do seminário, quando o deixaram sair. Falou-nos dos projectos que tinha e... dois dias depois telefonou-me a dizer que estava a adorar um dos livros que lhe levei - dos dois últimos livros que publiquei e que ele ainda não tinha.

Soube no da sua partida no final da sessão em Tavira, quando ia jantar com o Pedro Tadeu. A Anita telefonou e disse-me, com tristeza: Morreu o Borges Coelho...

Do seu livro, escrito em Peniche, partilho o poema "Sou barco", no livro de pequeno formato, "Roseira Verde" edição de autor (1962) e o canto que o Adriano imortalizou com a sua voz única (LP "Margem Sul", Orfeu, 1967), musicado pelo Amigo Luís Cília - que inicialmente o gravou no LP "Portugal-Angola: Chants de Lutte", Le Chant du Monde (1964).

Eduardo M. Raposo

SOU BARCO

*Sou barco abandonado
na praia ao pé do mar
E os pensamentos são
meninos a brincar.
Ouço o fragor da vaga
sempre a bater ao fundo,
Escrevo, leio, penso,
passeio neste mundo
de seis passos e o
mar a bater ao fundo...
Ei-lo que salta bravo
e a onda verde-escura
esfarela-se em trigo
de raiva e amargura.
Agora é todo azul,
com barras de cinzento,
e logo é verde, verde,*

*seu brando chamamento.
Ó mar, venha a onda forte
por cima do areal,
E os barcos abandonados
voltarão a Portugal...*



Viver é uma maravilha!

A vida de António Borges Coelho tem sido caracterizada por intensa actividade de investigador, académica e política, e por uma cidadania exemplar. Antes da docência e das obras de investigação que o tornaram conhecido, era já um cidadão muito respeitado, um companheiro de combates muito amado pela total entrega à luta contra o regime fascista. O historiador com grande prestígio, o antifascista que, em Democracia, não abdica do investimento pessoal na preservação da memória da Ditadura, foi um professor de quem os alunos ficaram amigos, e é o amigo que admiramos – desde sempre – pela coerência de princípios, pela simplicidade e a humildade. É um homem que diz (falando de si mesmo): «Nós vivemos errando/É difícil meterem-me numa forma, política ou não política/ É preciso dizer não para que a água da vida corra limpa». A consciência da sua própria personalidade permite-nos, em três frases singelas, estar perante a dimensão da sua dignidade. Outra frase sua, «**Viver é uma maravilha, mesmo havendo dias cinzentos**», sintetiza o estado de espírito, que

reconheci no ânimo com que enfrentou (e ultrapassou) agruras, contrariedades e o cansaço das derrotas que todos vamos tendo. É a voz do seu optimismo que, tantas vezes, ecoou no meu ouvido, associada ao olhar límpido e a um sorriso puro, quase infantil. Adorável António, Antoninho como sempre lhe chamei. São cerca de 60 anos de uma amizade que se entrelaçou com a camaradagem ideológica na luta antifascista clandestina e que, depois, se consolidou, quer em combates por um mundo melhor e pela memória da Resistência, quer em vivências culturais, em festejos e até em simples convívios à volta de uma mesa. A última vez em que celebrámos a nossa velha amizade, partilhámo-la com outros dois grandes amigos, o José Tengarrinha e o António Marques de Almeida, e já então receei que aqueles momentos tão bem-dispostos fossem de despedida. Estávamos em 2017 e eles, ambos gravemente doentes, não tardaram a deixar-nos. Apesar da situação preocupante, esse almoço em casa do Zé T. decorreu num ambiente de muito riso, motivado por

diversas histórias do passado e da actualidade, e com o afecto que nos acompanhava desde a juventude. Ligações fraternais, perenes, estas, muito marcadas pelo ambiente do MUD Juvenil, o movimento em que eu ainda militei fugazmente, dos 17 aos 18 anos, mas do qual Borges Coelho e Tengarrinha foram dirigentes na década de 50. Tornei-me adulta, devedora da influência próxima de amigos e amigas, mais velhos, que eu admirava; e, até hoje, estou-lhes agradecida. Foi assim que vim a acompanhar o exemplo de amor e coragem do casal Borges Coelho. Na década de 60, a Isaura era, na minha perspectiva de jovem activista, uma figura feminina mítica. Nos meios da Oposição democrática, ela ficara conhecida pela sua prisão e pela violência que a PIDE usara nos interrogatórios. Foi condenada, pelo Tribunal Plenário de Lisboa (1954), a dois anos de prisão maior, com «medidas de segurança» prorrogáveis por tempo indeterminado – sendo acusada de pertencer ao MUD Juvenil, de fazer a sua apologia e de ter propagandeado que a PIDE infligia torturas morais e

físicas aos presos. Numa família de perseguidos pela polícia política, as duas irmãs Isaura Borges Coelho e Hortênsia Campos Lima, ambas enfermeiras, ficaram na memória colectiva (até hoje), sobretudo por terem encabeçado um «movimento de protesto contra a Lei que impedia as enfermeiras de casar» (proibição só terminada em 1963, depois de uma luta prolongada). Hortênsia, presa em 1954 pela 1ª vez, brutalmente pressionada pela PIDE, iria também ser julgada em Tribunal Plenário, mas absolvida. (Corria entre nós a lendária história das 3 letras MPB, escritas na sua agenda, iniciais de “Meu Primeiro Beijo”, e não de “Meu Partido Bolchevique”, a estúpida insistência de que a PIDE não abdicara, pretendendo obter uma confissão “comprometedora”). Isaura, depois de encarcerada em Caxias durante quatro anos, já estava com a vida por um fio e cerca de 30 quilos de peso, quando a PIDE teve de a internar em hospitais, sucessivas vezes, vendo-se forçada a libertá-la. António Borges Coelho despediu-se dela, em 2019 – da brava lutadora algarvia que havia sido sujeita a um regime de isolamento, selvaticamente espancada e arrastada pelos cabelos – e que, à beira da morte, quando hospitalizada, sofrera alucinações com a PIDE. Da Mulher/Mãe/Amiga, que tinha sido a sua companheira durante 60 anos, ficara uma história de amor, atravessada por uma longa caminhada de sofrimento, infligido aos dois pela ditadura de Salazar. António Borges Coelho era dirigente do PCP quando foi preso pela PIDE, em 1956; e, vítima de pesada condenação num Tribunal Plenário fascista, iria ser enviado para o Forte de Peniche, sem permissão de ser visitado por Isaura, ou de trocar correspondência com ela – por não estarem casados. Aos 8 meses de prisão, António dedicou a Isaura um poema, escrito no Forte de Peniche, que veio a ficar na história da Resistência: «**Até logo**». Durante a longa ditadura, havia democratas que o memorizavam e o diziam com emo-

ção, nos «convívios de solidariedade antifascista». Para mim e para muitos de nós – quando se falava do Borges Coelho preso em Peniche – o camarada era apelidado de «O poeta».

Casaram na cadeia em 1962, a meio da pena do António, quando eu ia a caminho do exílio (com o meu primeiro marido, também ele grande amigo do casal, o jornalista Alfredo Noales). Não estivemos, pois, no casamento, mas recorro à descrição da madrinha, a nossa comum amiga Maria Amélia Padez, que se deslocou a Peniche, com mais alguns outros companheiros, para a festa que esperavam acontecer: «Um casamento em que estiveram separados (por um vidro) de todos os amigos e em que a noiva saiu uma hora depois, terminada a festa»... – (Era assim o humanismo cristão do regime).

A vida do António Borges Coelho, em todas as suas vertentes, é uma extraordinária história de LIBERDADE e AMOR. Tenho a certeza de que ele terá vivido, com o mesmo grau de amor e de responsabilidade, a vida familiar, a acção cívica e política, a docência que marcou várias gerações de alunos e, no passado distante, a militância partidária clandestina; mas também, igualmente, a sua actividade de pastoreio de um rebanho de cabras, que ele traz numa memória feliz da infância, em Murça. No entanto, pressinto que o seu amor maior será, para sempre, a investigação em História: é a paixão que não lhe morre... Deu a “Última Lição” em 1998 e prosseguiu, com regularidade e o mesmo entusiasmo, a investigação e a divulgação dos seus trabalhos. Tem diversas obras de vulto na historiografia nacional – e eu, leiga na matéria, confesso uma infinda veneração pelo amigo/historiador que traz a arraia-miúda para a primeira linha da **História**.

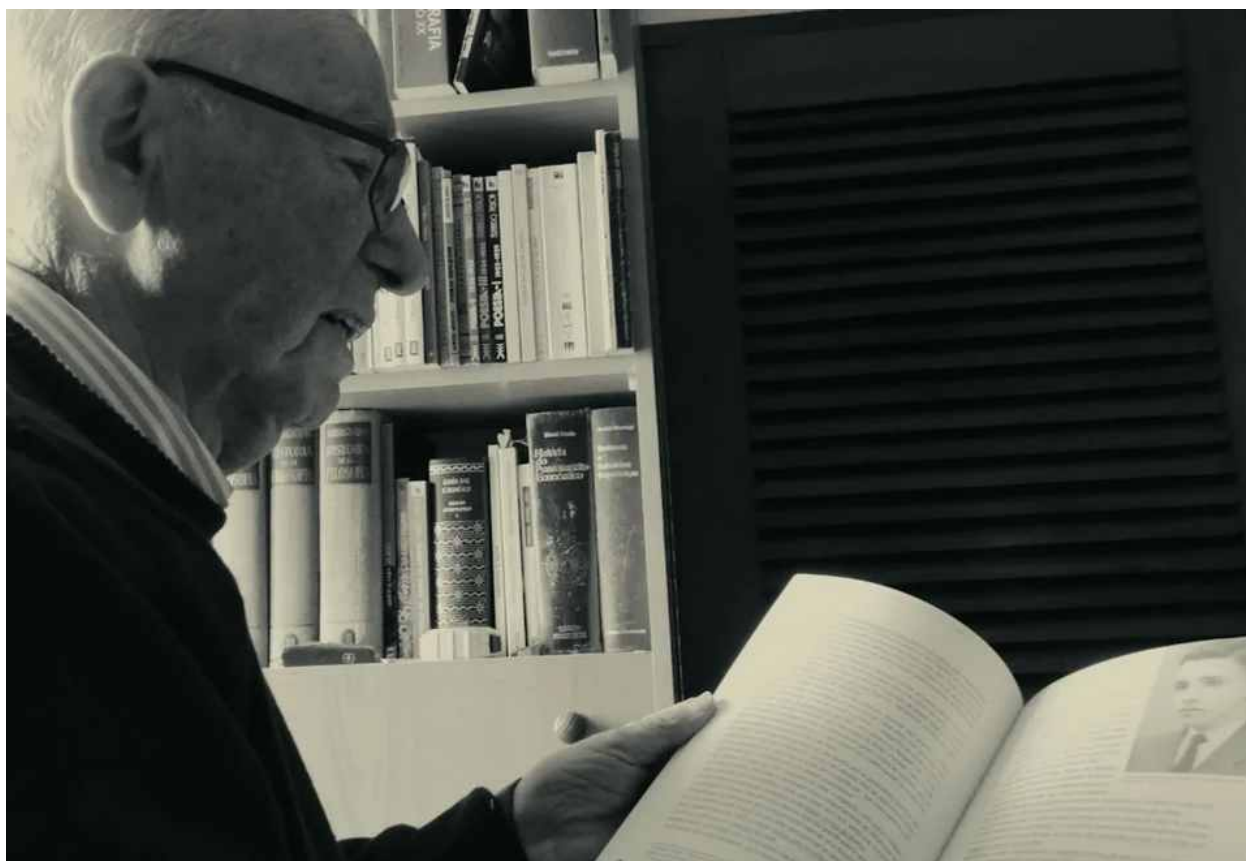
Em 2013, António Borges Coelho, Membro Honorário e sócio fundador do Movimento Não Apaguem a Memória - NAM, foi nomeado pelo Presidente da CML, para Presidente do Conselho Consultivo do Museu do

Aljube Resistência e Liberdade (um espaço de memória, da resistência à ditadura e de luta pela liberdade, criado por iniciativa daquele Movimento, em 2006). Em 2014, discursou na Assembleia da República, em representação dos presos políticos da Ditadura, na Homenagem aos advogados dos tribunais plenários fascistas (promovida pelo NAM). Em 2018, António Borges Coelho foi homenageado pela Universidade de Lisboa, na Reitoria da Universidade Clássica; e, no mesmo ano, foi finalmente agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (criada em 1974 com o objectivo de distinguir os que se notabilizaram na defesa da liberdade, da democracia e dos direitos humanos). Em 2019, foi-lhe atribuída pelo Governo a Medalha de Mérito Cultural, distinguindo-o pelo percurso de investigador e historiador, poeta e ensaísta, e enaltecendo o seu “constante compromisso com a cultura e língua portuguesas”. Estes foram alguns dos momentos da vida deste amigo, que vivi com proximidade, especial orgulho e grande emoção – e, por isso, os destaco. Vejo António Borges Coelho como um cidadão invulgar: um homem que respeita todos/todas e que é respeitado por todos aqueles que o conhecem. Um ser humano intrinsecamente LIVRE e amante da LIBERDADE. Um homem de convicções e de princípios, de que não abre mão e que o orientam na VIDA, sem dogmas.

Hoje, após dezenas de anos de amizade, continuo a ter pelo António o mesmo carinho e um profundo respeito. É o amigo de quem espero o conselho lúcido e em quem encontro ternura, sensibilidade, afabilidade e uma exemplar capacidade de diálogo. Mas o seu carácter, a sua coragem intelectual e o seu espírito livre, a par da inteligência e do humanismo, são traços que, aos meus olhos, o tornam imortal.

(O que eu gosto de ti, meu amigo! Até logo!)

Helena Pato
Lisboa, 25 Abril de 2025



«Até logo» – poema para Isaura

Há oito meses dissemos:

– Até logo!

*Era uma tarde fria de Novembro
uma tarde como qualquer outra
gente regressando a casa do trabalho*

Era uma tarde fria de Novembro.

*Não sei se alguém sorriu
do beijo que trocámos.*

– Até logo – disseste.

*Depois passaram oito meses
os meses mais compridos que tenho
encontrado.*

Sei que disseste «até logo»

*E era como se levasse as tuas mãos
Abertas sobre o meu peito.*

*Pensava
que só nas despedidas breves*

por horas

se dizia «até logo»

*como a alguém que parte
«boa viagem»*

*ou ao nosso companheiro
«bom trabalho».*

Mas já passaram oito meses

*duzentos e quarenta dias
cinco mil e setecentas horas.*

Porque disseste

«Até logo?»

Se eu não soubesse

*aprenderia que na minha pátria
os namorados dizem «até logo»*

e estão meses anos

por vezes não voltam mais.

Fecham-nos

atrás de grades de ferro

espancam-nos

matam-nos devagar

*e não permitem que apareçam
«logo».*

Mas temos que sofrer

sofrer deveras.

Até que um dia

*Os homens cantarão livres como
os pássaros*

os namorados beijarão sem pressa

e as palavras «até logo»

*quererão dizer simplesmente
«até logo»*

*(Os oito meses transformaram-se
em dez anos) - Poema «Até logo»,
de ABC*

Lembremos António Borges Coelho

«Disse-se que o passado era lição do presente. Quando o presente é que é lição do passado.»

Sampaio Bruno, 1857-1915

António Borges Coelho era um homem avisado sobre a linha do tempo que une os acontecimentos e os emaranha em nós que parecem difíceis de desatar por homens de gerações sucessivas, mesmo que encavalitados na sua presunção se ponham a anunciar tempos novos e novas auroras libertadoras. Aprendera com a vida que, entre a enxada manejada pelos seus companheiros de infância de Murça na surriba das vinhas e o comando sofisticado de um avião supersónico da linha Paris-Nova lorque, estava tão só a tecnologia e o método. Porque o tempo é o mesmo, as mesmas as mãos dos homens, o trabalho que lhes impõe a vida, ou o anseio por terminar o dia com o dever cumprido. Bem instalados na cátedra da escolástica, os que o viram chegar à Academia vindo de “nenhures” (onde estavam os pergaminhos?) logo o foram avisando que os “factos são irrepitíveis” e que há muita diferença – ó se há! – entre os que montam um cavalo aparelhado para conduzir o assalto ou os peões de brega que lhe abrem o caminho da glória. E, no entanto, quem ignora que lhes está destinado o mesmo caminho na batalha final?

Olhamos o passado com os olhos do presente? Borges Coelho aprendera isso com os clássicos dos «Annales», com Marc Bloch especialmente, mas também com a vida que experimentou desde jovem e que o pôs a olhar para esses dois mundos paralelos do campo e da cidade, separados no espaço por diferenças abissais, mas igualados no tempo, esse sino ronco e paciente que parece indiferente ao desejo vão de mudança dos homens. O tal Bloch convenceu-o desde cedo que «a incompreen-

são do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas não é talvez menos vão esforçar-se por compreender o passado se não se sabe nada do presente». E esse – o presente – chegava-lhe pela vida dura de um jovem de província que decidira igualar (ou superar) os urbanos pelo estudo da História. E muito especialmente pela Literatura, esse outro olhar aberto ao mundo inteiro do humano e do social. Ficou-lhe daí a forma de escrita – “literária”, avisavam desdenhosos os tais catedráticos –, isto para lhe diminuir o valor. Mas rigorosa, porque o rigor não resulta da suposta objetividade e neutralidade com que se pretende contar a História, em vasos baços e uniformes, mas antes da subtileza da linguagem (e por que não da beleza?) com que narramos um dia de batalha ou a viagem de uma expedição em demanda de especiarias, dando nome às coisas e aos homens e mulheres que por isso nasceram, viveram e morreram, buscando um sentido para a vida – para toda a vida e para a vida dos homens todos.

Para isso eram precisos documentos, fontes. Como teria Borges Coelho acesso a fontes na Cadeia de Peniche, onde iniciou dois dos seus trabalhos mais lidos e promissores – «A Revolução de 1383-1385» e «Raízes da Expansão Portuguesa»? Era para duvidar... Mas leu, isso é sabido. E leu muito. Mas não se enganem os ditos catedráticos sobre a forma como Borges Coelho utilizou esses documentos e fontes. Para ele o rigor não resultava da cópia insana de documentos e fontes para notas de pé de página do tamanho de páginas inteiras. Mas também da elaboração mental que resulta na compreensão

do oculto em cada facto, em cada documento. Não sabemos nós que o documento esconde por vezes mais do que esclarece?

Um dia, falando da produção do seu companheiro de prisão Álvaro Cunhal expressou bem o que pensava (também para si?): «Não descobriste nenhum documento novo. Não construístes mais um facto. A História vive dessas tarefas elementares. Mas não é apenas isso. É necessário relacionar e compreender. (...) Não tinhas acesso aos arquivos, não pudeste oferecer-nos factos novos. Mas soubeste reutilizar os tijolos neste teu edifício da História. Organizaste-os com destreza e levantaste um edifício teórico bem original. Com a tua escrita de combate, que eriça a pele dos académicos, avançaste na explicação da transformação social, ocorrida nos séculos XIII e XIV, e na compreensão da Revolução de 1383 em Portugal». (António Borges Coelho, Crónicas e Discursos, 94).

Heresia, anacronismo! Expulsos da Academia, onde nunca deveriam ter entrado se não tivesse ocorrido esse sobressalto “inexplicável” de Abril.

Levaram dois dias para encontrar argumentos que pudessem afastar Borges Coelho da Academia na sessão do seu doutoramento. Ao segundo, o povo levantou-se e correu para encher o salão da Reitoria da Universidade de Lisboa: «Vamos, que querem expulsar o Mestre!». E logo ao segundo dia esmoreceram os argumentos dos académicos em frente da consciência do povo que acorreu à Reitoria.

Luís Farinha

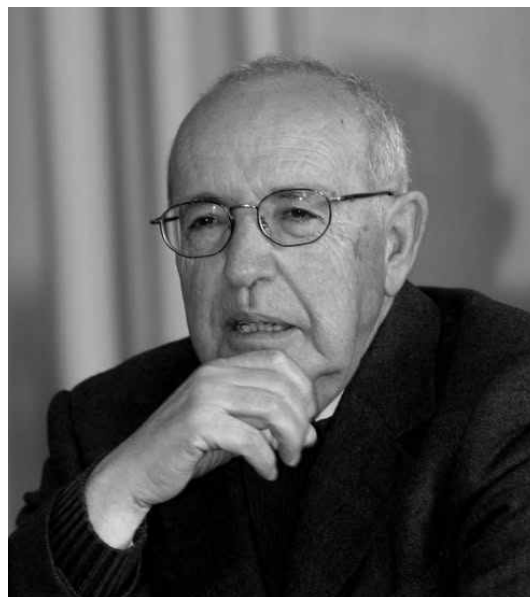
Biografia - Museu do Aljube

António Borges Coelho nasceu em Murça (Vila Real), a 7 de outubro de 1928. Decidido a ser frade franciscano, entrou para o seminário de onde acabaria por ser expulso.

No final da década de 1940 entra na Faculdade de Direito Lisboa, mas abandona os estudos para dedicar-se exclusivamente à política. Em 1949 integra o Movimento de Unidade Democrática (MUD) Juvenil e, depois, o Partido Comunista Português (PCP). A 3 de janeiro de 1956, já como dirigente do PCP na clandestinidade, é preso pela PIDE, recolhendo à cadeia do Aljube. Seguirá para Caxias e para a delegação da PIDE no Porto. Julgado em junho de 1957, condenado a dois anos e nove meses de prisão, segue para a prisão de Peniche e terminada a pena é sujeito a medidas de segurança. Durante a prisão em Peniche, casa com Isaura Silva, em 1959. Um ano depois, Borges Coelho opta por não integrar a fuga de Peniche de vários dirigentes do PCP. Recusava nova clandestinidade e pretendia dedicar-se a uma carreira como historiador após a libertação. Seria, no entanto, castigado e enviado para o Aljube, onde é submetido à tortura da estátua e a seis meses de isolamento. Regressado a Peniche, dedica-se ao trabalho de escrita histórica. Em 1962 ser-lhe-ia

concedida liberdade condicional por um período de cinco anos. Em 1967 conclui a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Lisboa. Em 1968 tornou-se jornalista, n' A Capital. Trabalhou também no Diário de Lisboa, Diário Popular, Vértice ou Seara Nova. Catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa publicou obras como *As Raízes da expansão Portuguesa*, *A Revolução de 1383*, *Questionar a História*, *A Inquisição em Évora* (1987) e vários volumes da *História de Portugal*.

Sócio fundador do Movimento Cívico Não Apaguem a Memória (NAM), foi até 2020 presidente do Conselho Consultivo do Museu do Aljube, com quem colabora desde o seu início. Em 1999, foi agraciado com



a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, em 2018 com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade e em 2019 foi-lhe atribuída pelo Governo a Medalha de Mérito Cultural.

<https://www.museudoaljube.pt/doc/antonio-borges-coelho-jorge-tavares-da-silva/>

António Borges Coelho (1928-2025)

“Ao sul e leste o Saará, a oeste o Atlântico, a norte o Mediterrâneo, a oriente desertos e a estrada natural do norte de África, a estrada das invasões, das especiarias e do Islão: eis Marrocos.

No mapa parece um cavalo deitado voltado para o Mediterrâneo com a garupa nervosa bem recortada sobre o Atlântico. A cordilheira do Atlas com os seus 4000 metros de altitude liberta-o da estepe e dos desertos do Leste. Depois os seus campos vão descendo de planalto em planalto, abrindo sobre o oceano os seus largos terraços

de terras úberes. Atlas, o velho gigante, não sustenta o céu com os seus ombros possantes, mas sustém estes açafates mouriscos que podem abarrotar de cereais, de gados e de frutas. Um outro braço de montanhas corre paralelamente ao Mediterrâneo - é a cordilheira do Rif, muralha onde vêm quebrar-se as ondas invasoras”.

Começava assim o livro “Raízes da expansão portuguesa”, publicado em 1964 e apreendido pela PIDE logo de seguida. Seria recuperado depois do 25 de abril. Tive a sorte de ter sido obrigado a lê-lo no liceu, em 1978. Começava aí a minha amizade com António Borges Coelho, ainda antes de o conhecer pessoalmente.



Num homem há muitos homens e numa vida há muitas vidas. Ele, que esteve quase um século neste mundo, cumpriu isso na perfeição. Marcou presença forte na vida política, na atuação cívica, na carreira académica e no percurso literário. Visitei-o, pela vez derradeira, no passado dia 25 de setembro. Fisicamente não estava bem, mas a cabeça tinha o brilhantismo de sempre. Foi uma conversa divertida, de mais de uma hora. Surpreendentemente, narrou-me dois episódios pessoais, que eu desconhecia. E riu muito, como sempre. Despediu-se de mim de punho cerrado, gesto que amiúde repetia.

A vida de António Borges Coelho foi um turbilhão calmo de coisas que se foram sucedendo. Preso político, militante do Partido Comunista Português, escritor, tradutor, professor, em todos os momentos da sua vida a palavra CONVICÇÃO esteve presente. De uma atividade incessante, que se prolongou quase até ao fim, permito-me destacar o fascinante “Portugal na Espanha Árabe”.

“Portugal na Espanha Árabe”, editado pela Seara Nova entre 1972 e 1975, veio trazer-nos, há 50 anos, um mundo quase desconhecido.

Borges Coelho, saído poucos anos antes das masmorras fascistas de Peniche (onde cumprira longa pena de prisão por ser resistente antifascista), trabalhou à margem da Academia (que era, naquela época, maioritariamente, aborrecida e cinzenta), e passou para língua portuguesa autores de quem não se falava. Explicou, foi dos primeiros a fazê-lo com clareza, que a matriz cultural do sul português tinha fortes raízes no mundo islâmico e, de forma mais geral, no Mediterrâneo. Nomes como al-Idrisi, ar-Razi ou Ibn Hayyan foram, então, divulgados. Mais importante ainda, poetas do ocidente peninsular como al-Mutâmide (natural de Beja), Ibn Bassam (de Santarém), Ibn Abdun (de Évora), Ibn al-Milh (de Silves) foram trazidos ao conhecimento público. São, todos eles, escritores de grande talento e sensibilidade, que juntam às coisas comuns da terra o lirismo, uma visão cosmopolita do mundo e um erotismo nem sempre discreto.

Há um “antes” e um “depois” do Portugal na Espanha Árabe. É uma obra ímpar, informal e feita com um mais que visível entusiasmo. Foi também uma obra de resistência política

e de desafio ao marasmo universitário da época. Depois, vieram os trabalhos em Mértola, que ele inspirou, e depois um trabalho incessante de dezenas de investigadores. Que resultaram em mais e mais conhecimento. Em nenhum, contudo, encontramos a versatilidade de Borges Coelho, a sua qualidade de escrita e o seu intenso sentido poético. Traduziu Ibn Ammar (1031-1086), nascido no Algarve, e passou para a nossa língua este poema invulgar, belo e simples, intitulado “Leitura”: “Minha pupila resgata o que esta preso na página:/ o branco ao branco o negro ao negro”. Como faz aquele que me lê faz, neste momento.

Há um “antes” e um “depois” de António Borges Coelho, e de Cláudio Torres, na revalorização e no reenquadramento da história do período islâmico. O interesse de António Borges Coelho por esse período nunca esmoreceu, sendo depois caldeado pelas investigações sobre os Descobrimentos e, sobretudo, sobre a Inquisição, tema da sua tese de doutoramento. Isso mesmo fica claro com as sucessivas reedições de “Portugal na Espanha Árabe” e com a participação ativa nos projetos “Portugal Islâmico” (1998), “Marrocos-Portugal” (1999) e Museu Islâmico, em Mértola (2001). Uma participação solidária, empenhada e militante.

Em 1998, António Borges Coelho prefaciou “O legado islâmico em Portugal”, livro de que, em conjunto com Cláudio Torres, fui autor. Isso deu-me “pretexto” para, alguns anos mais tarde, lhe fazer uma longa entrevista biográfica, publicada, com outros ensaios, no livro “Historiador em discurso directo” (2003), editado pela Câmara Municipal de Mértola.

É a esse “antes” e a esse “depois”, que foi decisivo, que aqui rendo homenagem, deixando lado, talvez injustamente, todas as muitas outras coisas que fez e que deram sentido à sua vida e que tanto ajudaram a que outras vidas fossem diferentes e melhores.

Santiago Macias

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, 50 ANOS

Fruto maior da revolução de Abril



Em Abril comemora-se o 50º Aniversário da Constituição da República, conquista maior da Revolução de Abril e Maio, reunindo no seu texto os valores que nortearam os Militares do Movimento das Forças Armadas, as conquistas do Processo Revolucionário e os ganhos civilizacionais da Humanidade que os Deputados Constituintes entenderam e bem nela integrar.

A Revolução de Abril foi um elevado e generoso acto de soberania protagonizado pelo Povo, determinado a decidir livremente sobre o seu próprio destino, liberto das amarras do fascismo.

Período marcado pelo derrube do fascismo, a conquista da liberdade, o exercício da democracia.

A vitória sobre o fascismo em 25 de Abril de 1974 ficou a dever-se à luta do povo, dos trabalhadores e do movimento operário, à resistência e luta anti-fascista, à acção das forças e sectores democráticos, à coragem e determinação dos heróicos militares do Movimento das Forças Armadas.

Quem conheceu o regime fascista não o esquece, sabe das diferenças entre o Portugal fascista e o Portugal de Abril, reconhece as muito grandes diferenças entre ditadura e democracia, entre as liberdades democráticas e a repressão, as prisões e os assassinatos, entre eleições livres e as fraudes eleitorais, entre a guerra e a Paz.

"O esquecimento não pode vencer a memória", o Fascismo existiu e foi o responsável pela:

- Supressão das liberdades de expressão, reunião, manifestação e associação;
- Proibição de partidos políticos, da liberdade sindical e do direito à greve;
- Censura e repressão pela política política;
- Perseguições, prisões e torturas de muitas dezenas de milhar de opositores à ditadura fascista;
- Uma sociedade vigiada, marcada pelo obscurantismo e pelo condicionamento da vida cultural;
- Feroz exploração dos trabalhadores, trabalho infantil, salários de miséria, pobreza generalizada e fome;
- Atraso económico e social, subordinação do País aos interesses de uma minoria de grandes monopólios e latifúndios e do imperialismo;
- 13 anos de guerras coloniais, com cerca de 10.000 mortos e 30.000

feridos entre a juventude portuguesa e muitos milhares de vítimas entre os povos das ex-colónias;

- Milhão e meio de portugueses emigrados entre 1961 e 1973, que deixaram o País em busca de trabalho e da liberdade que cá lhe eram negadas.

A Revolta Militar de 25 de Abril afirmava-se e consolidava-se e o 1º de Maio de 1974 é força, é vontade, é querer, é alavanca. Os Trabalhadores, o Povo, o Movimento de Massas, não é mais espectador ou apenas apoiante, passando a ser protagonista, passa a ser actor principal, assume-se e sente-se construtor do futuro, exalta a continuidade de Abril em Maio, defendendo e exercendo a liberdade, proclamando e assumindo o exercício da democracia, a descolonização, o desenvolvimento.

Aqueles dois anos ocorridos entre Abril de 1974 e Abril de 1976, correspondem ao período mais criativo da

Revolução e determinante para o conteúdo progressista da nossa Constituição.

Foram tempos exaltantes, tempos de empenhamento, de participação e construção, de lutas mil, de conquistas muitas, esses tempos do "Processo Revolucionário em Curso", o "PREC", também repleto de vicissitudes, singularidades e conflitos políticos e sociais, como é próprio dos períodos revolucionários, mas sem paralelo na nossa história Pátria.

Viveu-se um daqueles raros períodos históricos em que o operário e o camponês, o intelectual e o estudante, o empregado e o funcionário público, o Homem, a Mulher, o Jovem português se sentiu parte, que pertencia, que era sentido como parte de um todo, o todo Povo, que tinha nas mãos o seu futuro e o pode conformar à medida do desejo colectivo de liberdade, igualdade, fraternidade, justiça, progresso.

Certamente aconteceu um erro aqui ou um excesso ali. Mas o que marcou e marca esse período, o PREC, foi o derrube do fascismo, a conquista da liberdade, o fim da guerra colonial. O que marcou e marca esse período foram as profundas transformações na direcção da democracia política, económica, social e cultural - foram e são as Conquistas de Abril e Maio.

Foi neste contexto democrático de ambiente revolucionário que a Constituição da República foi elaborada. Foi assim a consolidação institucional das transformações operadas com a luta popular e a aliança Povo - MFA e a sua consagração na Lei superior, a Constituição da República, elaborada e aprovada pelos Deputados Constituintes, reforçadamente legitimados nas primeiras eleições gerais e livres, pelo voto de 5 milhões e 700 mil cidadãos, dos 6 milhões e 200 mil com direito a voto. Nunca mais o Povo Português teve tão alta participação eleitoral e se sentiu tão identificado com a acção dos seus representantes políticos.

No dia 2 de Junho de 1975 realizou-se a Sessão Plenária inaugural da Assembleia Constituinte e no dia 2 de Abril de 1976 a Constituição é aprovada pelos Deputados Constituintes.

São duas datas de momentos históricos profundamente sentidos. A Constituição da República foi aprovada por 135 dos 150 Deputados eleitos acompanhada por fortes e emocionantes aplausos, o Hino Nacional é cantado seguido de vivas à República.

Mas de imediato, em momento seguinte e superiormente sublime, o Presidente da República, General Costa Gomes, que a propósito e extraordinariamente se deslocara do Palácio de Belém para o Palácio de São Bento, na presença dos Deputados, ali promulgou a Constituição da República Portuguesa condição para a sua entrada em vigor.

Foi uma decisão da mais alta importância e um notável serviço à democracia e ao País, de perfeita necessidade e aviso, ao constituir medida preventiva às acções conspirativas das forças reacçãoárias e contra-revolucionárias que tudo tentaram para a sua não aprovação e promulgação, procurando que a Constituição fosse submetida a um referendo na esperança da sua rejeição ou a alteração na Presidência da República com a esperança que um outro Presidente a não promulgasse.

Ainda hoje causa espanto a Constituição ter sido aprovada e promulgada apenas quatro meses depois do 25 de Novembro de 1975, de que resultou uma profunda mudança na situação político-militar e na correlação de forças nos órgãos de poder e continuar a ser a Constituição que afirma e consolida as causas e os valores da Revolução de Abril e as Conquistas da Revolução. Este importantíssimo feito foi possível pelo profundo sentimento de pertença e de apoio popular aos ideais e conquistas da Revolução de Abril e da acção e luta das forças progressistas civis e militares.

A Constituição já foi submetida a sete revisões e não negando aperfeiçoamentos pontuais, a verdade porém é que não foi esse o escopo fundamental das revisões operadas revelando a eliminação da protecção e consagração constitucional de grandes transformações económicas e sociais e conquistas da revolução, de facilitação da ofensiva da direita contra-revolucionária e, em alguns casos,

de empobrecimento da democracia.

Novamente, e ontem como hoje, dizem alguns que a Constituição está ideologicamente marcada e por isso não serve o País, impondo-se a sua revisão. Mas o que faz falta ao nosso País e aos Portugueses é a Constituição ser efectivamente respeitada e cumprida. Temos uma Constituição que serve os Portugal e os Portugueses porque está ideologicamente comprometida, é verdade, mas com o progresso, a justiça, a igualdade, a democracia, a independência e soberania nacionais.

O que o CHEGA e a Iniciativa Liberal pretendem, com a anunciada abertura de processo de revisão constitucional, aproveitando a grave alteração político-partidária da Assembleia da República, é golpear o Regime Democrático e os Direitos dos Trabalhadores e do Povo, é subverter a Constituição, reduzir a pluralidade da representação político-partidária no parlamento, arrasar o Estado Social - num verdadeiro "ajuste de contas" com o Portugal de Abril e as Conquistas da Revolução.

A direita reacçãoária irá empenhar-se para alterar e mutilar os direitos dos trabalhadores: - O direito ao trabalho e ao trabalho com direitos. - O direito à segurança no emprego. - A segurança social pública e universal de protecção dos cidadãos na doença, na velhice, na invalidez, na viuvez e no desemprego. - O direito à saúde, através do Serviço Nacional de Saúde universal, geral e tendencialmente gratuito. - O direito à habitação e a um sistema de renda compatível com o rendimento familiar. - O direito à educação e à cultura e à gratuidade do ensino. - A liberdade sindical, a contratação colectiva e o direito à greve.

A Constituição tem sofrido com as sucessivas revisões, mas mantém ainda o sentido geral de progresso, a fidelidade à liberdade e à democracia, dá dignidade aos direitos sociais, inscreve princípios progressistas para uma democracia avançada. Os portugueses têm uma Constituição moderna, avançada e progressista. Constituição que define: -"Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade do pessoa humana e na vontade

popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária". -Consagra os direitos humanos fundamentais, incluindo de forma explícita a Declaração Universal dos Direitos Humanos, garantindo assim o direito à igualdade, o direito à vida e à integridade pessoal, o direito de resistência, a liberdade de expressão e de associação, o direito de reunião e manifestação e tantos outros.

A Constituição dedica também todo um capítulo aos direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores, não ignorando a existência de conflitos sociais, nem adopta perante eles uma posição de neutralidade, reconhe-

cendo aos trabalhadores, entre outros, o direito à greve e a quem cabe definir o âmbito de interesses a defender.

A Constituição determina a promoção da democracia política, económica, social e cultural, assegura o primado do Estado de direito democrático, assenta a organização económica e social na subordinação do poder económico ao poder político democrático, com uma economia mista na coexistência do sector público, do sector privado e do sector cooperativo e social de propriedade dos meios de produção, afirma a soberania e a independência nacional, a paz e

a cooperação entre os povos do mundo, a solução pacífica dos conflitos internacionais, visando a emancipação e progresso da humanidade.

A Constituição da República de Abril e Maio tem plena actualidade e transporta no seu seio a força inspiradora de um projecto galvanizante, grandioso, como é o da construção de um Portugal livre e democrático, soberano, de progresso e justiça social, fraterno e solidário.

Resistindo, lutando, teimando, construindo.

José Manuel Maia
Deputado Constituinte

A CONSTITUIÇÃO DE ABRIL

A maioria dos Portugueses Respeita e Orgulha-se da sua Constituição, é a Constituição de Abril.

A Constituição de 1976 é o espelho do 25 de Abril e de tudo quanto a Revolução representou e representa.

Não foi apenas um ato revolucionário que ficou para a história, foram muitas conquistas, princípios, e orientações que ajudaram a construir esse documento extraordinário que se chama **Constituição da República Portuguesa**.

O movimento transformador que foi o 25 de Abril não trouxe apenas a Esperança, trouxe o fim da ditadura e trouxe mudanças muito significativas para a vida dos portugueses, que vieram a ser consagradas na Constituição.

Durante cinco décadas, após o 25 de Abril, a vida dos portugueses melhorou substancialmente em comparação com os 40 anos de fascismo. Hoje vivemos tempos de dificuldades, é verdade, mas, são tempos incomparavelmente melhores em termos de qualidade de vida, na saúde, no ensino, mas fundamentalmente, nos direitos, nas liberdades e nas garantias fundamentais e em tantos outros aspectos que a Constituição de 1976 veio a consagrar.

As conquistas de Abril garantidas na Constituição são muito profundas, fundamentalmente com o fim ditadura e da guerra colonial. Nunca é demais recordar que Portugal foi governado durante décadas por ditadores, que estávamos mergulhados numa guerra em África, onde morreram milhares de jovens portugueses.

Podemos afirmar que a **Revolução de Abril** foi a **Revolução dos Sonhos**. Ao olharmos para o mundo de hoje, com todos os conflitos difíceis e conturbados que vivemos, com as guerras e as violações de toda a ordem, temos de concluir que, de facto, a **Revolução de Abril** foi a **Revolução dos Sonhos**.

Na Constituição foram consagrados muitos desses sonhos. Das liberdades fundamentais que não existiam à extinção de uma censura feroz, ao direito de reunião e de associação, que foram permanentemente negados e esmagados, à extinção de uma polícia política que esmagava e trucidava os democratas, à existência de partidos políticos e sindicatos livres, o que não era possível antes do 25 de Abril, e que a Constituição veio consagrar, ao direito ao trabalho com dignidade e à greve, enfim, o fim da opressão, das portuguesas e dos portu-
gueses,

o fim das prisões e das torturas, tudo isto ficou consagrado e garantido na Constituição de 1976. Foi com esses valores consagrados na nossa Constituição que Portugal recuperou o prestígio e a credibilidade perante o mundo.

A Revolução de Abril permitiu a transformação de muitos aspetos importantes da nossa vida social, cultural e política, em particular, no que respeita aos direitos das Mulheres, à sua emancipação, que foram igualmente garantidos na Constituição, a começar pelo Direito ao Voto. Sim, por muito incrível que pareça há 50 anos atrás as Mulheres portuguesas não tinham o direito pleno de votar. Esse direito tornou-se universal após o 25 de Abril e consagrado na Constituição.

A Constituição é a tradução da Revolução dos Sonhos. Todavia, temos que reconhecer o muito que ainda está por fazer, a começar pelo combate, que deve ser cada vez mais feroz, contra o flagelo da violência doméstica.

A Constituição veio consagrar um direito basilar das nossas vidas, algo que não existia antes do 25 de Abril e que se tem mostrado fundamental nestes últimos 50 anos, que é o SNS -

Serviço Nacional de Saúde. É verdade que, pelas mais diversas razões, os serviços do SNS nem sempre têm sido absolutamente eficazes. No entanto, o caminho percorrido até aqui é extraordinário.

A Constituição consagra o poder local democrático como um dos pilares da organização do Estado. O poder local é uma das grandes conquistas de Abril consagrado na Constituição. Antes do 25 de abril o poder local nomeadamente os Presidentes de Câmara eram nomeados pelo governo central, sempre sob a chancela da União Nacional (o Partido único do Estado Novo). Com a Constituição as eleições dos Autarcas passaram a ser livres e democráticas e com elas vieram a autonomia administrativa e financeira que levaram às grandes transformações do país por força do trabalho de milhares e milhares de autarcas, cuja obra se observa em cada canto de Portugal por onde passamos. É uma das grandes conquistas de Abril.

Com a consagração na Constitui-

ção do Poder Local democrático, da sua autonomia administrativa e financeira, Portugal desenvolveu-se extraordinariamente com tantas infraestruturas, redes viárias, escolas, creches, pavilhões desportivos, hospitais, centros de saúde, lares, e serviços de apoio aos cidadãos, etc....

Os Autarcas portugueses Mulheres e Homens, foram e continuam a ser os grandes intérpretes do 25 de Abril, e consequentemente os grandes defensores da Constituição da República.

Comemoramos 50 anos da Constituição de 1976 em tempos muito difíceis para o mundo e para a democracia. Os valores e os ensinamentos da nossa Revolução dos Sonhos plasmados na Constituição da República Portuguesa nunca foram tão atuais e tão importantes como reflexão e como um grande exemplo para o mundo.

Vivemos uma época que põe em causa muitos princípios basilares da nossa civilização. É o tempo da *Normalização* da mentira, da *Normalização* da violência, do desrespeito pela

vida humana, da *Normalização* da violação dos mais elementares valores democráticos e humanistas. É tempo da *Normalização* dos massacres, das tentativas de extermínio de povos e de Nações, da *Normalização* da violação, da Independência dos países e dos povos através da guerra.

É neste contexto que os valores de Abril consagrados na Constituição Portuguesa assentes na Paz, nas Liberdades e no Humanismo, são cada vez mais motivo de Orgulho dos Portugueses.

As sociedades democráticas serão sempre projetos em aperfeiçoamento constantes. É no dia-a-dia que os povos podem trabalhar para melhorar as suas condições de vida mas com direitos, com deveres, com justiça, mas sempre, sempre, em Democracia!

VIVA A CONSTITUIÇÃO
PORTUGUESA!

Artur Cortez
Deputado Constituinte

FEDERICO GARCÍA LORCA

90 anos depois

Federico, nascido a 5 de Junho de 1899 em Fuente Vaqueros, primogénito de um abastado proprietário de terras e da professora da localidade, desde cedo demonstrou uma grande vocação artística.

Estudou música e piano com o maestro e compositor António Seguro Mesa, e como não lhe permitiram continuar os estudos em Paris, a partir de 1917 começou a escrever prosa e poesia. Na Universidade de Granada concluiu o curso de Direito em 1923 mas nunca exerceu. Em 1918 publicou um conjunto de prosas *Impresiones y paisagejes* sobre localidades que conheceu nos dois anos seguintes em excursões escolares. Entre 1919 e 1928, embora com deslocações assíduas a Granada em Madrid na mítica Residencia de Estu-

diantes, pertencente à Institucion Libre de Enseñanza, que desde finais do século XIX tinha o objectivo de promover uma cultura laica, onde as ciências e as humanidades se juntavam à literatura e às artes, um projecto de reforma da sociedade espanhola que teve como hóspedes Juan Ramirez Jiménez ou Unamuno, entre muitos.

Segundo José Bento, poeta e tradutor, "A escrita de diversos livros é, em parte, simultânea: os projectos e anseios sobrepõem-se, demonstrando insatisfação, avidez, capacidades múltiplas de busca e de realização, mas também perplexidade e incerteza."

Assim se entende, que, por exemplo, ainda segundo o poeta e tradutor José Bento, o livro *Poema del cante jondo*, escrito em 1921, terá passado

por uma demorada recriação, que fez que saísse apenas em 1931.

Na madrugada de 18 de Agosto de 1936, fez recentemente 90 anos, Federico Garcia Lorca era sumariamente fuzilado num posto militar improvisado, em Viznar, nos arredores de Granada.

Lorca homenageado em Setúbal em 1986, no cinquentenário da sua morte, homenagem que coordenámos.

Em 2016 assinalamos aqui na *Memória Alentejana* a passagem dos 80 anos do assassinato de Lorca, um caderno então dedicado ao genial criador andaluz, texto que reproduzimos no essencial nesta edição.

O CEDA pretende também assinalar esta data, provavelmente em parceria com o Teatro Extremo, no início

de Setembro, com um conjunto de actividades sobre a Vida e Obra deste criador genial e Homem fraterno que foi, é, Federico García Lorca.

Criador multifacetado: poeta, músico, escritor, dramaturgo, actor, encenador - chamar-lhe génio é pouco! - protagonizou com Rafael Alberti, Jorge Gui-llén, Pedro Salinas, Emilio Prados, Manuel Altolaguirre, Gerardo Diego ou Dámaso Alonso o grupo poético de 1927-ou geração de 1927.

Com *Poeta en Nueva York*, Federico afasta-se do mundo andaluz, que tem presença dominante nas *Canciones*, no *Roman-cero gitano* e no *Poema del cante jondo*, e terá avançado para um novo espaço. Este livro paradigmático só foi publicado, numa edição bilingue em Nova York, em 1940, devido ao seu desaparecimento prematuro em 1936, quando se estava a ultimar a edição.

Lorca deu ainda diversas conferências em 1932: Madrid, Buenos Aires, Montevideu e diversas cidades espanholas. E se os primeiros poemas de um dos seus últimos livros, *Diván dei Tamarit*, de que aqui reproduzimos um-, foi escrito entre 1931 e 1934, a sua primeira edição - de que o propósito de editor Gallego Burín era uma edição imediato, tendo começado a trabalhar nela ainda em 1935 e prosseguido até Julho de 1936, que a Guerra Civil veio interromper - saiu em Nova Iorque, em 1940 - nos n.ºs 3-4, tomo VI, da Revista Hispânica Moderna. Ainda conforme José Bento e cito: Na Nota introdutória de *Diván dei Tamarit* Emílio Garcia Gomez conta que uma noite, estando em Granada com García Lorca e outros amigos, o poeta disse-nos que tinha composto [...] uma colecção de "casidas" e "gacelas", isto é, um "Diván", que do nome de uma herdade de sua família, onde muitos deles foram escritos, se chamaria "del Tamarit". [...] Chama-se "casida" em árabe a todo o poema de certa extensão, com determinada arquitectura interior, cujo pormenor não interessa agora, e em versos com uma única rima, medidos de acordo

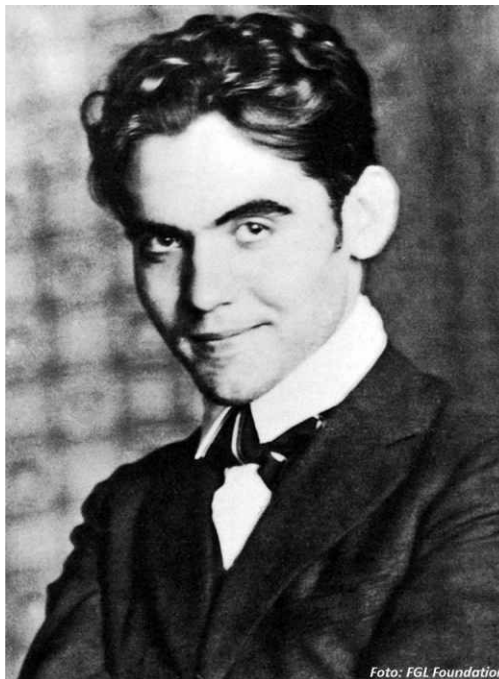


Foto: FGL Foundation

corn normas escrupulosamente este-reotipadas. A "gacela" - empregada principalmente na lírica persa - é um poema curto, de assunto de preferência erótico, ajustado a determinados cânones técnicos e cujos versos são mais de quatro e menos de quinze. "Diván" é a colecção de composições de um poeta, geralmente catalogadas por ordem alfabética de rimas. [...] Os poemas de "Diván dei Tamarit" não são falsificações nem arremedos, mas autenticamente lorquianos. Esta reunião foi em Setembro de 1934."

Depois de o primeiro livro de prosas, já referido, entre 1921 e a sua morte prematura, em 1936, e com a particularidade de uma produção longamente amadurecida, como já referimos, Federico produziu 12 livros de Poesia e 11 peças de Teatro: *Yerma*, *Bodas de sangre*, *Mariana Pineda*, *La Zapatera Prodigiosa*, *La casa de Bernarda Alba*, *Amor de Don Perlimplín com Belisa en su jardín*, são algumas das mais conhecidas e representadas, sendo que *Así que pasen cinco anos* e *Público*, tiveram edição e representação muito posterior à morte do poeta, tendo a última sido levada à cena em Portugal, na antiga Cornucópia, por Luís Miguel Cintra.

Todavia, a genialidade de Federico

foi além desta intensa e multifacetada actividade intelectual e artística, pois ele, filho-família, sem preocupações económicas e respeitado pelas elites intelectuais e artísticas do seu tempo, não se moveu apenas nos "salões", pois fundou o Grupo de Teatro itinerante "La Barraca" - que terá dado o mote para a fundação da "Barraca", em Lisboa, pelo Amigo Hélder Costa - com o qual levou o Teatro ao povo, percorrendo uma Espanha ultramontana, católica e conservadora, nesse período fugaz mas certamente luminoso que foi a República Espanhola, que Franco e outros representantes das oligarquias decapitaram com um banho de sangue, possibilitando ao seu aliado Hitler o ensaio geral para iniciar a II Guerra Mundial.

Ele que premonitoriamente como terá dito um dia, que como visionário que era, que trabalhava para os homens do futuro, a sua arte revolucionária era uma arte para o futuro Terminamos com um "pensamento" de Marguerite Yourcenar, que um dia contemplou a paisagem onde Federico foi assassinado.

"A Serra Nevada perfilhando-se majestosa no horizonte. E disse-me a mim mesma que um lugar como aquele envergonha toda a pacotilha de mármore e de granito que povoa os nossos cemitérios, e que pode invejar o irmão por ter começado a sua morte naquela paisagem de eternidade. Não se pode imaginar mais formosa sepultura para um poeta."

A genialidade multifacetada da sua Obra e da sua personalidade marcou gerações de amantes da Poesia, do Teatro, da Liberdade. A perenidade da sua Arte, como refere Marguerite Yourcenar é um bálsamo para os homens e mulheres que não desistem nunca do Belo e da Liberdade.

Para quem tiver interesse recomendamos uma visita à Museo-Casa Natal Federico García Lorca, em Fuente Vaqueros, nas proximidades de Granada.

Eduardo M. Raposo

A CHEGADA DO VINHO AO ALENTEJO

Fenícios e a mediterraneanização do consumo



Foto: panorâmica Mesas do Castelhino - Fonofilme

Embora a Península Ibérica possuísse videiras silvestres desde tempos remotos, ainda hoje identificáveis nos vales do Guadiana e do Sado, esse património natural não originou, durante milénios, uma vitivinicultura organizada. A cultura do vinho chegou tardiamente ao extremo ocidental europeu. Entre os primeiros ensaios de domesticação da videira no Cáucaso, no VI milénio a.C., e a sua chegada ao sudoeste peninsular decorreram mais de cinco mil anos. Assim, o primeiro contacto das populações do atual Alentejo com o vinho ocorreu através do consumo e do comércio, muito antes da implantação sistemática da vinha.

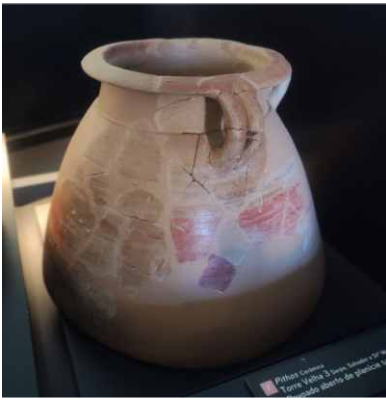
A partir do século VIII a.C., os Fenícios, navegadores e mercadores oriundos do Mediterrâneo Oriental, estabeleceram feitorias na fachada atlântica ibérica, atraídos sobretudo pelos recursos mineiros da região. Com eles chegaram não apenas mercadorias, mas novos hábitos culturais. O vinho foi introduzido como bebida de prestígio e elemento de sociabilidade, circulando inicialmente como produto importado destinado às elites locais. Paralelamente, difundiram-se conhecimentos técnicos fundamentais: práticas agrícolas, técnicas de vinificação e um saber oleiro mais avançado, indispensável à fermentação e conservação em recipientes cerâmicos, antepassados diretos das futuras talhas alentejanas.

O contacto com comunidades indígenas, como Tartéssios e Cónios, produziu transformações profundas. Para além da economia e dos hábitos alimentares, surgiram impactos culturais duradouros, visíveis, por exemplo, na chamada escrita do Sudoeste, sistema gráfico de influência fenícia preservado em estelas funerárias hoje reunidas no Museu da Escrita do Sudoeste, em Almodôvar.

O vinho tornou-se um vetor de integração cultural no mundo mediterrânico. A arqueologia confirma a progressiva penetração destes circuitos comerciais no interior alentejano. A descoberta de uma ânfora fenícia do século VIII a.C. na Serra d'Ossa e de recipientes com vestígios de resina no povoado das Mesas do Castelhino,

em Almodôvar, demonstra a existência de redes de consumo e distribuição, ainda que não permita determinar com precisão quando se iniciou a produção local. O vinho chegava sobretudo por via marítima e penetrava no território através dos estuários do Guadiana, Sado e Tejo.

Os Fenícios introduziram também técnicas de produção e conservação sofisticadas. A pisa realizava-se em lagares de bica aberta, permitindo ao mosto escorrer por gravidade para tanques de recolha. O vinho fermentava e era armazenado em grandes recipientes cerâmicos impermeabilizados com resina de pinheiro, enquanto o transporte se fazia em ânforas adaptadas à navegação. Para aumentar a estabilidade, adiciona-



Pithos de Serpa - Museu Municipal de Arqueologia de Serpa, foto Miguel Serra.

vam-se mel, ervas aromáticas e resinas, sendo frequente selar o vinho com uma fina camada de azeite que funcionava como barreira contra o oxigénio, prática que subsiste ainda em algumas adegas de vinho de talha contemporâneas do Alentejo.

Entre os séculos VIII e II a.C., o contacto com Fenícios, Gregos e Cartagineses transformou igualmente o significado social do vinho. Mais do que bebida, tornou-se instru-

mento de distinção e negociação política. A introdução de recipientes orientais, como os grandes *pithoi*, testemunhados por achados arqueológicos em Serpa, evidencia a incorporação de novos modelos produtivos e simbólicos que podem ser observados no Museu local. Ao mesmo tempo, vasos gregos de prestígio, como os *kratêres* encontrados em Alcácer do Sal, revelam a adoção de rituais de consumo inspirados no *sympósion* grego, onde o vinho diluído com água estruturava práticas de convívio, hierarquia e identidade cultural.

A assimilação destes objetos e comportamentos pelas elites indígenas marcou um processo mais vasto de transformação cultural geralmente designado por “orientalização” ou, num sentido mais amplo, mediterraneização do Ocidente peninsular. O vinho desempenhou aqui um papel decisivo: não apenas como produto económico, mas como veículo de novas formas de sociabilidade, tecnologia e pensamento simbólico.

Muito antes da romanização, o



Krater - Alcácer

Alentejo começava assim a integrar uma vasta rede cultural mediterrânica, onde o vinho funcionava simultaneamente como mercadoria, ritual e linguagem social. A vinha ainda não dominava a paisagem, mas o imaginário e os gestos do vinho já tinham chegado, preparando o terreno para a profunda transformação vitivinícola que se consolidaria nos séculos seguintes.

Manuel Baião

DA DESERTIFICAÇÃO À TEIMOSA ESPERANÇA NO FUTURO

O silêncio angustia-nos. Ninguém, ruas desertas, nem o habitual latido. Portas e janelas fechadas, casas vazias, muitas já com a marca impiedosa do tempo e do abandono. Parreiras secas, piais onde não há quem se sente. A antiga venda já fechou portas há muito. Um aspecto mais cuidado, são dos poucos que ainda lá vivem, dos filhos que partiram e que as mantêm ou de forasteiros em busca de tranquilidade lúdica ou nostálgica.

Aqui, como em muitos outros lugares, aldeias e vilas do Alentejo, a vida agoniza, o tecido humano envelhece rapidamente.

Com um terço da área de Portugal continental, o Alentejo detém menos

de oito por cento da sua população. Dos quarenta e sete concelhos só uma meia dúzia regista um tímido crescimento populacional, consequência do surgimento de ilhotas de localização industrial em Évora, Vendas Novas e Campo Maior, dos complexos mineiros de Aljustrel e Castro Verde, mais a plataforma portuária e industrial de Sines.

A desertificação invade o interior do Alentejo e enche os lugares de solidão. A desvitalização económica e social decorrente da falta de trabalho regular e devidamente remunerado e de outras condições básicas de sobrevivência, determinam a partida dos mais jovens e qualificados em busca da vida que aqui, há muito, lhes é negada.

Dos que restam, a maioria vive abaixo do limiar de pobreza. Este, na origem, é o resultado acumulado de décadas, para não dizer séculos, de um povoamento e de uma economia, predominantemente agrária, constrangidos pela forte concentração da propriedade fundiária e atavismo das suas formas de exploração e pela marginalização política. Até meados do século passado, podemos dizer que o Alentejo, com excepção de alguns empreendimentos hidroagrícolas, dos complexos mineiro e de Sines, foi marginalizado no planeamento e estratégias do investimento público, da industrialização e do acesso ao conhecimento.

Hoje, é evidente o fracasso das políticas públicas, sociais e economi-

cas. Em contra-ciclo com o crescimento nacional, o Alentejo sofre de um contínuo declínio demográfico e sócio-económico, com a desertificação humana a atingir mais de dois terços do território e os indicadores de referência do desenvolvimento económico-social a permanecerem, no geral, significativamente aquém dos valores médios nacionais, sobretudo nas áreas rurais e de mais baixa densidade populacional.

Pode parecer um contra-senso dizer que o Alentejo rural continua a empobrecer em plena fase de evolução de um "novo capitalismo" na agricultura, emergente com a concretização do Alqueva, com o acesso a vastos recursos financeiros de programas comunitários, com a formação de um novo tecido empresarial e o alargamento a novos horizontes económico-produtivos. Pode parecer, mas não o é. Para entender esta aparente contradição, não nos devemos cingir apenas aos interesses e resultados de exploração estritamente economicistas, como se as dimensões humana, económico-social e ambiental se pudessem excluir, subordinar ou reduzir à dimensão económica da produção/lucro.

A verdade, é que a "nova agricultura", da monocultura intensiva, da sobre-exploração dos recursos naturais e humanos, globalmente não tem proporcionado mais trabalho regular e melhor remunerado, nem mais nem

melhor distribuição do rendimento, nem desenvolvimento sócio-económico. Acresce a sua conflitualidade com a gestão sustentável dos recursos naturais, comprometendo a perenidade da biodiversidade, do solo e da água, restringindo a necessária diversificação da economia rural e a redução do nosso défice agroalimentar e condicionando o desenvolvimento territorial equilibrado.

Não é possível falar em futuro e em desenvolvimento da região, assentando nas suas assimetrias ou, ainda pior, no agravamento das mesmas.

O Alentejo de hoje não é para jovens. Por este caminho não será sequer para velhos.

Impõe-se uma estratégia político-económica que estabeleça, como grande prioridade, a "concretização" da coesão social e territorial, orientada para fazer convergir o crescimento da economia com a correção das profundas assimetrias intra-regionais e de inverter o caminho para a desumanização do território rural.

Tem de se acelerar o processo de transformação da base económica da região; evoluir para o desenvolvimento territorial policêntrico como via para reduzir os desequilíbrios económicos e demográficos: reforçar e requalificar a educação, a saúde, os equipamentos e serviços sociais; promover a desconcentração do investi-

mento industrial e dos serviços; melhorar o acesso e os meios de comunicação, a mobilidade inter e intra-regional por via da requalificação e reforço das redes viária e ferroviária e dos transportes públicos; requalificar os centros urbanos e impulsionar a actividade económica.

É preciso avançar na diversificação da economia; na modernização, consolidação e criação/atração de novas indústrias; na investigação e na inovação; no reforço e democratização do conhecimento; na formação profissional contínua; no incentivo e promoção da actividade turística, nela incluindo o agro-turismo e a preservação, valorização e promoção do património natural e paisagístico; na preservação, valorização e divulgação do património histórico e cultural. Todas estas medidas têm sido repetidamente enunciadas, e são largamente consensuais, mas para lá do empenhamento político, todas elas carecem de um fio condutor estratégico, de uma concretização efectiva e em tempo, de critérios bem definidos e transparentes de equidade territorial e económica, de discriminação positiva.

O caminho a percorrer vai da desertificação à teimosa esperança de um futuro de progresso. Apesar de tudo, ainda podemos estar a tempo.

Rogério de Brito

ALENTEJO NA CRIAÇÃO MUSICAL

Nesta crónica sobre deleites, prazeres e outros temas plurais, sempre plenos de simbólica interpretação, aventure-me por algo que respeita também a identidade dos espaços – o som imagético dos cenários, das pessoas e dos territórios. Esta componente de comunicação, a meu ver, torna todos os componentes mais inteligíveis no que se refere à harmonia da sua composição.

Decidi juntar duas crónicas associadas à temática identitária do territó-

rio trastagano. Este pode ser referido e descrito por meio do que vemos, do que saboreamos pelo palato e pelo olfato, do que o nosso corpo sente pela nossa pele e, também, pelos sons que diversos criadores expressam com a voz pluralizada e, ao mesmo tempo, unificada, ou com instrumentos diversos em sinfonia, sem voz humana.

Foi precisamente a pensar sobre este assunto dos sentidos que decidi, neste texto, adotar uma abordagem à

sonoridade e à imagética de dois temas musicais sobre a temática do Alentejo. São eles: Variações sobre um Tema Alentejano, Op. 18, para orquestra, de Joly Braga Santos, e "É tão grande o Alentejo", do cancionero popular.

A obra do Joly Braga Santos, em análise, constitui um exemplo significativo da integração da imagem e da sonoridade campestres à música sinfónica do século XX. Não sendo expert nos assuntos que concernem à

leitura e à análise musical, posso referir que este compositor consegue dar-me o grafismo da paisagem quase infinda e plena de leitura visual do território alentejano, na sua plenitude intemporal.

Braga Santos oferece toda a pujança da presença humana real na paisagem. Para além das relações puramente musicais entre o cante tradicional e a obra sinfónica, é possível identificar um conjunto de correspondências simbólicas que reforçam a ligação entre a linguagem musical de Braga Santos e o imaginário cultural do Alentejo.

Um primeiro elemento simbólico comum reside na sensação de amplitude e de espacialidade evocada pela linha melódica do tema. A evolução da melodia e a introdução de instrumentos que se encontram na composição harmónica, enchem a alma de uma perfeição equilibrada, redonda, como dizem alguns enólogos para referir o corpo do vinho.

No cante tradicional, a melodia caracteriza-se por frases largas e expansivas, frequentemente executadas num andamento moderado que favorece uma sensação de continuidade e de abertura sonora. Esta característica pode ser interpretada como uma representação simbólica da paisagem alentejana, marcada pela vastidão. Braga Santos preserva essa qualidade na apresentação do tema e, em algumas variações, recorre a linhas melódicas amplas nas cordas e a uma orquestração progressivamente expansiva, criando um espaço sonoro que reforça a ideia de amplitude, que associa à imensidão da paisagem.

Outro aspeto relevante é a dimensão coletiva associada ao cante alentejano. Este género vocal tradicional baseia-se numa prática coral comunitária, na qual diferentes vozes desempenham funções complementares dentro de uma estrutura partilhada. Embora a obra de Braga Santos seja escrita para orquestra sinfónica, a organização de massas sonoras e o uso de texturas densas podem ser interpretados como uma transposição simbólica dessa dimensão coleti-

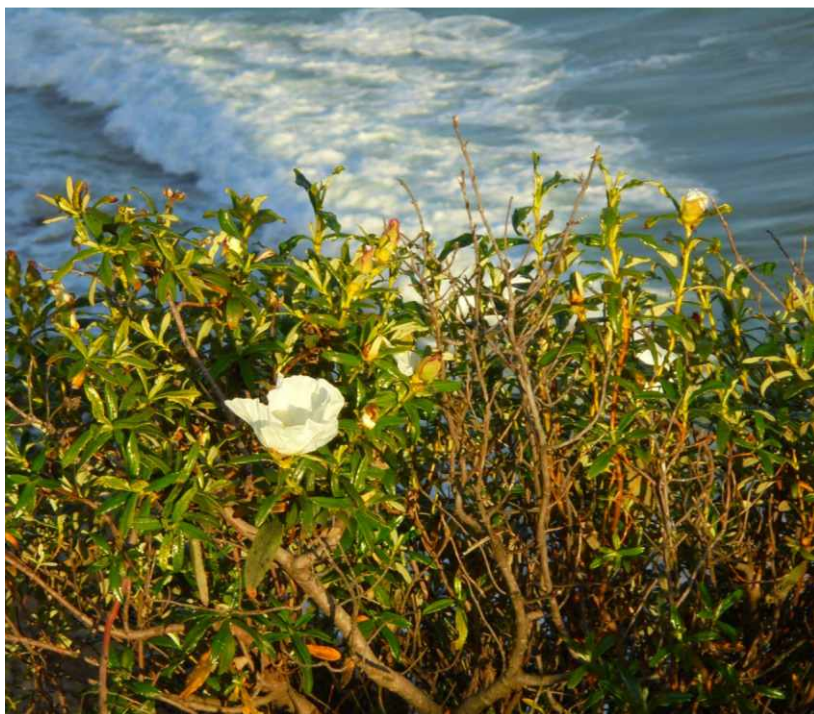


Foto: Ana Pereira Neto

va. A alternância entre secções instrumentais e momentos de maior densidade orquestral sugere, de certo modo, a dinâmica entre solista e grupo presente na tradição coral do Alentejo.

Também o carácter expressivo do tema contribui para essa continuidade simbólica. O cante tradicional frequentemente apresenta um tom contemplativo e introspetivo, associado a uma temporalidade perene e a uma forte ligação à vida rural. Braga Santos mantém esse carácter em diversas passagens da obra, especialmente nas secções mais líricas das variações, nas quais o desenvolvimento musical ocorre de forma gradual e sustentada.

A utilização de registos médios e graves, bem como a manutenção de um ambiente modal em determinados momentos, contribui para preservar essa atmosfera de gravidade e introspeção.

Por fim, a relação entre o tema popular e a obra sinfónica pode ser compreendida como um processo de mediação entre a tradição e a criação artística erudita. Ao sentir o cante de tradição oral, neste caso “É tão grande o Alentejo”, e a estrutura sinfónica elaborada de Braga Santos,

verifico que há quase uma decomposição das vozes e um rearranjo destas nos instrumentos utilizados. Denoto, assim, uma reinterpretação em linguagem composicional moderna, plena de dinamismo e esperança.

Nesse sentido, a obra estabelece um diálogo entre dois universos musicais distintos: por um lado, a prática comunitária e oral do cante alentejano; por outro, a tradição da música sinfónica europeia. O resultado é uma síntese estética em que o tema popular mantém sua identidade simbólica, ao mesmo tempo em que adquire uma nova dimensão artística.

Assim, as semelhanças entre o tema “É tão grande o Alentejo” e a sua simbologia nas *Variações sobre um Tema Alentejano* não se limitam à presença de um material melódico comum. Elas manifestam-se igualmente em elementos simbólicos ligados à paisagem, à coletividade e ao carácter expressivo do universo cultural alentejano, que Braga Santos traduz para o contexto da escrita orquestral.

Ana Pereira Neto

CHAM, FCSH, UNI e ISEC Lisboa

ALENTEJO FOI O DESTINO MAIS PROCURADO NA BTL 2026

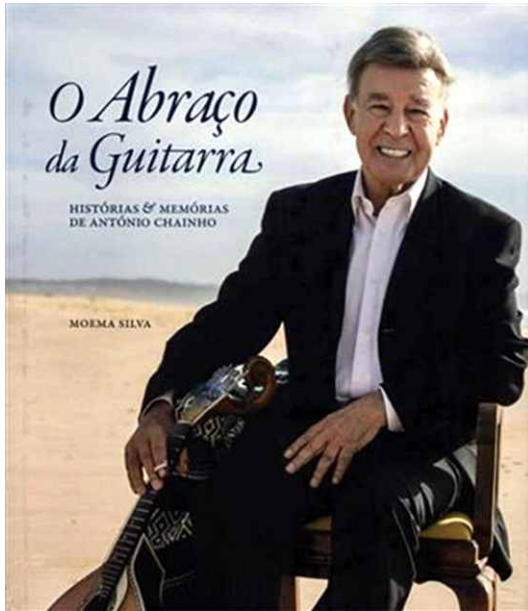


O Alentejo foi o destino mais procurado na edição da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL 2026) que se realizou recentemente. Todos os concelhos e muitas entidades e empresas alentejanas e ribatejanas estiveram representadas nesta edição, com muitas actividades, muitos eventos, muitas apresentações e muitas degustações. Milhares de profissionais e potenciais turistas visitaram os stands dos concelhos e outras entidades no Espaço Alentejo, que seguiram as apresentações e marcaram presença nas degustações, que se informaram num contacto directo com os profissionais alentejanos de Turismo que estiveram presentes todos os dias do evento. O Alentejo tinha sido o Destino Convidado da BTL do ano passado.



DESTAQUE

O Abraço da Guitarra.
Histórias & Memórias de António Chainho



Moema Silva
Lisboa: Ghude, 2023, 199 pp

Estamos perante uma edição graficamente cuidada, em papel couché com uma gramagem relativamente elevada, de capa dura o que significa praticamente uma edição de luxo.

Trata-se de um livro profusamente ilustrado, que nos conduz numa viagem desde São Francisco da Serra, onde a 27 de Janeiro nasceu um menino de nome António Dâmaso Chainho, menino que, como refere a autora, um dia “seria chamado de Mestre”, ele, filho e neto de moleiros – que o crescimento da produção de trigo incentivada pelo Estado Novo, possibilitou um melhoramento da miserável situação financeira da generalidade das gentes das aldeias e campos deste país de então, como foi o caso da família do Chainho, ele que em pequeno tinha a alcunha, a semelhança dos seus colegas, sendo conhecido por Xeréu” ser moreno e peque-

no. Começou a tocar no café que o pai abriu, mas sempre que podia fugia da casa dos pais para junto dos avós, onde ficava a ouvir os sons do moinho com o vento... e a tocar na sua guitarra.

Ao longo de quase 150 páginas percorremos a vida e a Obra do Mestre

Com prefácio de Lídia Jorge e 10 capítulos, desde o já referido que se estende por quase 150 páginas, desde a guerra colonial, sempre acompanhado da guitarra, onde tocou na Rádio Nampula, o regresso à aldeia de São Francisco com o seu macaco “Noro”, a partida para Lisboa, os programas na televisão, a sua Casa de Fados, ou “correndo o mundo” acompanhado nomes maiores do Fado desde Alfredo Marceneiro a... Carlos do Carmo ou os encontros musicais com Rão

Kyao, Toquinho, Zeca Afonso ou Paco de Lucia. E o trilhar de novos caminhos, quando o Mestre inicia um percurso que vai colocar a guitarra como protagonista e não como acompanhante, o que até aí acontecia.

Esta busca constante de Mestre Chainho leva-o a participar no LP «Fura-Fura». (1979)”

Inicia então uma discografia em nome próprio com o álbum «Guitarra Portuguesa» e um segundo disco gravado com a Orquestra Sinfónica de Londres, *The London Philharmonic Orchestra* (Movieplay, 1996) iniciando uma carreira discográfica, exclusivamente composta por temas originais. Este disco, como nos diz “Foi um trabalho muito bem aceite e que vendeu muitíssimo bem, mas a rádio passava pouco discos instrumentais e então o responsável da minha editora propôs-me gravar um disco com vozes femininas: Teresa Salgueiro, Filipa Pais, Elba Ramalho, Marta Dias, Nina

Miranda e Ana Sofia Varela. Assim nasceu «A Guitarra e Outras Mulheres» (1998). nesse ano de mudança. “Estava consolidado o seu percurso a solo.

A universalidade da guitarra portuguesa é uma realidade. Com *Lisboa-Rio* (2000) acompanhado, desta vez, pelas vozes de Ney Matogrosso, Paulinho Moska, Virgínia Rodrigues, Celso Fonseca e Jussara Silveira, e onde encontramos temas, poemas ou músicas, da autoria de Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Gilberto Gil ou Chico Buarque, um disco marcante na carreira do Mestre Chainho e na música portuguesa, numa viagem musical e poética por outras sonoridades e latitudes.

Três anos depois surge «António Chainho e Marta Dias ao vivo no CCB» tornando-se Marta Dias uma parceira privilegiada nos seus concertos. No álbum, gravado ao vivo onde é a única vocalista presente, com registos no jazz, na soul ou até da música brasileira, mas sem esquecer o fado.

Participou em importantes projectos musicais como *Fado Bailado* – Rão Kyao, *Red Hot Lisbon* com KD Lang ou *Rough Guide Compilação*.

«LisGoa», é um novo trabalho nesta longa viagem que o levou a África e ao Brasil. Paralelamente António Chainho e a sua guitarra confirmam a universalidade já antes conquistada, maravilhando plateias um pouco por todo o mundo e muitos, muitos alunos na Índia, Japão, Marrocos e Brasil.

O Mestre dedicou-se ao ensino da guitarra portuguesa na sua terra, Santiago, onde há um auditório com o seu nome, noutras terras do Alentejo, do país e do mundo, nunca esquecendo a sua origem, tocando quase sempre o belo instrumental de sua autoria “Voando sobre o Alentejo”.

As afinidades ancestrais com o Extremo Oriente, onde se “sentia em casa” nas muitas e prolongadas estadas na China e no Japão em concertos, ensinando, terão sido confirmadas com a descoberta, através da árvore genealógica, de um ascendente de nome Chai, comerciante natural da China que se terá estabelecido na

região vizinha de Sines, no século XVI. Depois de «Entre Amigos» (2012) e «Cumplicidades» (2015), o derradeiro trabalho “O Abraço do Guitarra” (2024),

Mas também um capítulo com depoimentos de 19 amigos(as), desde o seu agente ou manager de quase 30 anos, com que mantinha uma grande cumplicidade, e por entre muita diversidade, neste capítulo Cumplicidades & Testemunhos, a... José Luís Peixoto, passando pelos autarcas – então o da

sua terra, Santiago do Cacém, Álvaro Beijinha, Isaltino de Moraes mas muito gente da música, como Adriana Calcanhoto, Rui Veloso, Teresa Salgueiro ou Rão Kyao, Hélder Moutinho ou Mísia, Marta Pereira da Costa ou João Tiago Oliveira, Marta Dias.

Todos(as), à sua maneira testemunham a genialidade por um lado e a simplicidade, sabedoria e humanismo de Mestre genial que elevou à guitarra à universalidade.

Resta-nos saudar a produção desta

Biografia, em que a prolifera a informação e sobretudo imagens, nomeadamente das tournées ao estrangeiros e encontro com personalidades como Hilary Clinton.

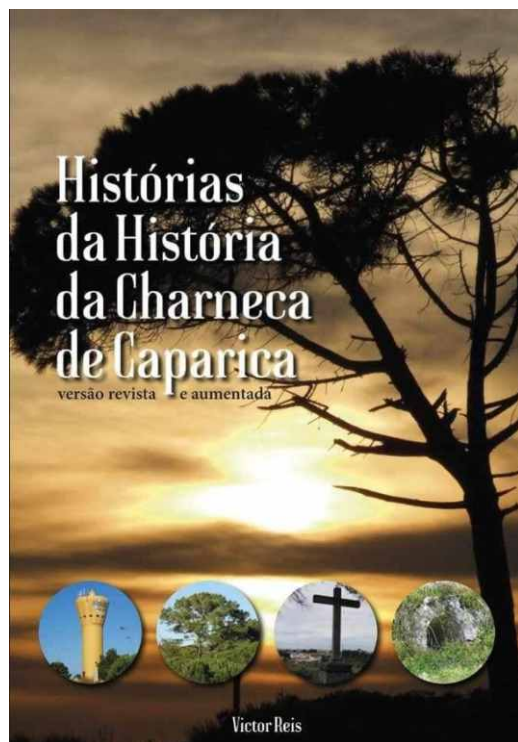
Está de parabéns o Amigo Nuno Sampaio, o seu agente, que através da gudhe e com alguns apoios editou este interessante livro.

Um livro que fazia falta e que O Mestre genial e o Amigo fraterno que foi, que é António Chainho, Ele e a sua Memória merecem.

DESTAQUE

Histórias da História da Charneca de Caparica

2ª edição revista e aumentada



Victor Manuel Reis

Charneca de Caparica: União das Juntas de Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda, 2024, Outubro, 598 pp.

Como refere o presidente desta autarquia, o Amigo Pedro Matias, na Abertura “(...) a autarquia, enquanto entidade administrativamente responsável pelo território objecto da referida obra, não poderia ficar indiferente à sua publicação, ante o relevante contributo que acrescenta ao conhecimento da história da localidade e das suas gentes, assumindo-se, desde a primeira hora. Um parceiro da mencionada edição.”

Ao longo de 28 capítulos, esta edição revista e aumentada, leva-nos a percorrer aspectos centrais que enformam os traços distintivos de uma comunidade, consubstanciando-se como um contributo decisivo para a História local e concelho de Almada, neste caso a sua antiga freguesia, desde 2013 agregada com a Sobreda, territorialmente mais vasta, correspondente a cerca de 35% da área do Concelho de Almada.

O Território e a provável ocupação humana desde o Paleolítico, a conquista da autonomia administrativa, enquanto freguesia mas também a

elevação a vila. Remetendo novamente à História, com o surgimento do primeiro convento, naquele lugar ermo, por onde passavam,, paravam ou de onde partiam a romaria dos Círios, com destino ao Cabo Espichel, sua devoção e respectivas lendas, bem como o surgimento da Quinta de Vale de Rosal até à actualidade a instalação da Companhia de Jesus, os 40 mártires, preservados na toponímia e o cruzeiro que assinala os martirizados, assim como o local tranquilo que permitiu a Fernão Mendes Pinto escrever, de memória, a Peregrinação. Ou as capelas integradas na arquitectura das quintas enquanto património religioso, onde a Charneca seiscentista assistiu à instalação de nobres e outros fugindo à peste na capital, epidemias e destruições decorrentes do terramoto de 1755, 10 como exemplos dos 28 capítulos que constituem esta obra inigualável.

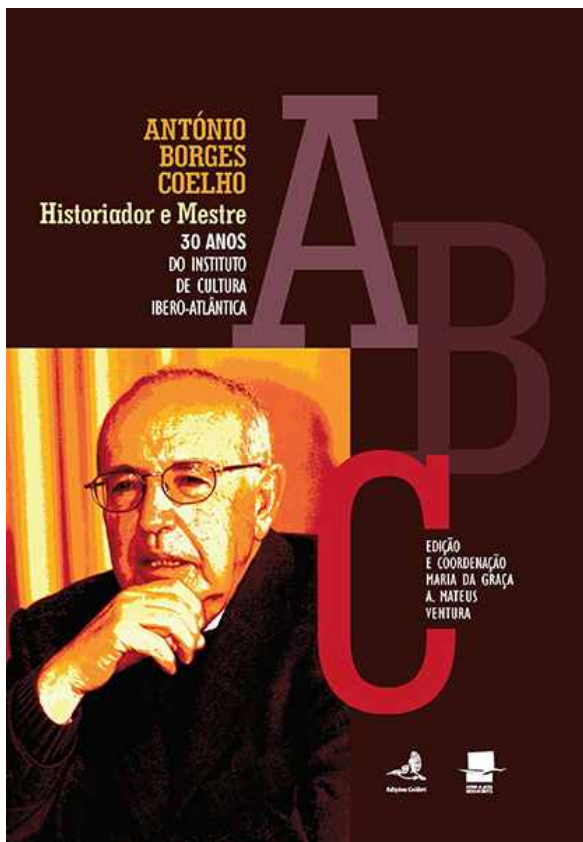
Está de parabéns a Autarquia, que como já acontecera em 2011, teve a sensibilidade para apoiar a edição, mas está de parabéns sobretudo o Amigo Victor Reis que nos oferece, fruto do seu aturado labor investigativo uma obra de grande valor histórico e social para a Identidade, a Memória e a Cidadania da Charneca e dos(as) charnequenses e de um modo geral dos(as) Almadenses.

Um forte abraço de gratidão.
Bem haja!

DESTAQUE

António Borges Coelho - Historiador e Mestre

30 Anos do Instituto de Cultura Ibero-Atlântica

**Maria da Graça A. Mateus Ventura** (Coordenação)

Edições Colibri, Lisboa: 2025, Julho, 241 pp

Em boa hora o Instituto de Cultura Ibero-Atlântica decidiu assinalar a passagem dos seus 30 anos homenageando o Professor António Borges Coelho, seu fundador e primeiro presidente, mas também, homenageando colectivamente todos os associados desta instituição. O facto do Instituto estar sedado em Portimão terá certamente

motivado, ou possibilitado a celebração de efemérides literárias com destaque para Manuel Teixeira Gomes, assim como a participação activa de escritores como nuno Júdice e Lídia Jorge que, como a presidente da Direcção refere no prefácio, foram ambos presidentes

da Assembleia Geral.

Ainda como Maria da Graça Ventura refere:

“A homenagem ao Professor Borges Coelho adquire, pois, um duplo significado: por um lado, reconhece-se o cidadão, o académico, o poeta e o mestre cuja trajetória intelectual e humana marcou gerações de alunos, colegas e leitores; por outro, sublinha-se o papel do ICIA como espaço

de reinvenção permanente, onde a memória e a história de cruzam com a criação e a abertura ao outro e com parcerias fecundas e inspiradoras, nomeadamente com a Universidade de Lisboa, a Universidade do Algarve e a Academia Portuguesa da História.”

E continua:

“O Professor António Borges Coelho (...) inspira-nos pelo rigor do seu pensamento, pela sua paixão pelo conhecimento e pelo compromisso inabalável com a liberdade e a justiça.(...)”

Numa primeira parte, intitulada “Os 30 Anos da ICIA”, profusamente ilustrada, encontramos referências e registos de momentos importantes da ICIA, assim como das Revistas *Atlântica*, *Meridional* e *aZeus*.

“António Borges Coelho, o Cidadão e o Académico”, como se designa a segunda parte deste livro, onde surge o *Laudatio*, pelo Professor José Mattoso, por ocasião da imposição do Doutoramento *Honoris Causa*, pela Universidade do Algarve, em 2009, ao Professor Borges Coelho, bem como o discurso deste e ainda a bibliografia do homenageado pela presidente do ICIA, assim como um texto de João Madeira.

Na terceira parte, intitulada “O poeta e o Historiador”, encontramos ensaios da autoria de Manuel Frias Martins, Paulo Sucena, Vítor Serrão, Sérgio Campos de Matos, Maria da Graça Ventura, Santiago Macias – Amigo que a nosso convite, assina um depoimento original para esta edição da *Memória Alentejana*, no Caderno em homenagem ao Professor Borges Coelho – Juan Ignacio Polido Serrano, António Jorge Afonso, Rui Manuel Loureiro e José Alberto Tavim.

A parte derradeira desta obra intitulada “O Mestre e o Amigo (Testemunhos)” tem a participação de:

João Abel da Fonseca, Ana Cristina Costa Gomes, Maria da Glória Santana Paula

Maria Manuela Catarino, Luís Fariña – Amigo que, tal como Macias, escreveu um depoimento original para a *Memória Alentejana*, Helena Pato – que aceitou reeditar o seu depoimento “Viver é uma maravilha!”, acrescentando o poema “«Até logo» – poema para Isaura” neste número da Revista. Encontramos ainda Luís Vicente, Juan Gil, Caio Boschi. Renato Mendes, Manuel da Luz, Luísa Travassos, Ana Maria Azevedo.

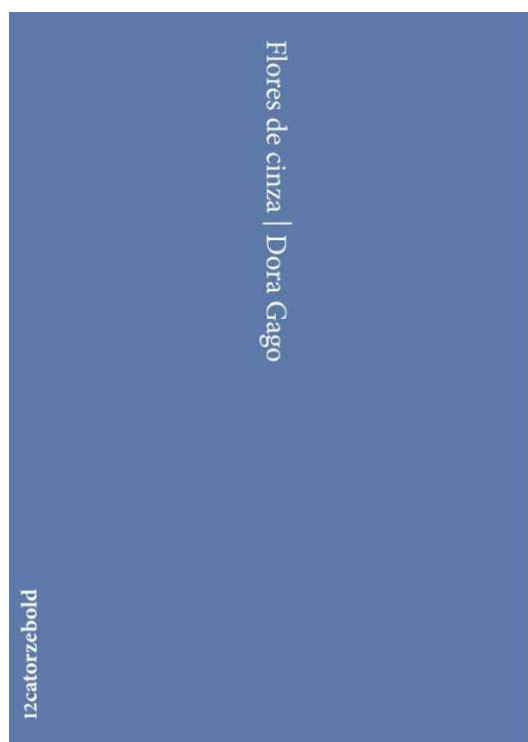
Este livro cumpre o importante papel de pôr em relevo reafirmando a importância da obra historiográfica, poética e cívica de Borges Coelho a sua generosidade e compromisso

com a cultura e a cidadania e nomeadamente trazendo para o público uma outra visão da História, onde o cidadão anónimo, tal como os vencidos, é elevado ao papel de protago-

nista. Mas também, há que destacar a forma literária e poética como falava da História, o que está bem patente na excelente *Portugal na Espanha Árabe*.

DESTAQUE

Flores de cinza



Dora Gago

Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão: 2025, 80 pp

É para nós profundamente gratificante, diria mesmo, é uma bênção termos o privilégio de acompanharmos a caminhada da palavra escrita da Amiga Dora Gago. Tal como aconteceu o anterior *Palavras Nómadas* - que foi Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga, da APE, para o ano de 2023 e que foi o livro em destaque na edição da

Memória Alentejana que antecedeu essa distinção – estamos aqui perante um belo livro de uma poeta maior. Não é de mais um livro de poemas que se trata, não. Dora

Gago escreve com um domínio invulgar da palavra escrita, cada sílaba burilada com uma serenidade assombrosa de quem sabe com domínio de cada palavra que deixa marcas de perenidade milenar.

Logo de “Início”:

*Sigo as pegadas da memória
inscritas na areia do tempo
e sou navio
ancorado sem leme
nem alento.*

Ao longo de 56 poemas quase sempre breves mas imensos divididos por três partes: “Exílios”, “Permanências”, “”Regressos” Dora

fala-nos da “Miragem”:

*A luz trespassa
a carne das ondas
punhal de fogo
a esculpir
o rosto do tempo.*

num tempo de permanências, mas onde há lugar para a “Sedução”:

*Borboletas de fogo
acesas
nas tuas mãos,
círculos de chamas
ateadas na minha pele.*

Podia, apetecia-me dizer em voz alta cada poema, porque é assim que a Poesia deve ser lida, tem de ser dita, em voz bem alta. Neste belo, imenso livro de poemas que encerra a a “Trilogia de Macau”, iniciada com os contos *Floriram por engano as rosas bravas*, seguido pelas crónicas do já referido *Palavras Nómadas*, e que aqui, nestas *Flores de cinza, no final, qual filha pródiga, esta andarilhada das palavras escritas resolve, em “Retorno”:*

*Regressar a casa
tatuvar montes e vales
na retina,
regar as flores de cinza
renascidas
nas frestas pedregosas
da esperança*

Como Dora escreve na dedicatória do exemplar que nos ofereceu “estes ecos orientais em forma de verso” são talvez o “eco da música particular que deixa em nós, isto é, o seu secreto e íntimo pulsar.”, como escreve no prefácio Maria João Cantinho, que depois de uma análise aturada da obra, desemboca, como nós, no oásis de esperança inscrito no derradeiro poema, citado.

Será para nós uma graça, sermos bafejados pela sorte, de podermos assistir, acompanhar o percurso deste manancial imenso, seja em forma de contos, crónicas, romances ou poemas, avassalador de criatividade que é a escrita de Dora Gago, que assim nos deixa antever como um nome decisivo e imparável da nossa literatura.

Parabéns, de novo, Amiga!

DESTAQUE

O Martini das Onze e Meia
Croniquetas**João Luís Nabo**

Edições Colibri, Lisboa: 2025,
Maio, 265 pp

Estamos perante pequenas crónicas, o autor apelida-as de croniquetas, em que somos transportados pelo quotidiano entre 2019, em plena passagem de ano - aliás começa o primeiro texto assim “Come as 12 passas e calate” e o período natalício de 2024-. Estas crónicas publicadas no jornal *O Montemorense* vêm assim a luz do dia em formato de livro e que dão continuidade, de alguma forma, do livro *Cloreto de Sódio*, edição de autor, de 2019.

Se uma primeira abordagem - e eu não sou um leitor disciplinado que lê de fio a pavio, começo a ler onde

calha, onde me apetece, por onde sou sugestionado - poderíamos julgar tratar-se de crónicas apenas do quotidiano do autor, logo verificamos tratar-se de um contexto social mais vasto, onde surge Montemor-o-

Novo que ele diz amar de verdade: “Também eu amo esta terra. Mas eu amo mesmo. Não é só de agora este meu arroubo de romantismo. É de sempre.” (p. 124)

O João Luís Nabo cronista que tanto legitimamente se preocupa com o mau estado do seu (nosso) Almansor a ponto de intitular uma crónica com o seu nome (p. 149), a sua homenagem ao lutador antifascista António Gervásio, aquando do seu falecimento,

ainda que não sevejo no mesmo ideário político mas que devemos a esses homens e mulheres que lutaram, que perseguidos, presos, torturados e nalguns casos assassinados para que Abril e a liberdade fosse possível, sabe e passa essa importante mensagem aos filhos - isso é que define verdadeiramente um democrata, saber valorizar e admirar quem pensa de forma diferente da sua - nos contributos que possibilitaram o nosso regime democrático. O João Luís viaja entre o local e o internacional, onde Trump, não escapa, passando pelo nacional e é justamente na crónica “O despertar do Monstro” que escreve premonitoriamente, em 2024:

“Esse Monstro tem um nome: chama-se Fascismo e pode, em

breve, começar a fazer as primeiras vítimas: tu e eu. Depois, como escreveu Brecht, será tarde demais.”

Termino como pensei começar, mas esta coisa da escrita nem sempre deixa que sejamos nós a decidir, às vezes tem vida própria.

A importância, o valor, a grandeza deste livro está na forma como o João escreve, pois tem o dom de nos cativar, com o seu sentido de humor que quase não se dá por ele mas está sempre presente, não queremos abandonar a leitura. É isto que caracteriza o Escritor, com E grande, o Homem das letras e também o é da música com o seu excelente Coral de São Domingos e não, da Cidadania, e consegue, sendo um criador nato, um Homem do Renascimento do nosso tempo aliar essa necessidade constante de criação com “as suas únicas e verdadeiras obras de arte”: os seus três filhos. E isso é louvável.

É uma pessoa admirável, o Amigo João Luís nabo. Desde que o conheci na Casa do Alentejo, era eu dirigente e fui incumbido de o receber com o seu Coral depois de um recital no Palácio da Independência, talvez há 25 anos, tenho sido o percurso deste camarada da escrita - foi director da *Folha de Montemor*, antes do seu primo, o actual director António Nabo, Amigo Tó, jornal onde colaborei regularmente desde 2010 - mas sobretudo através dos livros, desde que publicou o seu primeiro livro de contos *Alentejo sem Fim* (Tágide, 2004) - já lá vão 10 títulos e dois ensaios, sempre imparável - a sua participação nas Jornadas Literárias em Montemor, que coordenei, em 2011, 2012 e 2013 e onde participou entusiasticamente como autor, moderador e maestro, são aspectos que têm consolidado a minha admiração pelo João Luís Nabo.

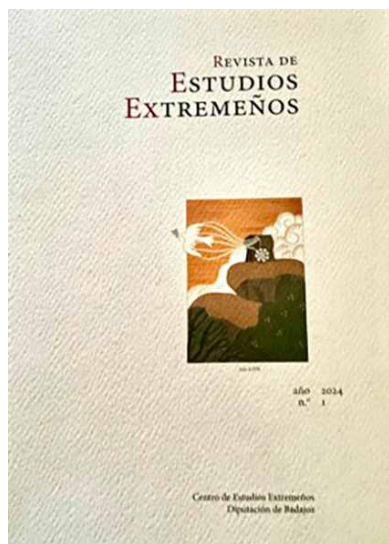
Parabéns Amigo por este novo e saboroso livro!

Um abraço fraterno!

Eduardo M. Raposo

Revista de Estudios Extremeños

Ano de 2025, nº 1

**Centro de Estudos Extremeños.**

Disputación de Badajoz, 647 pp

Dando continuidade à alteração gráfica “com cambios en su imagen y diseño”, esta edição da Revista de Estudios Extremeños, com o tema “Palabra e Imagen”, ao longo de 22 artigos, 14 na secção académica e sete na secção contemporânea e ainda na efémera, onde são recensados 16 livros, com uma proliferação de imagens e um grafismo mais apelativo e menos formal do que estávamos habituados que nesta edição se consolida.

Uma viagem por esta edição chamamos a atenção para o artigo de Maria Dulce Simões, de Almada, colega da FCSH / UNL, do INET-MD, “Canções e Utopias na Guerra Civil de Espanha (1936 – 1939)”, pp. 316/325.

Como a autora refere: “No contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a música teve um papel significativo através de repertórios que apelavam à luta contra o fascismo.”

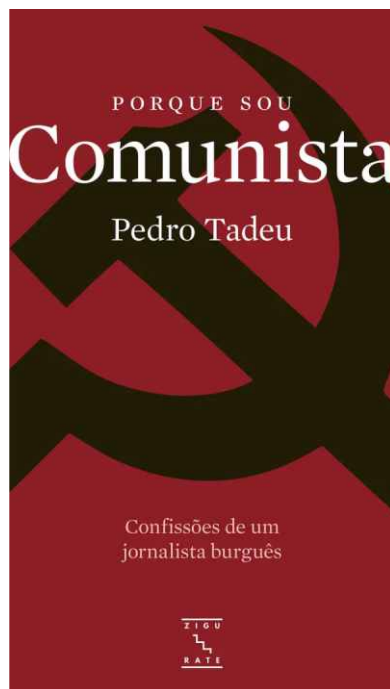
Começando por analisar o papel relevante na partilha de utopias que a música teve através de repertórios que apelavam à luta contra o fascismo, face à sublevação de 18 de Julho de 1936 que, ao transformar-se numa guerra civil mobilizou intelectuais, escritores, poetas e artistas de todo o mundo na luta contra o fascismo.

Refere poetas como António Machado e Federico García Lorca e músicos como Pete Seeger, Woody Guthrie e Ernest Bush que perpetuaram valores da liberdade e esperança num mundo mais justo nas suas canções.

Apresenta de seguida memórias das canções na Raia do Baixo Alentejo/Extremadura/Andaluzia assim como exemplos de repertórios da luta de raiz política e popular, analisando ainda a construção de identidades internacionais em tempo de guerra, terminando com a referência como foram resgatados velhos repertórios e as formas de perpetuação e apropriação por diferentes grupos políticos durante o franquismo, chegando aos nossos dias como símbolos de contestação e resistência política.

Porque Sou Comunista

Confissões de um jornalista burguês

**Pedro Tadeu**

Lisboa: Livros Ziguarte, 2025, Agosto, 172 pp

Ao longo de 27 capítulos o Amigo Pedro Tadeu apresenta as suas razões de ser comunista, isto é, membro do PCP, como o título do livro indica.

Cada um dos capítulos, excepto o primeiro, que funciona à maneira de introdução “Porque é que eu, no século XXI, sou comunista?” são antecedidas por um excerto do *Manifesto do Partido Comunista*, edição de 1890.

A leitura deste interessante livro levantou-me três questões. A primeira, foi aliás, de certa forma posta por José Pacheco Pereira no lançamento em Lisboa desta obra, na Casa do Alentejo e é a seguinte: Os temas tratados e os pontos de vista colocados podem com alguma facilidade serem comuns a muita gente de esquerda, nomeadamente socialistas de esquerda e outros. O “Povo de Esquerda”, diria eu, na feliz designação de Pacheco Pereira. Mas também ao comungar dessas perspetivas, não sendo obrigatoriamente ser-se comunista, por outro lado, para se ser comunista é necessário ser-se militante do PCP?

Por outro lado, como já tivemos a oportunidade de referir ao autor, num contexto, onde praticamente estão ausentes trabalhos teóricos recentes, após a produção teórica de Álvaro Cunhal, nomeadamente no último quartel do século XX, este livro pode assumir um contributo sério e muito interessante para a relançar do debate teórico-ideológico que parece andar ausente nas últimas décadas, assim como, daí decorrente aproximação a grupos figuras da sociedade no âmbito geral da esquerda na sociedade portuguesa, como terá acontecido, ou pelo menos, terá havido movimentações nesse sentido, quando Carlos Carvalhas era secretário-geral, honra lhe seja feita, mas que não terá tido continuidade.

A apresentação deste livro, *Porque sou comunista. Confissões de um jornalista burguês*, em Almada teve lugar na Oficina de Cultura, dia 31 de Janeiro, no encerramento da exposição “Almada: 50 Anos do Poder Local Democrático”, promovida pela Associação Amigos da Cidade de Almada.

Um abraço fraterno ao Amigo Pedro Tadeu, um Cidadão extremamente generoso.

Parabéns, Pedro!

Eduardo M. Raposo

As Colectividades de Cultura e Recreio na Resistência ao Fascismo Português

Comemorativo dos 50 anos do 25 de Abril



António Mota Redol (coordenação)
Edições Colibri
Lisboa, Julho 2024, 597 pp.

A obra coordenada por António Mota Redol, filho de Alves Redol, tem quase 600 páginas e assume-se com um documento completo e exaustivo sobre um tema pouco conhecido e menos documentado na história da resistência antifascista em Portugal: o papel das colectividades populares de Cultura e Recreio. Era nestas colectividades - a maior parte fundadas ainda no tempo da Monarquia, geralmente por militantes republicanos. Um dos principais objectivos era democratizar a Cultura e a Educação e uma colectividade inserida na comunidade conseguia de certo modo contornar a pressão política de governos ditatoriais.

Foi nestas colectividades que se desenvolveu o ideário republicano, o que viria a ser limitado com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, com a instalação da ditadura e mais tarde com a Constituição de 1933. Ainda assim, muitas colectividades conseguiram continuar a desenvolver actividades culturais e de resistência. Muitas destas colectividades integravam bandas filarmónicas e muitas delas recusavam

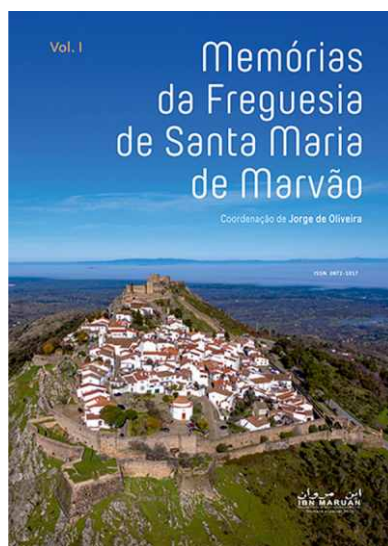
que as suas Bandas participassem em eventos do Regime de então, o que lhes valia cortes de apoios, entre outros atentados.

Além da implementação de Bandas Filarmónicas, muitas destas colectividades destacaram-se pela implementação de bibliotecas - as quais muitas vezes substituíam as deficientes bibliotecas públicas - que continham livros e faziam sessões com autores proibidos e perseguidos pelo regime fascista. Uma obra indispensável muito bem coordenada por António Mota Redol.

José Alex Gandum

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

IBN MARUAN - Revista Cultural do Concelho de Marvão - Vol. I



Câmara Municipal de Marvão
Edições Colibri, 2025, 359 pp.

Uma nova edição da Revista Cultural do Concelho de Marvão - IBN MARUÂN. Desta vez totalmente dedicada à freguesia de Santa Maria de Marvão. Dada a grande quantidade de participações, com memórias e vivências históricas, serão lançados dois volumes. Aqui fica uma pequena referência ao primeiro volume, o segundo sairá mais tarde.

Aborda uma serie de temas com grande abrangência quer temáticos

quer em termos cronológicos. Vão desde o Período Devónico (cerca de 400 milhões de anos), com destaque para a geologia do território, passando pelas primeiras ocupações humanas, através da arte rupestre. Onde temos uma interessante quantidade de gravuras, com destaque, para uma muito curiosa, designada “Parto do Ninho do Bufo”, reproduzindo uma mãe grávida ou com o filho acabado de nascer ao colo, não é fácil determinar de forma concreta, entre outras interessantes gravuras. Seguindo para períodos mais recentes, entramos na Fortaleza de Marvão, e nas histórias destas gentes, com a caracterização demográfica e socioeconómica, a religiosidade, entre outras memórias de Santa Maria de Marvão, sempre acompanhadas de imagens que nos fazem recuar no tempo e ao mesmo tempo nos entusiasma a fazer uma visita, nesta povoação Santa.

João Santos

Quanto de se ver tem Marvão Estórias das margens de um rio



João Bugalhão
Edições Colibri
Lisboa, 2024, 150 pp.

“Já muito se escreveu sobre Marvão e cada livro que surge traz-nos novas perspectivas da vida de outros tem-

pos e das gentes que ajudaram a formar o actual concelho. O livro de João Bugalhão representa mais um importante contributo para compreendermos a vida dura de outrora e darmos valor àquilo que actualmente temos, bem como àqueles que contribuíram para termos chegado onde chegámos”, é assim que Teresa Simão, marvanense, investigadora no CIDEHUS, começa o prefácio do livro e João Bugalhão, nascido em 1957 na freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão, e com uma carreira pessoal e profissional muito diversificada.

Nesta obra, o autor explica que “as estórias aqui contadas integram acontecimentos que ocorreram por terras do concelho de Marvão durante 200 anos, entre meados do século XVIII e meados do XX. Destas, algumas referem-se a factos reais e outras são completamente ficcionadas. Mas o mais frequente é que ocorra uma conjugação de ambas, realidade e ficção. Grande parte dos factos históricos aqui relatados aconteceu, as personagens na sua maioria são reais”. No fundo o que o autor pretende manter viva é a memória de como essas pessoas, nesse tempo e nesses locais, poderão ter vivido. Através de consultas documentais, recordações e da imaginação, o autor procura integrar nas estórias factos históricos e pessoas dessa época recentemente passada. Nestas estórias, moleiros, contrabandistas, confrades, serradores, trabalhadores rurais e outros cruzam-se em épocas diferentes, através das suas relações familiares, religiosas, militares e políticas. Um livro que é mais um importante contributo para a história do Alentejo e para compreender cada vez melhor a identidade única que se emana do Alentejo.

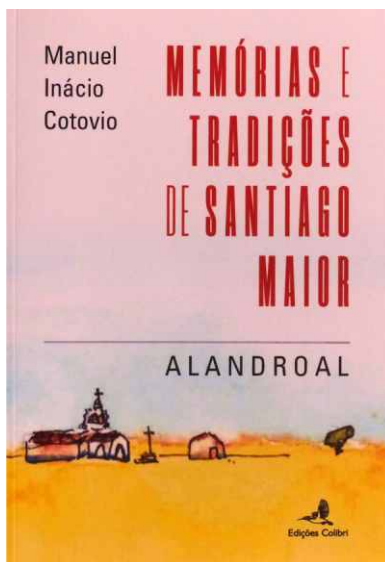
Memórias e Tradições de Santiago Maior

Alandroal

Manuel Inácio Cotovio

Edições Colibri

Lisboa, 2025, 262 pp.



Manuel Inácio Cotovio nasceu em 1932 e faleceu em 2024 não tendo visto nascer o seu livro, o qual dedicou “à terra onde nasceram cresceram, viveram, trabalharam, sofreram, lutaram e morreram os familiares e antepassados”. O autor começa por descrever a freguesia onde nasceu, Santiago Maior, uma das freguesias do concelho de Alandroal, no Alto Alentejo. Parte depois para descrições que passam pelos cozinheiros da aldeia, do Cante na noite de Reis, as festas, as inspeções militares ou até o Baile da Pinha. Recorda ainda a mina, a indústria de cortumes ou a indústria moageira, e os costumes, tradições e algumas curiosidades.

Nas suas dissertações fica a saber-se por exemplo que cães ou galinhas não podiam não podiam andar à solta, o que implicava pesadas multas, s quais eram difíceis ou impossíveis de pagar por parte de uma população pobre.

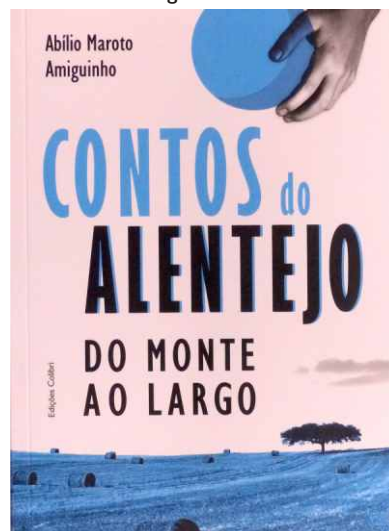
Aborda ainda a decadência das casas agrícolas e da lavoura local, mas recorda a importância do comércio local e tradicional através da venda de porta a porta, referindo que os vendedores ambulantes eram figuras carismáticas. Passa ainda pelos hábitos alimentares do antigamente e do tão propalado “uma sardinha para três”, realçando a importância dos sardinheiros/peixeiros em Santiago Maior ao longo século XX.

Nas décadas de 50 e 60 do século passado começou a debandada das pes-

soas para o estrangeiro e para as cidades portuguesas do litoral. Santiago Maior – e outras freguesias do Alto Alentejo, nunca mais seriam as mesmas. A população que ficou envelheceu e só os emigrantes davam vida às localidades durante umas poucas semanas no Verão, o que agora já não acontece com a mesma pujança.

Contos do Alentejo

Do Monte ao Largo



Abílio Maroto Amiguiño

Edições Colibri

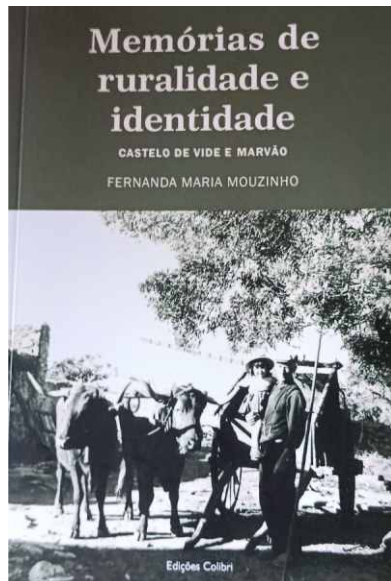
Lisboa, Setembro 2025, 192 pp.

Embora mantenha ainda uma forte identidade, o Alentejo já não é - e por um lado ainda bem - aquilo que foi durante muitos anos e muitas décadas. Por isso a importância histórica, documental, cultural e social em preservar a história e a vida comunitária e das pessoas que estão na génese da identidade alentejana. E por isso o antigo professor do Instituto Politécnico de Portalegre e especialista nas áreas de Ciências Sociais e Educação, Abílio Maroto Amiguiño (nome bem alentejano) conseguiu reunir mais 43 histórias (já havia editado outras obras com outras histórias) sobre a vida das pessoas, dos animais, dos territórios, dos costumes ou até a vida de indivíduos que marcaram um tempo em determinadas localidades e aldeias. Cada conto - com três, quatro ou cinco páginas cada um - escritos num

português elegante com um marcado cunho alentejano, lê-se com muito agrado até porque - pelo menos para os leitores menos jovens - muitas das personagens fazem lembrar sentimentos e memórias por que muitos alentejanos passaram e continuam a passar. O autor admite que evocou e invocou "espaços, paisagens, pessoas dentro delas, pelo trabalho e demais socialidades, o lúdico formativo da difícil infância, a juventude não menos fácil, a presença dos animais das vidas dos homens e ainda a relação com as árvores e as plantas...". E ainda segundo o autor estas 43 histórias ainda deixam muito para contar pelo que se espera mais umas dezenas de contos nos próximos tempos. Pelo que diz Abílio Amiguinho "muito fica para narrar na longa saga de um povo". Estejamos atentos!

José Alex Gandum

Memórias de ruralidade e identidade - Castelo de Vide e Marvão



Mouzinho, Fernanda M.
Colibri. Lisboa: 121, pp.

Neste livro encontramos pequenas crónicas plenas de pormenores que a autora refere com o filtro da sensibilidade de quem tem plena imersão na natureza da paisagem e das gentes que deram alma ao território mencionado. O prefácio foi escrito por um profes-

sor da autora, que nos convida a "um banho de cultura" e a introdução e o posfácio estiveram a cargo de um historiador e etnógrafo espanhol, que refere também a importância da obra para o mundo da cultura,

As narrativas deste livro têm como base o lar, o monte da Atalaia, o local onde nasceu a Maria Fernanda. A necessidade de reportar a memória individual e coletiva, no que refere à valorização do património imaterial familiar, é bem espelhada através de uma escrita simples, mas plena de beleza gráfica. Para quem não entende os regionalismos de certas palavras que vão surgindo no texto, a autora teve a generosidade de nos dar um glossário no final do livro, o que é muito útil no momento e, para memória futura.

Esta pequena obra é, de facto, muito interessante pois valoriza o registo não somente da narrativa e das especificidades da nomenclatura da vivência em espaços específicos, quer sejam identificados com a atividade económica, como é o registo do que era uma feira há várias décadas no passado, como também o desenho gráfico de alguns elementos correlacionados com a pastorícia e a agricultura.

Mas, o mais importante desta narrativa é a vivência e a transmissão que a autora fará, decerto, para as futuras gerações. Mesmo que não tenham lido este registo ficará o *storytelling* que será passado com interpretações da paisagem, e alimentará outras memórias.

Ana Pereira Neto
CEIA/ISEC Lisboa, CHAM/UNL

Memórias da minha Aldeia Vale de Açor 1930-1970

Mariana Correia Alexandre
Edições Colibri
Lisboa, 2025, 216 pp.

A autora nasceu em 1955, ainda assim consegue descrever factos e pessoas entre os anos 30 e 70 do século passado, o que demonstra que procurou conhecer, documentar-se e interessar-se pela maneira de viver das pessoas da comu-



nidade onde nasceu, a aldeia de Vale de Açor, no concelho de Ponte de Sor.

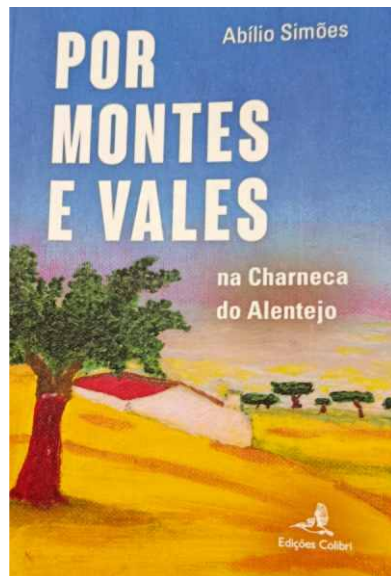
As "Memórias" da autora lembram as "condições adversas, onde faltava quase tudo: casas sem água, sem luz, as pessoas sem assistência médica, acesso precário à escolaridade...", como resume a autora do prefácio, Georgina Garcia, realçando que "a agricultura era um forte meio de subsistência".

Mas a escrita de Mariana Alexandre não recorda só os tempos difíceis de meados do século XX, mas também nos traz as lendas, os usos, e tradições, sendo que algumas conseguiram preservar-se até à actualidade. Refere ainda a alugar em que chegou a iluminação eléctrica à aldeia, dando até espaço ao cinema, que a autora descreve como "que maravilha, quando a nossa terra era beneficiada com a sua exibição!". Aborda a maneira como se conseguia levar água para casa, a lavagem da roupa nos ribeiros, os correios, como era a mendicidade de algumas pessoas e até quem eram os mais ricos da aldeia.

O livro é ilustrado por algumas fotografias da época, inclusive fotografias da própria autora, mas também da família, das ruas, das casas, dos objectos, dos brinquedos... o livro é um autêntico, útil e indispensável instrumento para todos os que tenham interesse em saber como se vivia no interior do Alentejo há algumas décadas nos anos do Estado Novo.

José Alex Gandum

Por Montes e Vales na Charneca do Alentejo



Simões, Abílio

Colibri. Lisboa: 2025, 164 pp.

Um livro que dá gosto ler. As memórias do autor discorrem sobre um território de charneca que abrange nomes atribuídos pelos seus habitantes ao longo de gerações. A mística criada pelo filtro sensorial do autor, que fixou a vontade de transcrever o que viveu, é renovada pelo leitor, quer ele conheça o Alentejo ou não.

Com um prefácio de Ricardo Branco, no qual se destaca a importância deste contributo gráfico para o Arquivo Digital e Imaterial da Comenda, seguem dez capítulos sobre os espaços e as vivências de sete herdades e de uma quinta. Iniciando estas narrativas, um capítulo introdutório sobre o olhar seletivo do autor sobre a paisagem natural e cultural, dos montes e vales percorridos desde tenra idade; e encerra a narrativa com um capítulo final, no qual se refere a importância da reabertura de um novo ciclo de vivências, em que novas perspectivas poderão ser apreciadas e sentidas através de outros olhares sobre o mesmo território, também sujeito a transformações.

A narrativa está centrada na Comenda; contudo, refere particularidades

de sete herdades e de uma quinta. Estes capítulos são plenos de pormenores ricos em informação lexical regional específica, de grande interesse para a memória futura, assim como para estudos multiculturais no território português. Pessoas e suas interações em momentos do ciclo anual rural, a fauna e a flora são descritas de forma maravilhosa, captando o interesse do leitor para uma visita de caráter lúdico-cultural a estes lugares e espaços, plenos de vivências que deixam suas auras e trilhos.

Ana Pereira Neto

CEIA/ISEC Lisboa, CHAM/UNL

A(R)RISCAR em MONTALVÃO



Luís Pedro Cruz

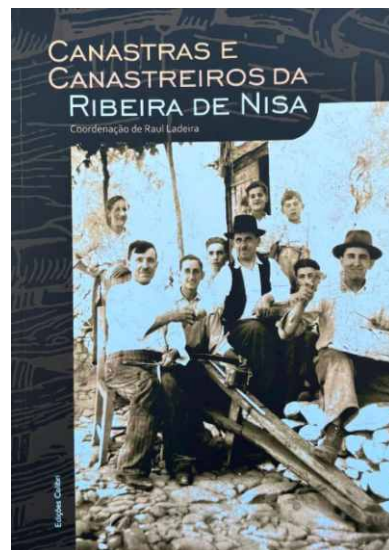
Edições Colibri, 2025, 151 pp.

“A(R)RISCAR em Montalvão” é um projeto - que tendo já percorrido outras localidades, como Castelo de Vide, Póvoa e Meadas, desta vez resolveu fazer uma visita guiada ao concelho de Nisa, mais concretamente, viajando até Montalvão.

É um projeto em forma de visita guiada, que nos permite viajar através das ruas históricas, a partir dos seus desenhos e ao mesmo tempo, é como se alguém nos tivesse a falar ao ouvido, sobre a sua evolução urbana, com as suas histórias particulares, que nos permite perceber e compreender o diálogo entre o passado e o presente.

Com uma leitura leve e fluida. Este livro permite inclusivamente, servir de guia, numa visita ao vivo em Montalvão, que em boa verdade nos impele a fazê-lo.

Canastras e Canastreiros da Ribeira de Nisa



Raul Ladeira

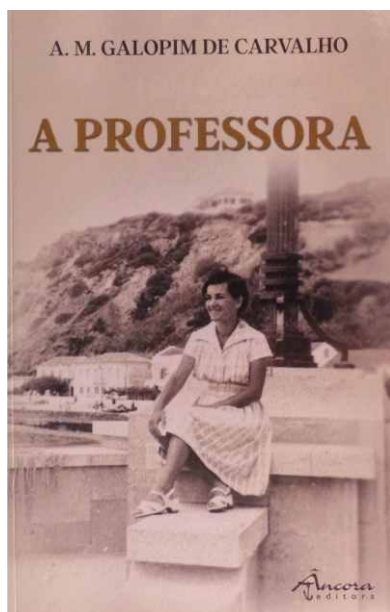
Edições Colibri, 2025, 104 pp.

Este trabalho para além de contar e demonstrar a arte das Canastras e Canastreiros da Ribeira de Nisa, em toda a sua evolução histórica e na importância, do modo de vida destas populações, deseja também deixar uma homenagem, a todos homens e mulheres, um legado, que não deve ser esquecido, mas sim apreciado.

A arte e o saber destas gentes, que a partir do castanheiro bravo, desenvolveu uma série de “obras”, perde-se no tempo. Mas estas chegaram a todo o território nacional, de norte a sul. Em diferentes variantes de acordo com as necessidades do comércio da época.

Isto foi algo que contribuiu para o desenvolvimento económico de várias atividades, com o recurso a estas tecnologias, de embalagem e transporte de bens (uvas, peixe, azeitonas, fruta, etc.). Em que a mãe natureza era também mestre respeitada...

João Santos

A Professora

António Galopim de Carvalho
Âncora Editora
Lisboa, Dezembro 2025, 220 pp.

68 anos de partilha, assim tem sido a vida conjugal de Galopim de Carvalho com a sua mulher, Isabel. Motivo suficiente para o Professor conhecido também como 'Pai dos Dinossauros', mercê do seu estudo e trabalho exaustivo sobre os gigantes do passado, e não só, dedicar também um livro à mulher que o acompanha desde os 26 anos (Galopim de Carvalho tem agora 94 anos, os mesmos que Isabel).

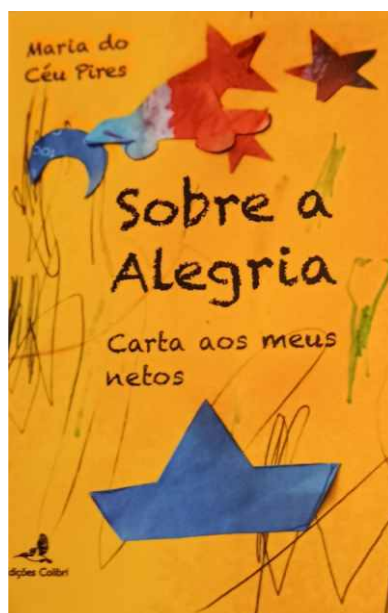
Para António Sampaio da Nóvoa, Reitor da Universidade de Lisboa e autor do prefácio, "este livro é uma história de amor. São muitas décadas de um caminho feito a dois. São episódios deliciosos, contados com o talento e a ternura de um homem extraordinário - na vida, na ciência, na cidadania.

Através de relatos e memórias da sua vida com Maria Isabel Fialho (Professora de profissão), Galopim de Carvalho aborda também parte da história de Portugal do século XX, no universo da sociedade e das famílias (residem em Évora), e da política, sobretudo na segunda metade do século. Retrata um país com regras, costumes

e repressão até 1974. O facto de partilhar a vida com Isabel, com um percurso notável na Educação, o professor Galopim acaba por retratar também parte da sua vida académica e homem de ciência. Um livro que é muito mais que uma biografia, documentos que Galopim de Carvalho transpõe para a escrita, a exemplo dos textos e assuntos que coloca no seu Facebook todos os dias às seis horas da manhã.

José Alex Gandum

Sobre a Alegria.
Carta aos meus netos.



Pires, Maria do Céu
Colibri. Lisboa: 2025, 89 pp.

Dedicado aos dois netos da autora, e com dois prefácios que referem a importância das crianças e da presença do amor incondicional dos avós no seu desenvolvimento, este livrinho de poemas é grande para além do número de páginas que contém tem. Palavras simples, em forma de poemas que constroem o tecido da alegria e do amor. Palavras para serem lidas e ditas com a ternura que transparece saídas do coração da avó Maria do Céu, tão semelhante aos corações de outras avós.

As ilustrações de João Andrade Rebelo, compõem a beleza deste livro.

Décimas à Senhora da Consolação,
uma prática que resiste em Igrejinha, Arraiolos



Cacete, Florêncio (coordenação)
Colibri: 2025. Lisboa: 219, pp.

Este livro faz o registo de pessoas e poesia, feito na arte de criar e dizer décimas.

Onze decimeiros bem identificados, nascidos em décadas diferentes do século XX, deixam neste livro, para além da sua curta biografia, vinte e quatro anos da sua oferenda e do pedido de proteção à Senhora da Consolação.

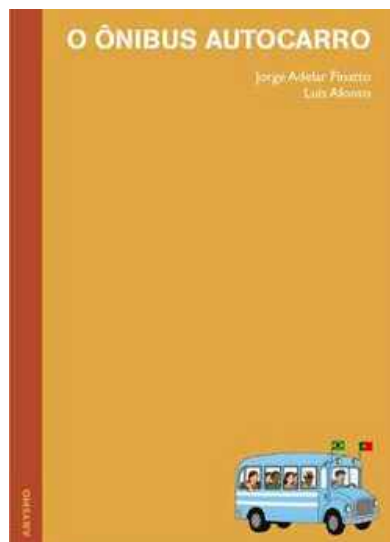
Num total de 1200 décimas reunidas nesta obra, refere-se a didática da sua construção, através de esquema rítmico. Quem tem interesse pela temática etnográfica tem, neste livro, uma boa fonte para consulta e trabalho, quer no contexto nacional ou no da diáspora.

Percursos de vida em contextos muito semelhantes, no que se refere à pertença e ao domínio do espaço/tempo profano, bem como à partilha de um sagrado inteligentemente construído. Esta recolha é um bom exemplo de salvaguarda do património intangível. O registo da tradição foi bem recebido

pelos diversos apoios e patrocínios da governança regional e local à sua edição.

Ana Pereira Neto
CEIA/ISEC Lisboa, CHAM/UNL

O Ônibus Autocarro



Jorge Adelar Finatto / Luis Afonso
Lisboa: abysmo, 2026, Março, 78 pp

Acabado de sair do forno, ainda estaria quente se se de pão se tratasse, quando escrevo, apresentado na Casa da Imprensa por estes dias. Interessante livro, ou livrinho, se quiserem, porque é quase de bolso, formato ligeiramente menor que um A5, mas como diz o ditado – inventei agora – “Um livro não se mede aos palmos” – é delicioso ler livrinho do Luís Afonso, e do seu parceiro. Aliás, estas duas características são características usuais nas últimas produções literários do Amigo Luís Afonso, um pouco diferente são as dimensões dos seus livros de cartoons, mas são sempre uma “barrigada de rir”, a subtil ironia deste jornalista alentejano de Aljustrel há muitas décadas radicado em Serpa, sócio do CEDA desde a primeira hora, o Amigo Luís Afonso. Primeira curiosidade: é escrito a duas mãos, com o autor brasileiro Jorge Adelar Finatto.

Segunda curiosidade: o tema é o mesmo, ou pelo menos semelhante, pois são estórias surgidas no contexto do

Ônibus e do Autocarro, decisão dos próprios autores.

Terceira curiosidade: são 10 estórias, cinco de cada autor, com o espaço dividido “irmamente”.

Escrito naquele estilo a roçar o non sense, como o Luís já nos habituou - e agora nos habitua o Jorge – percorremos o dia-a-dia com as diversas personagens.

Enquanto as estórias passadas no Brasil – talvez Porto Alegre - em que uma personagem de um revisor literário, cego, é afinal de origem extraterrestre, mas na última estória, “Adeus ao passado, rumo ao amor possível”, opta por ficar no planeta Terra quando lhe é preposto ser resgatado para o planeta de origem – ficamos se saber qual é – nas estórias do Luís, passadas provavelmente em Lisboa – pelo menos assim parece – até lhe perguntámos, na derradeira “O condutor”, que se fartara de o ser de autocarro e estivera três anos a conduzir um camião de mercadorias, mas fartara-se aí da solidão e afinal, qual filho pródigo, regressara aos autocarros, terminando com este deliciosa prosa: “Ora um homem não é de ferro, às tantas não se aguenta. E foi assim, carente, que regressou ao transporte de passageiros. Ficou até emocionado ao ouvir novamente um automobilista chamar-lhe “filho da puta”. Teve vontade de sair do autocarro para ir abraçá-lo.”

Luís Afonso no seu melhor!
Um abraço fraterno, Amigo!

Chuva de Jasmim

Shahd Wadi

Editorial Caminho, Lisboa: 2025, 101 pp.

Conheci a autora na Feira do Livro, de Lisboa. Já ia de saída, depois de uma sessão de autógrafos quando depara com Chuva de Jasmim livro do dia, apresso-me a comprar e quando repara a informação na presença da autora, a quem me dirijo.

Ficamos à conversa, primeiro Almutâmide, que ela conhecia, depois Agmate, onde é estás sepultado nom mauso-

Shahd Wadi CHUVA DE JASMIM

POESIA



CAMINHO

léu alvo de visitas e até peregrinações por crentes do Islão, assim como os quase 50 grandes poetas que identificou aqui no Garbe al-Andalus, entre meados do século XI e século XIII.

Na dedicatória escreveu: “(...) Haverá chuva de jasmim na Palestina e no mundo”.

São exactamente 50 poemas divididos por quatro partes: O corpo que não é, A casa, Os anjos não têm morada e Chuva de jasmim.

Poesia visceral entre o eu e o colectivo, diria de intervenção, como este, o penúltimo, o poema “1948”, que remete para a catástrofe palestiana Nakba que expulsou a sua família da pátria Palestiniana e a impossibilitou de nascer na sua terra:

1948
Minha casa
tornou-se
capaz
de todas as chaves.

E como termina o poema que dá título ao livro:

(...)
Um dia haverá chuva de jasmim.
O meu texto é chuva de jasmim.

Ou será como escreve, como escreve Alexandra Lucas Coelho, na contracapa:

“Este será o primeiro livro palestiano da poesia portuguesa. Ou vice-versa? Shahd Wadi fez de Portugal a sua morada – até que ir para casa seja possível.

Enquanto a Palestina estiver ocupada, o mundo é a Palestina.”

Esperamos activamente solidários, com uma bandeira da Palestina para o mundo, chuva de jasmim que tarda em chegar.

À Descoberta de um Verso

À Descoberta de Um Verso

José-António Chocolate



José-António Chocolate

Edições Colibri, Lisboa: 2025, Março, 133 pp.

Conheço o Zé António há mais de 40 anos, quando ele, ainda muito jovem - e eu jovemzinho - fundou em Setúbal o Grupo de Poetas e Escritores Setubalenses. Depois disso muita água correu debaixo das pontes, mas temos mantido um contacto por vezes com alguns anos de intervalo. Quis o destino que, presentemente na mesma Editora, a nossa Colibri, do amigo Fernando Mão de Ferro, tivéssemos estado juntos na Feira do Livro de Lisboa, na sessão de autógrafos, eu com o meu *Soleira da Porta*, o José António Chocolate Contradanças com este livro. O Zé António então assinava assim, actualmente mudou o seu nome artístico.

Este livro, com várias ilustrações de quatro artistas plásticos surge para reunir um conjunto de crónicas que publicou na Revista *Sem Mais Alentejo* e posteriormente na Revista *Alentejo*

Ilustrado, aqui entremeados com poemas e ilustrações.

Mas como o Zé António é um poeta, sobretudo poeta, ele que me desculpe mas direciono-me para a sua poesia e especificamente para um poema que gostou especialmente, que saiu no *Nova Antologia de Poetas Alentejanos* (2011 e 2ª ed. 2013) que coordenamos, deste poema:

“Estranha forma de nos perdermos para sempre”

*Sé te pedi
um sonho
e tu desdobraste,
em minhas mãos,
a realidade*

*Estranha forma
de nos perdermos
para sempre.
(...)*

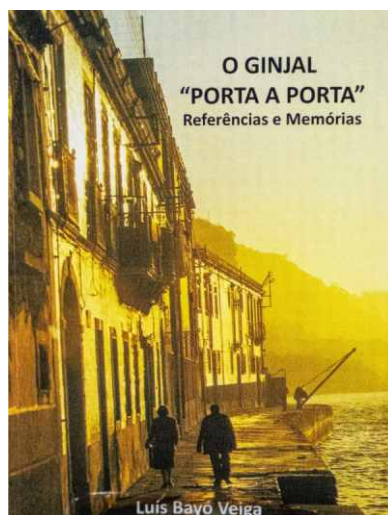
Adoro este poema.

Mas por favor leiam o livro todo e no final digam-me de que poema ou crónica mais gostaram.

Um abraço, Amigo Zé António.

O Ginjal “Porta a Porta”

Referências e Memórias



Luís Bayó Veiga

O Farol – Associação de Cidadania de Cacilhas, Almada: 2024, Maio, 91 pp.

Este é um daqueles trabalhos nos falamos apenas da Memória, pois o Ginjal que

existia em 2024, quando o livro foi editado está hoje irreconhecível, pois faz irremediavelmente parte da Memória, do passado. Daí também a pertinência que ser aqui referido e, ainda que com alguma brevidade, analisado nesta rúbrica Acontecendo. Está edição, mais uma de O Farol que presta um importante contributo activista e permanente à comunidade cacilhense mas globalmente de todo o concelho, contando com o apoio da Autarquia ao nível da Freguesia, a UFACPPC, como é referido pela presidente Maria d' Assis Almeida, transporta-nos desde o século XVIII até aos anos 80 do XX. pela História, a Memória e as estórias desta parcela de território conhecido pelo Cais do Ginjal, frente ribeirinha que se estendia por cerca de 1.000 metros de extensão e uma área superior a 80.000m2, desde o cais de embarque dos “cacilheiros” junto ao Largo de Cacilhas até às imediações da Fonte da Pipa.

A seguir a um breve historial, que nos elucida que o cais em pedra que existiu até muito recentemente só surgiu em meados do século XIX. A autor conduz-nos, numa visita guiada ao longo de três capítulos: I – Da “Fonte da Alegria” ao “Grémio”; II – Do “Grémio” ao “Corredor do Ginjal” e III – Do “Corredor do Ginjal” ao “Ponto Final”, respetivamente 10, 20, 22 edifícios, ou estabelecimentos de restauração ou similares, ou fábricas – inclusive de óleo de fígado de bacalhau, de salga de peixe, de exportação de sardinhas e anchovas - Armazéns de vinhos e outros, Estaleiros navais de reparação, tanoarias, latoarias, complexos industriais, inclusive abastecedores de navios, de Frio e aluguer de frigoríficos, casas de habitação e... até a praia das Lavadeiras ou praia do Ginjal.

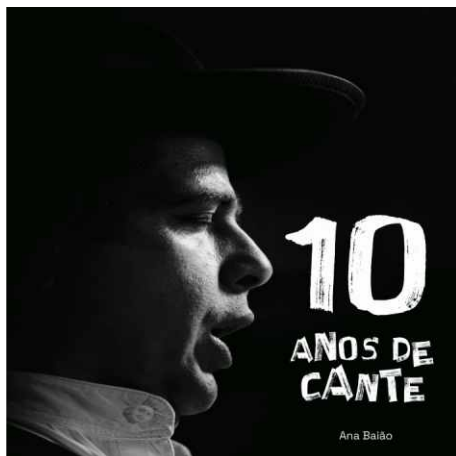
Como Ângela Luzia escreve no prefácio: “(...) quando o bisavô Ramon Bayó chegou a Cacilhas na Década de 1880 quando tascas, casas de pasto e retiros coexistiam com a azáfama do trabalho nos armazéns de vinho, nas tanoarias, fábricas de cortiça, de gelo e de conservas, com os banhos na praia

das Lavadeiras, até à Fonte da Pipa, que antecedia a Companhia Portuguesa de Pesca e depois a Arealva.”

Resta-nos agradecer ao autor pelo excelente trabalho de pesquisa, de recolha e de sistematização da informação, que está de parabéns por este importante contributo para a Memória e a Identidade locais e o seu reflexo na coesão social, bem todos os envolvidos neste trabalho assim como as entidades que editaram e apoiaram. Bem hajam!

Eduardo M. Raposo

10 Anos de Cante



Ana Baião

Tradisom, sl: 2024, Março, 208 pp

Este livro da Amiga Fotojornalista Ana Baião – o fotógrafo do Cante como a Ana Paula Amendoeira a designou na sessão sobre o 11º aniversário do Cante PCIH na Charneca de Caparica é mais um contributo inestimável para a valorização, salvaguarda e dignificação do Cante que a Ana, que ao longo destes últimos dez anos, tem vindo a registar o Cante um pouco por todo o Alentejo, bem como na grande Lisboa, em diversas iniciativas e grupos. Publicou até à data dois livros: *Cante - Alma do Alentejo*, em 2017, pela RCP Edições; e *Cuba Cante Tabernas e Talhas*, em 2021, este a convite da Câmara Municipal de Cuba, de que a *Memória Alentejana* tem dado destaque.

Por outro lado fotografou para dois CD, *Alentejo Ensemble*, do Rancho de Cantadores de Paris, em 2019; e *Cante ao Menino na Capital*, do Grupo ALCante, da Junta de Freguesia de Alcântara, com a participação dos outros grupos corais de Lisboa, em 2021.

No lançamento que teve lugar na Casa do Alentejo, com o Vitorino e a Ana Paula Amendoeira, que foi diretora regional de Cultura do Alentejo (2013 – 2023) e até ao início de 2025, foi Vice-Presidência para a área da Cultura na CCDR Alentejo, esta considerou: “é uma sorte podermos contar com a Ana Baião que segue, acompanha as mulheres e os homens que cantam o Cante,

por todo o lado, para os registar, para os dignificar, para os resgatar sempre, pela imagem, de décadas e séculos de sofrimento e pobreza e de tantas coisas. Somos devedores a esta fotógrafa do Cante, esta artista consegue captar o Alentejo e que nos mostra em cada fotografia o que o Miguel Torga escreveu sobre os Alentejanos: É preciso ter uma grande dignidade humana, uma certeza em si muito profunda, para usar uma casaca de pele de ovelha com o garbo dum embaixador.

Com uma edição esgotada, fazemos votos que uma 2ª edição se concretize, enquanto a Ana Baião está já envolvida num outro projecto.

Parabéns Ana, pela tua persistente paixão pelo Cante, por todos os excelentes registos que connosco tens partilhado.

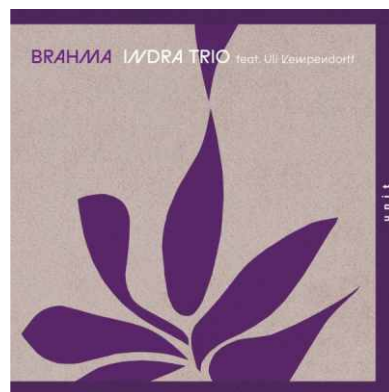
Um abraço fraterno!

Brahma

Indra Trio

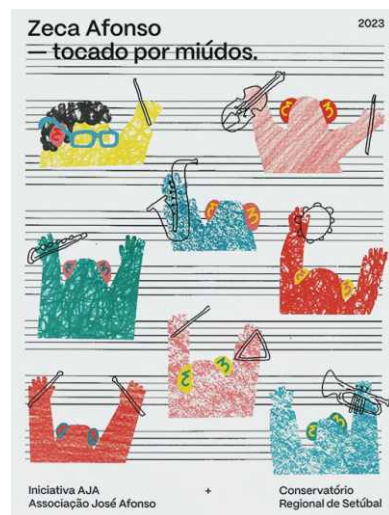
Luís Barrigas, piano João Custódio, contrabaixo e Jorge Moniz, bateria, com Uli Kempendorff, saxofone tenor. (2025).

Um álbum maravilhoso deste trio, com o saxofonista alemão numa criação maravilhosa- Uma conversa criati-



va de músicos que se descobrem e nos dão nove temas de encantamento. Para ouvir, ouvir e simplesmente sentir, em momentos de tranquilidade, em repeat.

Zeca Afonso Tocado por Miúdos



Edição da Parceria do Conservatório Regional de Setúbal e da Associação José Afonso - 2023

Técnico de som João Hora
Orquestração Jorge Moniz
Maestro Raul Avelãs

Para ouvir a originalidade destes jovens interpretes de 12 temas de José Afonso. Quem gosta da obra deste génio da música portuguesa deve comprar este disco para juntar à coleção.

José Afonso, para ouvir sempre!

Ana Pereira Neto
CEIA/ISEC Lisboa, CHAM/UNL

Mário Zambujal (1936-2026): um malandro dos bons

Jornalista, escritor, argumentista, guionista de séries de televisão, comunicador de excelência, assim foi o alentejano de Amareleja, Moura, Mário Zambujal, que nos deixou há poucas semanas.

Foi provavelmente um dos jornalistas portugueses mais ecléticos e versáteis, tendo exercido funções de direcção em jornais desportivos, diários generalistas, semanários ou jornais de temática cultural. Apresentou e colaborou em inúmeros programas de televisão e rádio ao lado de nomes como Carlos Cruz ou Raul Solnado. Autor de mais de duas dezenas de livros, a sua primeira e mais conhecida obra ('Crónica dos bons malandros' - 1980) seria adaptada para o cinema.



Festival de Teatro de Almada

O Festival de Teatro de Almada (FTA) está de regresso e a 43ª edição vai decorrer entre 4 e 18 de Julho deste ano. Nesta edição a Literatura está de novo em força. Teatro, dança, performance, música, cabaret e as variedades propõem peças clássicas, romances ou poesias, em especial a poesia de Jacques Brel.

O FTA não é só um festival de teatro, é também um encontro entre artistas e público, por isso a organização anuncia que todos os dias haverá colóquios com os criadores e concertos de entrada livre na Esplanada da Escola D. António da Costa.

OVIBEJA de 29 de Abril a 3 de Maio

Todo o Alentejo deste Mundo' continua a ser o lema da Ovibeja, uma das maiores feiras agrícolas em Portugal. A edição deste ano - 42ª - realiza-se de 29 de Abril a 3 de Maio no Parque de Feiras e Exposições Manuel de Castro e Brito, em Beja, como habitualmente, sendo uma organização da ACOS - Associação de Agricultores do Sul. A Ovibeja tem sido desde a sua criação - 1984 - uma montra do Alentejo que reúne comércio, pecuária, maquinaria, gastronomia e concertos. Este ano o evento vai contar com a participação do grupo de Beja, 'Vizinhos'.

FMM de Sines de 17 a 25 de Julho

O Festival de Música do Mundo vai decorrer em Porto Covo entre os dias 17 e 19 de Julho próximo, e em Sines de 20 a 25 do mesmo mês. O FMM de Sines é um dos festivais mais importantes da Europa na área da Música do Mundo. Este ano vai contar, como habitualmente, com a participação de artistas de dezenas de países.

1º Festival Literário Internacional

Afro-Ibero-Caribenho

O 1º FLIAIC vai realizar-se nos dias 29 e 30 de Maio deste ano no Centro Cultural Fernão Mendes Pinto, em Almada. A organização deste 1.º Festival Literário Internacional está a cargo do CHAM-FCSH/UNL, em parceria com o CEDA, a UFACPPC e a Almada Mundo.



Excelente sessão em Alcácer do Sal

VI Encontro do CEDA em Alcácer do Sal assinalou os 50 Anos da Constituição. Intervenções de Ana Paula Amendoeira, Rogério de Brito e M. Macaísta Malheiros. Presença da Presidente da CM, Clarisse Campos, que também usou da palavra.

Elevado momento de cidadania e de contributo para o aprofundamento da Democracia. Nesta sessão, que contou com cerca de 40 pessoas no público, entre eles, Fernando Mão de Ferro - sócio fundador, Amigo e editor - foi homenageado postumamente o sócio nº 1 de CEDA, João Honrado, assim

como o sócio fundador, nº 3, Rogério de Brito. que foi alvo de uma grande ovação dos presentes. Tal também aconteceu com o outro sócio homenageado, Manuel Malheiros.

De referir que estiveram presentes três presidentes deste Município: a actual Edil assim como M. Malheiros, que foi presidente da Comissão Administrativa (1974 e 1976) - e Ministro do Comércio Interno V Governo Provisório e Governador Civil de Setúbal (2010-2011) entre outros - e Rogério de Brito (1994 a 2005) - e Deputado à Assembleia da República (1980 a 1999) e ao Parlamento Europeu (1992 e 1993).

CEDA

Centro de Estudos Documentais do Alentejo
Memória Colectiva e Cidadania

Inscrição Sócio | Tipo de sócio

Individual - Quota anual de 12,5€

(inclui um exemplar da Revista *Memória Alentejana*)

Coletivo - Quota mínima de 25€

(inclui dois exemplares da Revista *Memória Alentejana*)

Se pretende ser apenas assinante da Revista *Memória Alentejana*
(dois exemplares - 5€/ano)

Enviar correio electrónico ou carta com os seguintes dados:

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1 - Assunto: Inscrição Sócio - CEDA | 7 - Telefone/Telemóvel |
| 2 - Tipo de Sócio | 8 - Local de Trabalho |
| 3 - Nome Completo | 9 - Habilitações Académicas |
| 4 - Naturalidade | 10 - Área de Atividade |
| 5 - Morada | 11 - Área de Interesse para Participar |
| 6 - Correio Electrónico | 12 - Observações |

Contactos:

cedalentejo@gmail.com
93 945 75 23

Montepio Geral, NIB: 0036 0185 9910 000 845 616

Sede: Casa do Alentejo
Rua Portas de Santo Antão, n.º 58 · 1150-268 Lisboa

Delegação em Almada:
Casa das Associações, Rua Mário Casimiro, Charneca de Caparica

Locais de distribuição e venda:

A *Memória Alentejana* pode ser consultada:

- Municípios, Bibliotecas Municipais e Associações Culturais, através das respectivas Comunidades Intermunicipais

É também distribuída para:

- Entidade Regional de Cultura do Alentejo
- Bibliotecas Públicas
- Comunicação Social: *Diário do Sul*, *Diário do Alentejo*, *Folha de Montemor*, *Rádio Voz da Planície*, *Rádio Pax* e outros
- Pensão Carvalho – Rua Gago Coutinho, 13, Sines

Está à venda em livrarias e locais de referência:

Alentejo

Livraria Nazareth – Praça Giraldo, Évora
Quiosque Bandeirante (junto à Rodoviária), Beja
Livraria A das Letras – Av.º 25 de Abril, 8, Sines

Lisboa

Casa do Alentejo – R. Portas de S. Antão, 58
Livraria Tantos Livros – Av. Marquês do Tomar, 1B
Livraria Colibri – FCSH/UNL, Av. de Berna, 26 C

Estatuto Editorial

A Revista *Memória Alentejana* é uma publicação sem fins lucrativos, propriedade do Centro de Estudos Documentais Alentejanos (CEDA), dedicada essencialmente a temas que dizem respeito ao Alentejo.

Publicada desde 2000, a *Memória Alentejana* pauta-se pelos valores da dignidade da pessoa humana, da liberdade, da democracia, da independência, do pluralismo e do rigor jornalístico e ético.

Desde sempre que a *Memória Alentejana* tem abordado exaustivamente temas que dos pontos de vista histórico, geográfico, social ou cultural, são caros às gentes alentejanas, recorrendo a uma investigação aturada e séria. A informação fornecida baseia-se em entrevistas, reportagens, artigos de opinião e investigação, e informação geral, onde as raízes culturais alentejanas estão em destaque, embora possa abordar temas de âmbito nacional ou outro.

Como publicação sem fins lucrativos, a *Memória Alentejana* tem actualmente periodicidade anual e vive de contribuições de entidades públicas, podendo, no entanto, também contar com o apoio de entidades privadas, sendo que essas contribuições não têm carácter regular.

Ficha Técnica:

N.º 46 - 2024/2025 | Sede da Associação, Editor e Redacção: Casa do Alentejo, R. Portas de Santo Antão, 58, I 150-268 Lisboa | **Redacção:** 939 457 523 | **Publicidade:** 965 090 022 | **E-mail:** cedalentejo@gmail.com | **Proprietário e Editor:** CEDA – Centro de Estudos Documentais do Alentejo – Memória Colectiva e Cidadania - NIPC 505 750 040 - INPI 364684 | **Edição:** Memória Alentejana | Os artigos publicados são da responsabilidade dos respectivos autores. Estes têm a liberdade de escrever segundo o Novo Acordo Ortográfico ou não | **Director:** Eduardo M. Raposo | **Coordenação Editorial:** Eduardo M. Raposo e José Alex Gandum | **Editor de Imagem:** José Alex Gandum | **Editores:** Ana Pereira Neto e João Santos | **Conselho Editorial:** António Ventura, Cláudio Torres, Manuel Malheiros e Rogério de Brito | **Colaboraram neste número:** Ana Pereira Neto, Arnaldo Leite, Artur Cortez, Helena Pato, João Carlos Callixto, João Santos, José Manuel Maia, Júlia Matos Silva, Luís Farinha, Manuel Baião, Nuno Sampaio, Paulo Bicho, Pedro Tadeu, Rogério de Brito, Santiago Macias, Victor Reis e Vítor Paulo | **Fotografias:** Ana Pereira Neto, Eduardo M. Raposo, José Alex Gandum e JFCCS | **Revisão:** Ana Pereira Neto, José Alex Gandum e Eduardo M. Raposo | **Foto da Capa:** Junta de Freguesia de Charneca de Caparica e Sobreda | **Paginação:** 4iD – Design Gráfico | **Impressão:** Gráfica Jorge Fernandes, Lda. - Rua Leite Faria, n. 24, 2820-476 Charneca de Caparica | **Tiragem:** 1500 exemplares | **Depósito legal:** 172 511/1 | ISSN: 1645-6424 | **Registo:** ERC 124487

A *Memória Alentejana* contou com os apoios:



Colaboração:



Apoio na distribuição:



Protocolos e permutas:





CEDA

Centro de Estudos Documentais do Alentejo
Memória Colectiva e Cidadania

CEDA E MEMÓRIA ALENTEJANA

26 ANOS 47 EDIÇÕES



Edições Colibri

**A paixão dos Livros
com o Alentejo
no Coração**

Um destino
com muitos destinos.

ALENTEJO

CAIADO DE FRESCO